

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM  
ENFERMAGEM DO CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE  
BARROS**

PICOS  
2019

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

Alteração do Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem (presencial) da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, no município de Picos – Piauí, a ser implementada a partir de 2020.1.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

**REITOR**

José Arimatéia Dantas Lopes

**VICE-REITORA**

Nadir do Nascimento Nogueira

**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO**

André Macedo Santana

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Lucas Lopes de Araújo

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

João Xavier da Cruz Neto

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Regina Lúcia Ferreira Gomes

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Cleânia de Sales Silva

**PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS**

Adriana de Azevedo Paiva

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO****Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira**

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

**Maraísa Lopes**

Coordenadora Geral de Graduação

**Maria Rosália Ribeiro Brandim**

Coordenadora Geral de Estágio

**Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha**

Coordenadora de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular

**Lucyana Oliveira Barbosa**

Diretora de Administração Acadêmica

**Rosa Lina Gomes do N. Pereira da Silva**

Coordenadora de Administração Acadêmica Complementar

**Adrianna de Alencar Setubal**

Coordenadora de Seleção e Programas Especiais

**Ana Caroline Moura Teixeira**

Assistente do Pró-Reitor

**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**DIRETOR**

Francisco Gleison da Costa Monteiro

**VICE-DIRETORA**

Maria do Socorro Meireles de Deus

**COORDENADORA DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira

**COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)

Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)

Nádya dos Santos Moura (DOCENTE)

Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)

Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)

Erielton Gomes da Silva (DISCENTE)

Joao Matheus Ferreira do Nascimento (DISCENTE)

**COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO**

Ana Larissa Gomes Machado (DOCENTE)

Ana Roberta Vilarouca da Silva (DOCENTE)

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)

Lany Leide de Castro Rocha Campelo (DOCENTE)

Luisa Helena de Oliveira Lima (DOCENTE)

Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)

Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)

Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)

**IDENTIFICAÇÃO DA MANTENEDORA**

**MANTENEDORA:** FUFPI

**RAZÃO SOCIAL:** Universidade Federal do Piauí

**SIGLA:** UFPI

**NATUREZA JURÍDICA:** Pública

**CNPJ:** 06.517.387/0001-34

**ENDEREÇO:** Campus Universitário Ministro Petrônio Portella – Bairro Ininga s/n

CEP: 64049-550

**CIDADE:** Teresina

**TELEFONE:** (86) 3215-5511

**E-MAIL:** [scs@ufpi.edu.br](mailto:scs@ufpi.edu.br)

**PÁGINA ELETRÔNICA:** [www.ufpi.br](http://www.ufpi.br)

## IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

**DENOMINAÇÃO DO CURSO:**

*Bacharelado em Enfermagem*

**CÓDIGO DO CURSO:**

99864

**UNIDADE RESPONSÁVEL:**

*Campus Senador Helvídio Nunes de Barros*

**UNIDADE DA COORDENAÇÃO:**

*Campus Senador Helvídio Nunes de Barros*

**CRIAÇÃO DO CURSO:**

*Resolução CEPEX/UFPI Nº 130*

*Publicação: 28 de julho de 2006*

**RECONHECIMENTO DO CURSO:**

*Portaria MEC Nº 446 de 01 de novembro de 2011*

*Publicação no DOU: 03 de novembro de 2011*

**TÍTULO ACADÊMICO:**

*Graduado - Bacharel em Enfermagem*

**MODALIDADE:**

*Ensino Presencial*

**TIPO DE OFERTA DO CURSO:**

*Semestral*

**DURAÇÃO DO CURSO:**

*Mínimo: 9 (nove) semestres letivos (4,5 anos)*

*Máximo: 14 (catorze) semestres letivos (7 anos)*

*Para alunos com necessidades educacionais especiais, o prazo máximo de permanência no curso é de 16 semestres letivos.*

**ACESSO AO CURSO:**

*Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), através do Sistema de Seleção Unificada – SISU/MEC e, de acordo com Edital específico da UFPI.*

**SISTEMA CURRICULAR:**

*Créditos*

**REGIME LETIVO:**

*Créditos (distribuídos em 9 semestres letivos)*

**TURNO(S) DE OFERTA:**

*Matutino e vespertino (integral)*

**VAGAS AUTORIZADAS:**

*30 vagas semestrais / 60 anuais (Resolução CEPEX N°. 159/16)*

**CRÉDITOS POR SEMESTRE:**

*Mínimo: 12 ; Máximo: 35*

<b>COMPONENTES CURRICULARES</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>CRÉDITOS</b>
<b>Disciplinas Obrigatórias</b>	<b>2 895</b>	<b>193</b>
<b>Disciplinas Optativas</b>	<b>120</b>	<b>8</b>
<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b>	<b>90</b>	<b>6</b>
<b>Atividades Complementares</b>	<b>225</b>	<b>15</b>
<b>Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório</b>	<b>840</b>	<b>56</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4 170</b>	<b>278</b>



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1.1	JUSTIFICATIVA .....	12
1.1.1	NECESSIDADE SOCIAL E INSTITUCIONAL DE SUA ATUALIZAÇÃO .....	12
1.1.2	NECESSIDADES ADVINDAS DO AVANÇO DO CONHECIMENTO E DA TECNOLOGIA DAS DEMANDAS DA SOCIEDADE E DE MERCADO .....	14
1.2	CONTEXTO REGIONAL E LOCAL .....	19
1.2.1	CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ESTADO .....	19
1.2.2	CARACTERIZAÇÃO LOCAL - CIDADE DE PICOS .....	20
1.2.3	CONTEXTO GERAL DO SETOR EDUCAÇÃO .....	21
1.3	HISTÓRICO E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA UFPI E DO CURSO	24
1.3.1	BREVE HISTÓRICO DA UFPI .....	24
1.3.2	HISTÓRICO DO CURSO .....	26
1.3.3	MISSÃO .....	27
<b>2</b>	<b>CONCEPÇÃO DO CURSO</b> .....	<b>28</b>
2.1	PRINCÍPIOS CURRICULARES E ESPECIFICIDADES DO CURSO .....	28
2.1.1	MARCO CONCEITUAL .....	30
2.1.1.1	PRESSUPOSTOS .....	30
2.1.1.2	PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM .....	32
2.2	OBJETIVOS DO CURSO .....	36
2.3	PERFIL DO EGRESSO .....	36
2.4	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES .....	38
2.5	CORPO DOCENTE .....	41
2.5.1	NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE .....	41
2.5.2	ATUAÇÃO E REGIME DE TRABALHO DO COORDENADOR .....	42
2.5.3	PERFIL DO CORPO DOCENTE .....	44
<b>3</b>	<b>PROPOSTA CURRICULAR</b> .....	<b>47</b>
3.1	ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR .....	47
3.1.1	MATRIZ CURRICULAR .....	50
3.1.1.1	DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS .....	52
3.1.1.2	DISCIPLINAS OPTATIVAS .....	54
3.2	FLUXOGRAMA .....	55
3.3	ESTÁGIO, ATIVIDADES COMPLEMENTARES E TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....	57
3.3.1	ESTÁGIO CURRICULAR .....	57
3.3.2	ATIVIDADES COMPLEMENTARES .....	60
3.3.3	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....	61
3.4	METODOLOGIA .....	61
<b>4</b>	<b>POLÍTICAS INSTITUCIONAIS</b> .....	<b>63</b>
4.1	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO ...	63
4.1.1	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO .....	63
4.1.1.1	MONITORIA ACADÊMICA .....	63
4.1.2	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE PESQUISA .....	65
4.1.3	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE EXTENSÃO .....	65
4.2	APOIO AO DISCENTE .....	66
<b>5</b>	<b>SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO</b> .....	<b>69</b>
5.1	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM .....	69
5.2	AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO .....	72
<b>6</b>	<b>EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS (BIBLIOGRAFIA)</b> .....	<b>75</b>

6.1	DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS .....	75
6.2	DISCIPLINAS OPTATIVAS .....	107
<b>7</b>	<b>INFRAESTRUTURA FÍSICA</b> .....	<b>121</b>
7.1	LABORATÓRIOS MULTIDISCIPLINARES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE .....	121
7.2	BIBLIOTECA .....	129
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>131</b>
	<b>ANEXO A – Plano de ensino do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB</b> .....	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE A – Regulamento do Estágio do Curso de Enfermagem do CSHNB</b> .....	<b>135</b>
	<b>APÊNDICE B – Regulamento das Atividades Complementares do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB</b> .....	<b>171</b>
	<b>APÊNDICE C – Regulamento do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB</b> .....	<b>182</b>
	<b>APÊNDICE D – Relatório do NDE referendando as referências bibliográficas</b> .....	<b>195</b>

## APRESENTAÇÃO

O Curso de Graduação em Enfermagem – Bacharelado, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros (Picos), foi criado em 2006, por um projeto de extensão do governo federal e tem se caracterizado por uma constante inquietude com relação ao perfil do profissional formado por esta Instituição Federal de Ensino Superior (IFES).

A formação do Enfermeiro no Curso de Enfermagem da UFPI, *Campus* de Picos, irá se desenvolver em nove semestres letivos, ao longo dos quais o aluno tem a possibilidade de construir saberes e práticas em áreas de interesse distintas pela oferta de disciplinas obrigatórias, optativas e atividades complementares.

Também é estimulada a participação em grupo de pesquisa (Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva), ligas acadêmicas, projetos de pesquisa, extensão e iniciação à docência, vivenciando o tripé universitário. Incentiva-se, no processo ensino-aprendizagem, os princípios da universalidade, integralidade, equidade e hierarquização, em conformidade com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Nos dois últimos semestres, os acadêmicos são direcionados para estágio obrigatório nos diferentes níveis de complexidade do SUS.

A responsabilidade com a construção de um projeto pedagógico esteve sempre presente no imaginário dos que compõem o Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB-UFPI, uma preocupação em responder às novas demandas e necessidades de formação centrada no aluno, bem como capacitá-lo a prestar o cuidado ao indivíduo e à família, nas diversas etapas do ciclo vital e grupos sociais, e de intervir no processo saúde-doença de forma eficaz e efetiva.

Os sujeitos que fazem parte do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB participam da elaboração do Projeto Pedagógico avaliando, dia a dia, sua implementação no cotidiano de funcionamento do curso, sugerindo alterações e/ou corroborando resultados dele que são condizentes com o planejamento aqui descrito. Esses sujeitos são docentes efetivos e substitutos, discentes (ativos e egressos), técnicos-administrativos e gestores. As alterações aqui contidas são frutos das sugestões desses sujeitos.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A fim de responder as necessidades das diretrizes curriculares nacionais (DCN, 2001), as exigências do mercado de trabalho e ao novo perfil de egresso do Curso de Bacharelado em Enfermagem da UFPI, *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, sugere-se esta alteração no projeto pedagógico do currículo N° 01, o qual foi aprovado em 2006.

A proposta deste documento tem o intuito de resolução para os problemas que emergiram de uma realidade vivenciada, pensada e analisada, buscando constructos epistemológicos, teóricos e metodológicos de ruptura com o inconsistente atual modelo pedagógico. Esta alteração visa sanar alguns desses problemas, até que seja implementado o currículo N° 02. Tais discussões induziram, naturalmente, o início de uma necessária mudança de paradigma no que tange às bases filosóficas, epistemológicas, teóricas e metodológicas, orientadoras de um novo modelo conceitual pedagógico na busca de atender novas exigências, não só desta comunidade, como, também, de seus órgãos reguladores.

### 1.1.1 NECESSIDADE SOCIAL E INSTITUCIONAL DE SUA ATUALIZAÇÃO

A especialização do cuidado à saúde, a distância do sujeito nos processos de cuidado e as grandes diferenças entre o que pensam os usuários e os trabalhadores e gestores da saúde têm se configurado como uma grande tensão na construção do modelo de saúde sonhado, chegando, algumas vezes, a diminuir o acesso dos usuários ao sistema ou sua exclusão (BATISTA; GONÇALVES, 2011).

Um dos nós críticos à operacionalização do SUS, conforme seu projeto de promoção da saúde, tem sido a formação dos profissionais de saúde que atuam nesse sistema. Apesar de alguns avanços, a formação dos profissionais de saúde ainda está distante do cuidado integral. O perfil dos profissionais de saúde demonstra qualificação insuficiente para as mudanças das práticas. Uma necessidade crescente de educação permanente para esses profissionais, com o objetivo de (re)significar seus perfis de atuação, para implantação e fortalecimento da atenção à saúde no SUS, é um grande desafio (BATISTA; GONÇALVES, 2011).

A formação dos profissionais de saúde tem permanecido alheia à organização da gestão setorial e ao debate crítico sobre os sistemas de estruturação do cuidado, mostrando-se absolutamente impermeável ao controle social sobre o setor, fundante do modelo oficial de saúde brasileiro. As instituições formadoras têm perpetuado modelos essencialmente conservadores, centrados em aparelhos e sistemas orgânicos e tecnologias altamente especializadas, dependentes de procedimentos e equipamentos de apoio diagnóstico e terapêutico (CECCIM; FEUERWERKER, 2004).

Nesta perspectiva, tem-se discutido a necessidade de se repensar a formação em saúde, seja no nível da graduação, seja na pós-graduação. Para que o modelo de atenção à saúde integral, equânime e universal seja operacionalizado na prática, faz-se necessário que os profissionais de saúde saiam do paradigma biomédico e hospitalocêntrico e evoluam para a perspectiva da promoção da saúde e da qualidade de vida, na qual o usuário deve ser o foco da atenção, com valorização da atenção básica.

Assim, revela-se necessário e urgente um movimento social por uma Reforma da Educação, que expresse o atendimento dos interesses públicos no cumprimento das responsabilidades de formação acadêmico-científica, ética e humanística para o desempenho tecno-profissional. Deve expressar ainda a produção de conhecimento e promoção de avanços nos campos científico, tecnológico e cultural e prestação de serviços, principalmente de cooperação e assessoramento técnicos, de retaguarda e avaliação tecnológica e de documentação e disseminação dos saberes produzidos nos serviços, nos movimentos sociais e nas práticas populares (CECCIM; FEUERWERKER, 2004).

Nesse âmbito, fora realizada, inicialmente, análise do projeto pedagógico do curso (PPC), datado de 2006 (currículo N° 01), seguida da leitura e discussão do PPC pelo corpo docente. O objetivo fora analisar a necessidade de mudanças de concepções e práticas pedagógicas, através de um trabalho coletivo do corpo social do curso. É importante destacar que o PPC aprovado em 2006 sofreu alterações em 2007, 2011 e 2016, as quais não envolveram a estrutura curricular. Essas alterações se referem à mudança de nomes de disciplinas, alterações de bibliografia, criação do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e redução da quantidade de vagas ofertadas, semestralmente, para ingressantes.

Os resultados desta análise coletiva apontaram que o PPC necessitava de inclusão de disciplinas optativas, metodologia de levantamento e análise ao perfil do egresso e, principalmente, adequar-se às novas modalidades pedagógicas de ensino, aprendizagem e avaliação.

Nos últimos anos, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e as portarias promulgadas pelo Ministério da Educação (MEC) e da Saúde (MS) apontam para a necessidade de acelerar as mudanças curriculares dos cursos de graduação na área da saúde, o que foi potencializado a partir de 2004, com a criação do Fórum Nacional de Educação das Profissões na Área da Saúde (FNEPAS), um importante ator social nas discussões de formação em saúde.

Especificamente, em relação à Enfermagem, as DCN/CNS apontam a necessidade de direcionar a formação do enfermeiro com o objetivo de desenvolver no aluno habilidades e competências, criando oportunidades de ensino-aprendizagem que vão além do cognitivo. É importante destacar que este documento de alteração foi elaborado a partir de indicações contidas na Resolução Nº 4, de 6 de abril de 2009 (que dispõe sobre carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação em Biomedicina, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição e Terapia Ocupacional, bacharelados, na modalidade presencial), na Resolução CNE/CES nº 3 de 07 de novembro de 2001, no Parecer homologado CNE/CNS 08/2007, no Parecer homologado CNE/CNS 33/2007.

A graduação em enfermagem deve buscar a formação de um profissional de saúde com autonomia para garantir a integralidade do cuidado, capaz de articular diversos conhecimentos na solução de problemas frequentes numa unidade de saúde; contudo para que isso aconteça, faz-se necessário que todos os envolvidos nesse processo sejam responsáveis pela mudança.

#### 1.1.2 NECESSIDADES ADVINDAS DO AVANÇO DO CONHECIMENTO E DA TECNOLOGIA DAS DEMANDAS DA SOCIEDADE E DE MERCADO

As discussões acerca da formação em saúde estão cada vez mais presentes nas instituições de ensino. O processo ensino-aprendizagem atualmente desenvolvido, em sua maioria, ligado ao método tradicional, de educação bancária,

com a simples transmissão do conhecimento, vem sendo questionado quanto a sua eficácia para atender às novas demandas que se apresentam.

Alguns autores questionam porque tem se tornado imperioso rediscutir os processos de ensino-aprendizagem necessários à formação para o trabalho em saúde (MITRE *et al.*, 2008). As profundas modificações que transparecem no mundo contemporâneo justificam tal preocupação, cabendo citar: a velocidade das transformações nas sociedades laicas e plurais contemporâneas, em um contexto em que a produção de conhecimento é extremamente veloz, tornando ainda mais provisórias as verdades construídas no saber-fazer científico; a perspectiva vigente, quase marca desse tempo, de colocar em xeque os valores até então considerados intocáveis, o que impõe uma profunda (e necessária) reflexão sobre a inserção do profissional de saúde nesse novo contexto; a inequívoca influência dos meios de comunicação na construção/formatação do homem/profissional nesses primórdios do século XXI, marcada por um genuíno bombardeio de imagens, as quais embotam as possibilidades de reflexão sobre a vida, a inserção no mundo e a própria práxis (MITRE *et al.*, 2008); a configuração de uma nova modalidade de organização do espaço-tempo social, as sociedades de controle, o que torna imperiosa a adoção de uma postura crítica sobre a inscrição do sujeito no mundo — aqui incluído o trabalho — caracterizando um verdadeiro ato de resistência (SIQUEIRA-BATISTA, 2006).

A necessidade de mudança do perfil profissional também é impulsionada pela transição da situação de saúde que acontece no Brasil. A situação epidemiológica brasileira distancia-se da transição epidemiológica clássica, observada nos países desenvolvidos, e tem sido definida, recentemente, como tripla carga de doenças porque envolve, ao mesmo tempo, uma agenda não concluída de infecções, desnutrição e problemas de saúde reprodutiva; o desafio das doenças crônicas não-transmissíveis e de seus fatores de risco, como o tabagismo, o sobrepeso, a obesidade, a inatividade física, o estresse e a alimentação inadequada; e o forte crescimento das causas externas (MENDES, 2010). A situação de saúde de forte predomínio relativo das condições crônicas não pode ser respondida, com eficiência, efetividade e qualidade, por sistemas de saúde voltados, prioritariamente, para as condições agudas e para as agudizações de condições crônicas, e organizados de forma fragmentada.

Nesta perspectiva, para promover uma mudança do paradigma da atenção à saúde, fazem-se necessários profissionais de saúde éticos, críticos, reflexivos, que

consigam refletir sobre sua prática e apontar caminhos alternativos com forte caráter de promoção da saúde. Para isso, a formação desses profissionais deve ser repensada a fim de possibilitar que essas competências sejam desenvolvidas.

Segundo Fernandes *et al.* (2003), o aprender a aprender na formação dos profissionais de saúde deve compreender o aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a conviver e o aprender a ser, garantindo a integralidade da atenção à saúde com qualidade, eficiência e resolutividade. Portanto, as abordagens pedagógicas progressivas de ensino-aprendizagem vêm sendo construídas e implicam formar profissionais como sujeitos sociais com competências éticas, políticas e técnicas e dotados de conhecimento, raciocínio, crítica, responsabilidade e sensibilidade para as questões da vida e da sociedade, capacitando-os para intervirem em contextos de incertezas e complexidades.

As inovações educacionais abrangem diferentes planos (curriculares, pedagógicos e metodológicos) e traduzem, produzem e são produzidas por concepções diversas (BATISTA *et al.*, 2005). Reconhece-se que as inovações curriculares em saúde constituem um campo temático importante na atual configuração do ensino superior em saúde no país, evidenciando o grande impacto trazido pelo desafio de aproximar e articular a universidade e os serviços de saúde, além da complexidade que reveste a concretização dos novos cenários de aprendizagem, privilegiando os espaços da atenção básica (BATISTA *et al.*, 2009).

Um importante desafio no processo de transformação dos cursos da área da saúde refere-se à incorporação da concepção ampliada de saúde com ênfase na integralidade e no cuidado no processo de formação profissional, bem como na aprendizagem para o trabalho em equipe interprofissional.

O trabalho interdisciplinar questiona a produção e socialização do conhecimento científico, uma vez que se interroga a respeito da (im)possibilidade de uma única perspectiva que é a de responder à tarefa de desvendamento, explicação e intervenção na realidade. O modelo de ciência que tem como referencial a compartimentalização do conhecimento em disciplinas, fragmentando o saber e estabelecendo dicotomias em torno das relações entre teoria/prática, razão/emoção, pensar/fazer, parece estar sendo abandonado por não atender mais às demandas sociais e das próprias comunidades científicas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015). Na área da saúde, essa compartimentalização do conhecimento mostra-se ainda mais ineficaz, uma vez que o sujeito do cuidado é um



ser completo e complexo que vive inserido em uma família-comunidade-sociedade, e seu modo de ser saudável ou ser doente é indissociável às suas experiências de vida e cultura.

Assim, faz-se necessária uma ampla discussão acerca das técnicas educacionais que possam facilitar a aprendizagem do conhecimento sem compartimentalização. Freire (2009) afirma que conhecer não é um ato individual e, sim, constitui-se nas relações intersubjetivas nas quais o educador e os educandos criam, dialogicamente, um conhecimento do mundo. Nesse sentido, toda concepção de currículo implica necessariamente uma determinada proposta pedagógica, guiada por questões sociológicas, políticas, epistemológicas, sociais e culturais.

Corroborando esta ideia, Feuerwerker e Sena (2002) têm discutido como áreas de dificuldades para o ensino em saúde: as dicotomias (teoria e prática; saúde e doença; promoção e cura; básico e profissional; ensino e pesquisa) na formação de novos profissionais; o biologicismo e o hospitalocentrismo na formação em saúde, que reduzem as práticas a seus aparatos técnicos e tecnológicos; as dimensões ética e humanista consideradas em segundo plano; a formação docente frente às mudanças políticas e educacionais, incluindo uma significativa fragilidade no processo de profissionalização docente; a desvinculação dos currículos em relação às necessidades da comunidade e o distanciamento entre os cenários de aprendizagem e assistência.

Batista et al. (2018) afirmam que a complexidade do processo de aprendizagem remete ao reconhecimento da diversidade que caracteriza o aprender, seja no terreno das individualidades (motivações, estilos, comportamentos), seja na seara das opções político-educativas (conteúdos, metodologias, tipos de escolarização). Aprender é muito mais do que a absorção de um novo conceito científico, mas compreende todo um processo de transformações das concepções espontâneas para explicação da realidade, (re)construindo teorias e práticas em níveis mais complexos de pensar, conhecer e intervir no mundo (VYGOTSKY, 1988).

Colinvaux (2007) afirma que a aprendizagem está associada a processos de compreensão do mundo material e simbólico, que pressupõem geração, apropriação, transformação e reorganizações de significações. Por isso, postula-se que aprender é um processo de significação, isto é, um processo que mobiliza significações, criando e recriando-as (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015).

Com essa compreensão sobre o aprender, o ensino imbrica-se ao processo de aprendizagem: quando o docente estrutura sua prática precisa pensar no outro que aprende, estabelecendo parâmetros e objetivos que considerem não somente a natureza dos conteúdos, mas, fundamentalmente, as dinâmicas de acessar, apropriar e produzir conhecimento. Assim, projeta-se uma docência mediadora, na qual o professor possa comprometer-se com o conhecimento da área, o planejamento das aulas, a diversificação de atividades e cenários de aprendizagem, a abertura para discutir com os alunos temas emergentes (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015).

Kastrup (2005) afirma que ensinar é, em grande parte, compartilhar experiências de problematização. Compartilhar, experienciar, problematizar: verbos que traduzem e são traduzidos no que, contemporaneamente, temos chamado de metodologias ativas: na participação crítica do estudante, na incorporação dos olhares e fazeres dos profissionais de saúde, na consideração da percepção do usuário, nos múltiplos movimentos docentes de construir situações de aprendizagens dialógicas, nas experiências interprofissionais.

A partir desta concepção ampliada, têm sido produzidas propostas de formação que buscam, em diferentes níveis, articular ensino-serviço-comunidade, formação-controle social, ensino-realidade, ensino-pesquisa-extensão. Essas propostas trazem expectativas de gerar impactos no modo de concretizar as propostas formativas em saúde, alterando as “rotas” do ensino e da aprendizagem tradicionais, centradas nos conteúdos biológicos e na intervenção curativa. Desta forma, emerge a discussão do aprender como um processo que integra cognição-afeto-cultura e possibilitando o desenvolvimento de uma competência profissional vinculada a uma prática de integralidade na assistência ao indivíduo e à comunidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2015).

Nesta perspectiva, os estudiosos pedagógicos propõem inovações educacionais para que o processo de formação acadêmica seja diferenciado. Entretanto, surge a reflexão: o que se entende por inovação educacional? Inovar não se resume à introdução de novidades, mas compreende um processo complexo, multireferenciado e multideterminado, incidindo em alterações ou mudanças na mediação pedagógica, na inserção de novos materiais, recursos, atividades e, até mesmo, novas técnicas no âmbito da ação/prática pedagógica, visando a alcançar

novos objetivos (MESSINA, 2001; VEIGA-NETO, 2008). Esse é um processo de reinvenção!

## 1.2 CONTEXTO REGIONAL E LOCAL

### 1.2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ESTADO

O Piauí possui uma área de 251.577,738 km<sup>2</sup>, distribuídos em 224 municípios que, juntos, perfazem uma população de 3.118.360 habitantes, dos quais 1.528.423 são do sexo masculino e 1.589.938 do sexo feminino (IBGE, 2010). Apresenta uma densidade populacional igual a 12,40 e uma população rural de 1.067.401 habitantes, representando cerca de 34,23% da população do estado. A população urbana de 2.050.959 (65,77%) habitantes, predomina sobre a população rural, justificado, principalmente, pela concentração populacional na capital do Estado.

A renda *per capita* é da ordem de R\$ 6.051,00 e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,646. O Estado está localizado no noroeste da região Nordeste e tem como limites o oceano Atlântico ao norte; Ceará e Pernambuco ao leste; Bahia ao sul e sudeste, Tocantins ao sudoeste e Maranhão ao oeste e noroeste.

Atualmente, o Estado possui 224 municípios, sendo os mais populosos: Teresina, a capital, com 30% da população do estado, Parnaíba, Picos, Piri-piri e Floriano. Esses cinco municípios juntos respondem por 35,6% da população total do Piauí.

O estado apresenta coeficientes que o classificam como um dos mais pobres do país. Somente 4,4% da população economicamente ativa tem rendimentos superiores a dois salários mínimos, enquanto 51,6% recebem mensalmente até um quarto de salário. A principal causa de mortalidade na população geral continua sendo por doenças infecciosas, embora, recentemente, venha aumentando o número de mortes por cardiopatias e violência.

A economia é baseada, predominantemente, no setor de serviços (comércios), na indústria (química, têxtil e de bebidas), na agricultura (soja, algodão, arroz, mandioca e cana de açúcar) e pecuária extensiva de corte e leiteira. Destaca-se a produção de mel, extração de carnaúba e castanha de caju, que vem aumentando o valor da produção. Com grande reserva de minérios, foi encontrada a

segunda maior reserva de níquel do país, além de vestígios de presença do homem de 50.000 anos atrás (PIAUÍ HOME PAGE, 2015)

### 1.2.2 CARACTERIZAÇÃO LOCAL - CIDADE DE PICOS

O município de Picos fica localizado na região centro-sul do Piauí, há 307 km de sua capital - Teresina, e é conhecido como a capital do mel. Segundo o Censo de 2010 (IBGE, 2010), sua população residente era de 73.414 habitantes, mas a estimativa populacional, em 2019, foi de 78.222 habitantes, sendo sua área territorial equivalente a 534,175 Km<sup>2</sup> e a densidade demográfica de 137,30 (hab/km<sup>2</sup>).

Quanto ao IDH municipal, para a educação, foi de 0,621, em uma escala de 0 a 1 e a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade de 98,3% (IBGE, 2010). Este índice teve uma grande ascendência entre os anos de 1991 e 2010, o que caracteriza uma maior escolaridade da população do município, com mais crianças e jovens nas escolas ou completando ciclos, no Brasil ensino fundamental e médio (ATLAS BRASIL, 2013).

A expectativa de anos de estudo na população do município passou de 6,74 anos em 1991 para 9,48 anos em 2010, o que indica que a população em idade escolar passa um maior número de anos estudando, e a taxa de analfabetismo no município diminuiu entre todas as faixas etárias, porém a população com 25 anos carrega uma grande inércia, em virtude de gerações mais antigas com menor escolaridade (ATLAS BRASIL, 2013).

Sobre o enfoque do setor saúde, Picos representa uma sede de macrorregião (Macro do Semi-Árido – 70 municípios), pois se interliga a 42 outros municípios, congregados no Território de Desenvolvimento do Vale do Rio Guaribas. Segundo dados do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), em 2019, o município de Picos possui 69 estabelecimentos de saúde distribuídos nas esferas estadual e/ou municipal (administração pública).

Considerada como município de Referência Macrorregional para a Média Complexidade Ambulatorial e Hospitalar, Picos passa a crescer ao elenco de responsabilidade, tendo em vista a oferta recente de Serviços e Ações de Alta Complexidade Hospitalar com a implantação de uma Unidade de Terapia Intensiva.

A cidade conta com quatro hospitais: 1 público - Hospital Regional Justino Luz (HRJL) e 3 privados: Casa de Saúde Nossa Senhora dos Remédios, Hospital

Memorial do Carmo e Hospital de Urgências de Picos, além de várias clínicas de atendimento especializado, Centro de Hemoterapia do Piauí (HEMOPI), Centro de Testagem e Aconselhamento (IST/AIDS-CTA) dentre outros.

No âmbito da atenção básica, o município conta, atualmente, com 33 (trinta e três) Unidades Básicas de Saúde (UBS), distribuídas nas zonas urbana (22) e rural (11), desenvolvendo programas e ações pactuadas na Política Nacional de Atenção Básica, orientada pela Estratégia de Saúde da Família.

Acrescenta-se a oferta dos Serviços de Atendimento Móvel de Urgências (SAMU) no modelo básico e avançado, 2 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS II e AD) com serviços de saúde especializados, de caráter aberto e comunitário, realizando, prioritariamente, atendimento às pessoas com sofrimento ou transtorno mental, bem como necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas, em sua área territorial, seja em situações de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial.

Destaca-se, também, a efetivação de uma policlínica proveniente da parceria entre Associação ProBrasil, Secretaria Municipal de Saúde de Picos e Secretaria do Estado de Saúde do Piauí, Centro Integrado de Especialidades Médicas (CIEM), com atendimento especializado para população em condições de alta vulnerabilidade social e que depende do SUS.

Nessa perspectiva, salienta-se que, no segmento da saúde, o município de Picos, ao longo das últimas décadas, tem alcançado avanços significativos, com notória visibilidade sobre a saúde e qualidade de vida de sua população. Ainda, em pesquisa realizada, em dezembro de 2019, para levantamento do perfil do egresso do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, 66,2% dos egressos do curso trabalham em serviços de saúde do Piauí e, destes, 27,7% trabalham no município em que se graduaram (Picos), o que denota a relevância social da oferta de vagas de bacharelado em Enfermagem no município, uma vez que há demanda local por este profissional de saúde.

### 1.2.3 CONTEXTO GERAL DO SETOR EDUCAÇÃO

A formação do(a) enfermeiro(a), no Brasil, deve ser percebida no contexto de uma política mais ampla para o Ensino Superior nas Instituições Federais de Ensino; tem um significado amplo nas relações entre a saúde, a educação e a sociedade. O

enfermeiro, como uma de suas funções, tem o papel de compartilhar o conhecimento técnico específico, seja no aspecto individual, em grupo ou coletivo. Essas ações visam educar e conscientizar a população sobre diversos aspectos de saúde.

A política, a cultura, a economia, o setor produtivo e toda a dinâmica societária, com seus movimentos e lutas, não se esquivam de tais transformações, não apenas de suas bases técnicas, mas de produção e difusão do conhecimento. Os saberes científicos e tecnológicos são requerimentos sociais permanentes e são, também, definidores de novas desigualdades. Enquanto diferentes potencialidades são antevistas, tanto de oportunidades e novos benefícios como de aprofundamentos da exclusão social, deve-se reconhecer que o impacto deste processo de mudanças atinge de modo desigual os diferentes países e, também, os diferentes sujeitos sociais, com chances desiguais de acesso e usufruto dos bens e serviços.

Até pouco tempo, o papel do Estado vinha sendo modificado pela fase de expansão do capital e internacionalização da economia, o que implicou em reestruturação produtiva, em sério comprometimento da governabilidade nacional. Apesar dos sucessivos cortes orçamentários nas verbas destinadas às universidades federais, criou-se uma boa estrutura física e um corpo docente comprometido com os avanços acadêmicos e sociais, principalmente da comunidade peri-universidade.

Os mundos do trabalho e da educação se interpenetram no campo da formação profissional, com diferentes regulações, regulamentações, interesses e práticas e, sobretudo, com suas subjacentes concepções e referenciais teóricos. O conhecimento científico e a tecnologia, como matrizes de desenvolvimento, impõem modelos e parâmetros às políticas públicas, sem que estas tenham superado as antigas formas de exclusão social, somado à perspectiva econômica de dependência do governo central.

A empreitada estratégica da educação em criar condições de competitividade nas relações globalizadas se expressa na universalização do ensino fundamental e na implantação do modelo das competências dirigidas ao trabalho, em especial no ensino profissional superior. Isto acontece sem que, no entanto, a educação tenha o poder de, por si só, apresentar impactos na forma como os trabalhadores serão incorporados ao mundo do trabalho ou na autonomia destes processos formadores,

ou seja, sem que apresente rupturas nos seus efeitos seletivos, dependentes da lógica da produtividade e da incessante e obstinada incorporação tecnológica, ou mesmo dos próprios modelos e projetos pedagógicos.

O entendimento sobre o trabalho desenvolvido pela Enfermagem é norteador de diversas decisões, sejam políticas e/ou técnicas, que envolvem todos os componentes da formação profissional. Assim, o atual contexto social brasileiro, em que se desenvolve o trabalho da Enfermagem, envolve: - deslocamento da centralidade do setor industrial para o setor de serviços; - acelerado processo de desenvolvimento, incorporação e obsolescência do conhecimento científico e tecnológico, mesmo considerando as disparidades nas formas como tais mudanças são acessadas e incorporadas nos diferentes serviços de saúde; - a ampliação de abordagens teóricas e metodológicas nos processos de produção do conhecimento e a penetração de diversas linguagens de informação nos processos produtivos, interpenetrando contextos de trabalho e contextos científicos; - novas configurações do mundo do trabalho, com transformações mundiais e locais, gerando desiguais impactos nos modos de produzir e nas relações do trabalhador com o próprio trabalho.

Considerando o ambiente do trabalho em saúde, a formação profissional assume seu maior compromisso com a implementação das políticas sociais públicas que, num processo histórico de solidificação de seus princípios e efetivação de estratégias, exige capacitação política e técnica para a plena conquista do direito constitucional à saúde. Nessa dimensão, o trabalho da Enfermagem, como integrante do trabalho coletivo em saúde, deve compartilhar da perspectiva de saúde como qualidade de vida, da participação e do controle social, da integralidade das ações de saúde individual e coletiva.

A UFPI, desde 1973, assume seu compromisso com o ensino de Enfermagem, inicialmente na capital, Teresina, e expandindo para o interior do estado, na região sul, em Picos, que é a principal cidade da região em termos geográficos e a segunda em termos arrecadação de renda. Em Picos, o ensino de Enfermagem contempla curso de graduação. Consciente de seu importante papel junto à Enfermagem brasileira e internacional, o Curso de Bacharelado em Enfermagem tem se constituído como referência e liderança sensível à dinâmica e demandas da sociedade e da própria categoria profissional. Para tanto, busca propor, de forma crítica e engajada, bases consistentes para a formação do(a)

profissional enfermeiro(a). Tais bases são focos de permanente reflexão, atualização e inovação, em face de diversidade das problemáticas, debates e alternativas que se desenvolvem nos campos da saúde e da educação.

### 1.3 HISTÓRICO E ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA UFPI E DO CURSO

#### 1.3.1 BREVE HISTÓRICO DA UFPI

O Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB), sediado à Rua Cícero Duarte, 905, Bairro do Junco, em Picos (PI), foi criado no ano de 1982 com 5 cursos de Licenciatura Curta (duração de dois anos), a saber: Ciências de 1º grau, Estudos Sociais de 1º grau, Letras de 1º grau, Pedagogia com habilitação em Supervisão e Pedagogia com habilitação em Administração. Em 1984, foi autorizada a plenificação (duração de quatro anos) dos cursos de Pedagogia/Supervisão e Pedagogia/Administração, bem como a criação dos cursos de Licenciatura Plena em Letras e Licenciatura Plena em Pedagogia com habilitação em Magistério (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).

Todavia, a inexistência de documentação que comprovasse juridicamente a criação do *Campus*, a falta de espaço apropriado para as atividades acadêmicas, além do baixo índice de aprovação nos vestibulares fizeram com o mesmo fosse fechado, por unanimidade de votos no Conselho Universitário da UFPI, em 25 de junho de 1987 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).

Quatro anos depois, em 10 de junho de 1991, foi autorizada a reabertura do *Campus* com apenas 2 cursos de Licenciatura Plena: Letras e Pedagogia com habilitação em Magistério. Em 2006, após a adesão da UFPI ao Programa Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), foram implantados mais 7 novos cursos (Administração, Ciências Biológicas, Enfermagem, História, Matemática, Nutrição, Sistemas de Informação) e, em 2013, foi instituído o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO, totalizando em 10 (dez) modalidades de graduação. Convém lembrar que data de 2006 a oficialidade da criação do *Campus*, antes denominado *Campus* do Junco, doravante passou a ser chamado de CSHNB (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).



Atualmente, no CSHNB são desenvolvidas atividades educativas e educacionais, envolvendo 10 (dez) áreas do conhecimento acadêmico já supracitadas. Para tanto, conta com uma estrutura física que contempla instalações administrativas (direção, secretaria da direção, coordenação administrativa e financeira, protocolo, recursos humanos, núcleo de atendimento estudantil, divisão de assuntos educacionais, divisão de transporte e almoxarifado, divisão de limpeza, conservação e vigilância, divisão de patrimônio e espaço físico, 10 coordenações dos cursos), 30 salas de professores, 01 restaurante universitário, 01 gabinete odontológico, 41 (quarenta e uma) salas de aula, 02 (dois) auditórios (com capacidade para 120 e 300 pessoas respectivamente), 01 (uma) residência universitária com capacidade para alojar 96 (noventa e seis) discentes, 29 (vinte e nove) laboratórios; 01(uma) biblioteca acadêmica de 820 metros quadrados; 01 (sala) multiuso de reunião e vídeo conferências, 01 (uma) reprografia; 01 (uma) cantina; 01 (um) pátio-área de convivência, 01 (um) Centro de Tecnologia da Informação, 32 (trinta e dois) banheiros, 01 (um) alojamento para motoristas, entre outros (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).

O CSHNB funciona com um corpo docente (contabilizado em setembro de 2019) composto por:

a) 171 (cento e setenta e um) professores efetivos, sendo 24 (vinte e quatro) especialistas, 78 (setenta e oito) mestres e 69 (sessenta e nove) doutores;

b) 42 (quarenta e dois) professores substitutos, sendo 1 (um) graduado, 45 (quarenta e cinco) especialistas e 7 (sete) mestres;

Em relação ao número de técnicos administrativos, há 42 (quarenta e dois) funcionários. Compõem, ainda, o quadro de funcionários do CSHNB, 98 (noventa e oito) profissionais terceirizados com as seguintes atribuições: 22 (vinte e dois) vigilantes, 35 (trinta e cinco) serventes de limpeza, 15 (quinze) auxiliar de cozinha, 5 (cinco) cozinheiros, 4 (quatro) motoristas, 4 (quatro) operadores de micro, 3 (três) contínuos, 2 (dois) almoxarifes, 2 (dois, agentes de portaria, 1(uma) copeira, 1(um) atendente, 1 (um) eletricista, 1 (um) encarregado, 1 (um) bombeiro e 1 (um) técnico em refrigeração (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).

Fruto da insistência e persistência de muitos, o CSHNB, assume no atual cenário educacional, que também é político e administrativo, o explícito compromisso de propiciar aos atores sociais envolvidos, direta e indiretamente com a academia, o desenvolvimento de uma formação cidadã; a produção e

disseminação de conhecimentos nas diversas áreas das ciências, das culturas e das tecnologias, além da promoção de uma modalidade de extensão assente na participação coletiva objetivando um intercâmbio sociopolítico econômico e cultural as organizações sociais e com os movimentos populares, mas também com o mundo do trabalho. Afinal, sendo o CSHNB patrimônio público da comunidade piauiense, não poderá, nunca, se esquivar da responsabilidade social de oferecer respostas concretas a sociedade que a rodeia, estimulando o desenvolvimento regional e a descentralização da produção do conhecimento e do saber, principalmente (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2015).

### 1.3.2 HISTÓRICO DO CURSO

O Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, sediado em Picos – PI, foi criado no ano de 2006, após a adesão da UFPI ao Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) do Ministério de Educação e Cultura (MEC), por meio do qual foram implantados mais 7(sete) novos cursos: Bacharelado em: Administração, Enfermagem, Nutrição e Sistemas de Informação; Licenciatura em Ciências Biológicas, História, Matemática, além dos cursos já existentes de Licenciatura em Letras e Pedagogia, perfazendo um total de 9 (nove) cursos.

A primeira turma do Curso de Enfermagem ingressou por meio do Programa Seriado de Ingresso na Universidade (PSIU/UFPI), em 2006.2, sendo ofertadas 50 vagas. A partir do ano de 2007, foram ofertadas, anualmente, 100 vagas para o curso, sendo 50 vagas por semestre letivo.

Em 2010, no primeiro Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), obteve-se nota 5 – conceito máximo. Em abril de 2011, o curso passou pelo processo de reconhecimento do MEC, recebendo nota 4 pelo processo de avaliação.

Após a adesão da UFPI ao Sistema de Seleção Unificada (SISU) do MEC, e com a aprovação da Resolução CEPEX N°. 159/16, a partir de 2017, houve redução da oferta de 100 para 60 vagas anuais, sendo 30 vagas por semestre letivo.

O quadro docente efetivo é composto por enfermeiros e outros profissionais da área da saúde com titulação de Mestre e Doutor, ministrando disciplinas no ciclo básico, como as específicas, desenvolvendo pesquisas científicas e projetos de extensão na cidade de Picos e macrorregião, envolvendo discentes e profissionais

lotados nas áreas de atenção básica à saúde e assistência hospitalar, para possibilitar a associação entre a teoria e a prática, além de estimular mudanças nos indicadores de saúde.

Ao longo desses 13 anos de existência no Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, os egressos foram aprovados em diversos concursos, programas de Mestrados e Doutorados, processos seletivos para docência e assistência, ocupando cargos técnicos no Ministério da Saúde, de docência em Instituições de Ensino Superior Pública e Privada, retornando ao CSHNB como docentes efetivos ou técnicos administrativos.

Com a implantação do Curso de Enfermagem do CSHNB, percebe-se o avanço na promoção da saúde, o desenvolvimento na região com formação de profissionais qualificados com compromisso em alcançar melhorias e exercer a profissão com dedicação.

### 1.3.3 MISSÃO

Formar enfermeiros, generalistas, críticos, reflexivos, investigativos e responsáveis com o social, educacional, ambiental, econômico e político do Piauí, do Nordeste e do Brasil, com comportamento ético no diagnóstico e tratamento das respostas humanas aos problemas de saúde e aos processos vitais do indivíduo, família e comunidade.

## 2 CONCEPÇÃO DO CURSO

### 2.1 PRINCÍPIOS CURRICULARES E ESPECIFICIDADES DO CURSO

O pressuposto pedagógico do curso correspondente à concepção filosófica da UFPI, emerge dos valores contidos nesta, procurando desenvolver a potencialidade intelectual dos alunos, através de práticas pedagógicas inovadoras, num processo coletivo, definido nos Planos de Ensino e nas Diretrizes Regimentais.

A qualidade do Curso repousará sobre o compromisso de todos os profissionais e alunos envolvidos no processo educativo da Instituição, atitude que requer um comportamento ético e interativo dos discentes, docentes, dirigentes, da comunidade e do mercado de trabalho.

Neste cenário, privilegia-se a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, tendo em vista a construção de um conhecimento sólido que responda efetivamente a terminalidade do processo ensino-aprendizagem e às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O corpo docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem (CSHNB) se encontra qualificado, comprometido com o conhecimento científico, com os princípios filosóficos e pedagógicos que norteiam todo o processo ensino-aprendizagem, sustentando o diálogo com outras áreas do saber científico.

Neste contexto, emergem sonhos, crenças, expectativas, idéias, desejos, sentimentos, na busca de consolidar, num processo coletivo, uma proposta pedagógica que contemple a formação integral do futuro egresso do curso de Enfermagem da UFPI.

Nesta perspectiva, no decorrer do curso de Enfermagem, devem ser considerados os seguintes princípios:

**- Observância à ética e respeito da pessoa humana e ao meio ambiente** – A importância de se habitar em um ambiente saudável, dotado de condições mínimas para a manutenção da saúde, tanto para a recuperação como para prevenção de doenças introduzida por Florence Nightingale (1820-1910), direciona a construção de projetos que enfoquem o cuidado do outro levando em consideração o ambiente em que as pessoas cuidadas estão inseridas e o ser humano como corresponsável pelas condições do meio em que vive. A partir dessa premissa, e considerando ainda

que não se pode pensar em saúde sem considerar condições socioeconômicas, culturais e ambientais, este princípio prioriza a busca pelo conhecimento levando em consideração o respeito ao direito e à dignidade das pessoas, bom como enfatizando o meio ambiente como alvo da ética do cuidado.

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino deve ser compreendido como o espaço da produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.

- **Formação profissional para a cidadania** – a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional, por meio do questionamento permanente dos fatos, possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.

- **Interdisciplinaridade e multireferencialidade** – este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita análise dos objetos de estudo sob diversos olhares, constituindo-se questionamentos permanentes que permitam a (re)criação do conhecimento, ao mesmo tempo em que permite a ampliação da apropriação sobre linguagens, gênero, cultura e formas de produção de conhecimento.

- **Relação orgânica entre teoria e prática** – todo conteúdo curricular do curso de Enfermagem deve fundamentar-se na articulação teórico-prática, que representa a etapa essencial do processo ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente em todas as disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

- **Uso de tecnologias de informação e comunicação** – As atividades didáticas e pedagógicas do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB se desenvolvem presencialmente, porém, utilizam as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como ferramentas de auxílio à prática pedagógica, para favorecer a execução do projeto pedagógico do curso e garantir a acessibilidade e domínio das TICs pelos

estudantes. O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) é um importante recurso disponibilizado aos professores e estudantes, que permite a disponibilização de materiais de apoio e o desenvolvimento de atividades interativas, a partir de postagens e recolhimento de tarefas; criação de fóruns de discussão e *chats*, entre outros. Os laboratórios de informática são disponibilizados para os estudantes terem acesso aos computadores, aplicativos e sítios virtuais de interesse na Internet. O uso das TICs neste cenário, não apenas possibilita a potencialização dos processos de ensino – aprendizagem, como possibilita o maior desenvolvimento – aprendizagem – comunicação entre as pessoas com necessidades educacionais especiais.

- **Flexibilização curricular** – O oferecimento de disciplinas optativas com enfoques variados, bem como a inserção de maior número de horas de atividades complementares e atividades curriculares de extensão (ACEs), em que o acadêmico poderá optar por atividades que sejam de seu maior interesse, como atividades de pesquisa e extensão, participação em eventos científicos, estágio extra-curricular, de acordo com normas propostas pelo Conselho Federal de Enfermagem, cursos extracurriculares, inclusive aqueles ofertados por outras instituições de ensino superior, públicas e privadas, não apenas flexibilizam, como expandem o currículo do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB.

### 2.1.1 MARCO CONCEITUAL

A proposição de um projeto pedagógico para a formação do enfermeiro, se constitui no entendimento de pressupostos e conceitos básicos, articuladores da concepção explicitada e compartilhada pelos sujeitos do processo formador.

#### 2.1.1.1 PRESSUPOSTOS

A formação do enfermeiro generalista é aquela que está atenta às transformações da sociedade e da produção do conhecimento. É dinâmica para a diversidade, no sentido do desenvolvimento de competências e compromissos com o cuidar, o gerenciar, o educar, o pesquisar e com a sua própria educação ao longo da vida, sustentado no conhecimento epistemológico, na competência técnica e no

posicionamento ético, político e profissional.

O processo educativo, na sua organização curricular, está voltado para as competências pessoais, projetos individuais e coletivos e para a superação da fragmentação do saber. Isto implica no deslocamento do foco das atenções dos conteúdos disciplinares, rompendo com a sua segmentação e fracionamento, para os projetos pessoais, onde a participação do educador e do educando é fundamental como elemento questionador e incentivador da construção e da transformação do conhecimento. Desse modo, no processo educativo, conhecimentos, avaliações, experiências, responsabilidades, compromissos e sentimentos interrelacionam-se, complementam-se, ampliam-se e influem uns nos outros.

A flexibilidade curricular é a estratégia para que o currículo seja um espaço de produção e exercício da liberdade, que implica no próprio papel da Universidade e na definição de políticas educacionais. Desse princípio, emanam decisões coletivas que superam as rígidas estruturas, sejam de perfis profissionais, é problema que desafia os limites do sujeito do conhecimento, pois o instiga a superar a complexidade histórica de sua própria produção no plano do movimento do real e da razão. Funda-se no caráter articulado do conhecimento, sem negar-lhe a especificidade ou impor-lhe atributos de generalização e redução à unicidade ou a domínios instrumentais.

#### A) Cuidado de Enfermagem

É um processo que envolve ações profissionais de natureza disciplinar e interdisciplinar, que se dá na interação dialógica-terapêutica, de forma individual e coletiva. É fundamentado em conhecimentos empíricos, pessoais, éticos, estéticos, educativos, políticos e científicos, entre outros, com a intenção de promover a saúde e a qualidade de vida.

O cuidado em enfermagem enquanto disciplina é uma das dimensões do cuidado humano, que se realiza em ato no processo de trabalho em enfermagem, no qual os trabalhadores operam saberes e múltiplos instrumentos com a finalidade de promover a saúde, prevenir e diagnosticar doenças, promover saúde, reabilitar, reduzir agravos, recuperar e/ou manter a saúde de pessoas, grupos sociais (famílias, outros) ou coletividades. O cuidado de enfermagem, entre outras formas, se expressa por meio do Processo de Enfermagem (PE), da Sistematização da

Assistência de Enfermagem (SAE) e de um sistema de classificação/taxonomia como tecnologia do PE, bem como da prestação de cuidados diretos e indiretos às pessoas, grupos e coletividades. No cuidado em enfermagem, considera-se o ser humano como um ser histórico, social e cultural, com complexas necessidades e autonomia para conduzir sua vida e ações de saúde. O cuidado de enfermagem contempla a integralidade humana e das ações e relações de cuidado, em suas dimensões biológica, social, cultural, mental, interacional e comunicativa, numa prática contínua e integrada, pautada no acolhimento e humanização, orientada pelos conceitos de saúde, sociedade e trabalho (DCN, 2018).

## B) Enfermagem

É uma profissão que congrega ciência, arte e tecnologia na produção de conhecimentos necessários ao cuidado de indivíduos, famílias e grupos sociais, cuja práxis se sustenta em bases específicas e interdisciplinares para um cuidado comprometido com as transformações sociais em nível individual e coletivo, ou, nas palavras de Horta (1979), é uma ciência e arte de assistir a pessoa em suas necessidades básicas de modo a torná-la independente, quando possível, por meio do ensino do auto-cuidado, bem como promover a sua recuperação, manutenção e promoção da saúde em colaboração com outros profissionais.

### 2.1.1.2 PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

É o processo através do qual o aluno apreende as competências necessárias para exercer o ofício de enfermeiro. Caracteriza-se como uma sequência ordenada; períodos de atividades com certo sentido, segmentos em que se pode notar uma trama hierárquica de atividades incluídas umas nas outras, que servem para dar sentido unitário à ação de ensinar. Este processo envolve relações entre pessoas e está imbuído de várias sutilezas que o caracterizam. A exemplo, negociação, controle, persuasão, sedução. Por outro lado, em razão de seu caráter interativo, evoca atividades como: instruir, supervisionar, servir e colaborar. Também requer intervenções que, mediadas pela linguagem, manifestam a afetividade, a subjetividade e as intenções dos agentes. Nestas interações o ensino e a aprendizagem são adaptações, (re)significados por seus atores e pelo contexto.



Porém, o que ocorre na sala de aula não é um fluir espontâneo, embora a espontaneidade não lhe seja furtada, dada à imprevisibilidade do ensino. É algo regulado por padrões metodológicos implícitos. Isso quer dizer que há uma ordem implícita nas ações dos professores (racionalidade pedagógica ou pensamento prático), que funciona como um fio condutor para o que vai acontecer com o processo de ensino. O que implica dizer que o curso das ações não é algo espontâneo, mas sim decorrente da intersubjetividade e da deliberação, pela simples razão de o seu fundamento constituir a natureza teleológica da prática educativa (CARVALHO, 2014).

O processo de ensino e de aprendizagem, embora intangível, materializa-se na ação de favorecer o aprendizado de uma cultura e/ou na aquisição de conhecimentos e competências, em um contexto real e determinado, configurando-se em uma *práxis situada*. Como *práxis*, deixa de ser adaptação de condições determinadas pelo contexto para tornar-se crítica. Assim sendo, estimula o pensamento dos agentes capacitando-os para intervir neste mesmo contexto, o que supõe uma opção ética e uma prática moral, enfim, uma racionalidade (CARVALHO, 2014).

Isso significa que pensar o processo de ensino e de aprendizagem do curso de enfermagem implica definir os fins, os meios, os conteúdos, o papel do professor, o que é aprendizagem, as formas de avaliação. Resgatando a abordagem de ensino que este projeto pedagógico se orienta, o ensino e a aprendizagem estão fundamentados na racionalidade pedagógica prático-reflexivo, portanto, no princípio teórico-metodológico da reflexão na ação. No interior desta racionalidade, os elementos principais do processo de ensino são (re)significados e um novo sentido lhes é dado conforme nos mostra o Quadro 1.

**Quadro 1** - As racionalidades pedagógicas do processo de ensino e de aprendizagem

<b>Indicadores</b>	<b>Racionalidade pedagógica prático-reflexiva</b>
<b>Pressuposto</b>	Através da prática reflexiva, forma-se um profissional competente, conhecedor e sensível, reflexivo e dedicado às questões que emanam do contexto de ação para melhoria da saúde.

<b>Educação</b>	Arte. Atividade prática, ação comprometida ética e moralmente. Processo orientado tanto para a eleição de meios como a de fins; rege-se por valores éticos e critérios imanentes ao processo de ensino. Ciência Moral. Subjetividade e Intersubjetividade.
<b>Alunos</b>	Heterogêneos, multidimensionais, ativos, interativos, construtores, éticos.
<b>Professor</b>	Agente histórico, reflexivo, pesquisador, autônomo, sujeito epistêmico, co-participante do processo educativo. Talento artístico profissional. Emancipa-se pela pesquisa.
<b>Prática educativa</b>	Dinâmica e imprevisível; situada e criadora; reflexiva, articulada ao conteúdo dando-lhes significado. Ênfase no <i>como</i> e no <i>que</i> fazer. Subjetivada. Método: deliberação. É conscientemente teorizada, sendo capaz de informar e transformar, refletidamente a teoria que, por sua vez, a informou. <i>Lócus</i> de sujeitos reflexivos e ativos.
<b>Aprendizagem</b>	Processo de aprender fazendo, significativa; estruturação de conceitos científicos, socioafetivos, espaço-temporal, estéticos, éticos e valorativos, humanísticos.
<b>Planejamento</b>	Significativo. Determinado em função das características biopsicossociais do grupo, coletivo; um guia de ação, flexível.
<b>Avaliação</b>	Processual, comprometida com a aprendizagem de cada aluno e de todos os que pertencem à ecologia escolar. Inclusiva.
<b>Conhecimento</b>	Ético e estético. Dinâmico. Inacabado. É subjetivado, heurístico. Situado na realidade. A postura dos sujeitos em relação conhecimento é a de conhecedor, interpretador.
<b>Competência profissional</b>	Utilização de saberes para encontrar soluções para a prática a partir da prática. Arte da prática, do diálogo e da pesquisa. Autonomia para deliberar. Como fazer? A Reflexão é ética; volta-se para os fins éticos da intervenção (prudência); dos meios e as conseqüências da ação deliberativa.
<b>Práxis</b>	Situada e criadora.

Fonte: Adaptado do Projeto Pedagógico do Curso de Graduação, Bacharelado em Enfermagem, Teresina (2012); Carvalho (2014).

O processo educativo na formação do enfermeiro deve estar fundamentado na educação emancipatória crítica e culturalmente sensível, na aprendizagem significativa, problematizando a complexidade da vida, da saúde e do cuidado de enfermagem, além de adotar, como princípios metodológicos que orientam a formação profissional, a interdisciplinaridade do conhecimento, a integralidade da formação e a interprofissionalidade das práticas e do trabalho em saúde (DCN, 2018). Diante deste referencial teórico do processo de ensino, cabe especificar qual o papel do aluno e do professor (LIMA *et al.*, 2018):

#### A) Papel do discente

Pela forma como o currículo se organiza o aluno do curso de enfermagem é um dos sujeitos do processo de ensinar e aprender. Neste processo de construção de conhecimento ele deve assumir uma postura de curiosidade epistemológica, marcada pelo interessar-se por novas aprendizagens e desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, atitudes de ética e de humanização, responsabilidade e espírito crítico-reflexivo.

#### B) Papel do docente

A natureza epistemológica do papel do professor está condicionada a uma inteligibilidade ou a um saber-fazer (por isso também é intelectual) que fomenta saberes que vão além de saberes éticos, morais e técnico-científicos. Requer saberes interpessoais, pessoais e comunicacionais, para que a relação estabelecida entre alunos e professores possa favorecer o processo de ensino e de aprendizagem.

No curso de enfermagem, estes saberes assumem importância uma vez que os professores, agindo como mediadores do conhecimento, podem desempenhar papéis de orientadores e de preceptores. Os orientadores são professores vinculados ao Curso de Enfermagem do CSHNB da UFPI, a quase totalidade com formação profissional na área da enfermagem.

## 2.2 OBJETIVOS DO CURSO

O Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB tem como objetivos:

- Proporcionar uma formação técnico-científica, sócio-político-cultural ao futuro enfermeiro, para que possa, enquanto profissional, interagir e intervir comprometidamente em todas as situações vivenciadas, incluindo problemas-situações de saúde-doença, junto a indivíduos, famílias e comunidades
- Contribuir para a formação de profissionais generalistas, críticos, reflexivos, investigativos e responsáveis com o processo social, educacional, econômico, ético-processo de saúde e doença, político que desenvolvam e apliquem o conhecimento para o aprimoramento da sociedade em que vivem e das organizações em que atuam;
- Desenvolver a competência profissional através dos seguintes requisitos: atitude científica, compromisso com a realidade sócio-econômica-político-cultural do país e da região que está inserido, destreza motora, ética e estética profissional, liderança e participação em equipes.

## 2.3 PERFIL DO EGRESSO

Enfermeiro, com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Profissional qualificado para o exercício de Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. Capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase na sua região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes. Capacitado a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

O processo de formação do enfermeiro deverá ter como base conceitual e referencial os seguintes princípios:

- A compreensão do Homem em sua integralidade como Ser de direitos e deveres que devem ser respeitados.
- A compreensão da definição de saúde como resultado da interrelação entre os determinantes e condicionantes sociais e de saúde.
- O reconhecimento de que o processo saúde-doença-cuidado é determinado pelas relações biológicas, antropológicas e sociológicas do homem em um determinado momento, na sociedade e relações de produção.
- A compreensão de que os serviços de saúde devam se organizar de forma descentralizada e em redes de atenção, obedecendo aos princípios previstos na Carta Magna.
- Que a enfermagem é uma profissão pautada em ciência, arte e uma prática social, indispensável à organização e ao funcionamento dos serviços de saúde; tem como responsabilidades a promoção e a restauração da saúde, a prevenção de agravos e doenças e o alívio do sofrimento; proporciona cuidados à pessoa, à família e à coletividade; organiza suas ações e intervenções de modo autônomo, ou em colaboração com outros profissionais da área; tem direito à remuneração justa e a condições adequadas de trabalho, que possibilitem um cuidado profissional seguro e livre de danos.
- A compreensão de que a educação é mobilizadora das transformações sociais, políticas, culturais e econômicas, que permite ao futuro enfermeiro a reflexão e a indagação de sua prática.
- Que o enfermeiro é um profissional de saúde com formação generalista, técnico-científica, político-social, ética legal e deontológica, que o habilita a intervir no processo saúde-doença-cuidado, de forma reflexiva, para garantir a qualidade da assistência de enfermagem em todos os níveis de atenção a saúde.

Ao concluir o curso o discente deverá apresentar os seguinte perfil:

- Posicionar-se de modo reflexivo, frente ao contexto sócio-político-econômico do país, atuando como agente de mudança.
- Reconhecer seu papel de educador em saúde, atuando como multiplicador e mediador da troca de conhecimentos no cuidado em enfermagem e saúde.
- Reconhecer o significado da prática de enfermagem no contexto social.

- Atuar de modo a evidenciar seu compromisso com:
  - O conhecimento científico;
  - A ciência Enfermagem;
  - A realidade na qual está inserido;
  - A profissão;
  - Entidades de classe a que pertence;
  - Educação permanente;
  - Posicionar-se eticamente em defesa dos direitos humanos;
  - Prestar assistência de enfermagem em diversos níveis de atenção à saúde;
  - Responsabilizar-se pela qualidade da assistência de enfermagem enquanto:
    - Coordenador dos elementos técnicos e científicos da equipe de enfermagem;
    - Conhecedor e articulador dos processos de trabalho de enfermagem entre seus pares e com os processos de trabalho das profissões com as quais estão implicadas;
    - Gerenciador do cuidado de enfermagem que se utiliza da liderança como ferramenta para a efetivação da assistência a indivíduos, grupos e comunidades.

## 2.4 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

A formação do enfermeiro tem por objetivo dotar ao profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências gerais (conhecimentos, atitudes e habilidades):

I - Atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;

II - Tomada de decisões: o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas e nas particularidades regionais;

III - Comunicação: os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos , uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;

IV - Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;

V - Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, gerenciar e administrar tanto a força de trabalho quanto os recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;

VI - Educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento / estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais.

A Formação do Enfermeiro tem por objetivo dotar ao Profissional dos Conhecimentos Requeridos para o exercício das seguintes **COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS** (conhecimentos, atitudes e habilidades):

I. Atua profissionalmente, compreendendo o processo de viver humano em suas dimensões, expressões e fases evolutivas;

II. Incorpora a ciência, a arte e a tecnologia do cuidar como instrumentos de atuação e desenvolvimento profissional;

III. Desenvolve permanentemente sua formação ética, social, política, técnico-científica, conferindo qualidade ao exercício profissional;

IV. Relaciona-se com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões;

V. Compreende a política de saúde no contexto das macro-políticas;

VI. Reconhece a saúde como direito e atua de forma a garantir a integralidade do cuidado, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações de promoção e de recuperação da saúde e de prevenção de agravos, individuais e coletivas, em todos os níveis de complexidade do sistema e de acordo com as especificidades regionais;

VII. Atua nas políticas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, do adulto e do idoso, considerando o gênero e as questões étno-raciais;

VIII. É capaz de avaliar, diagnosticar e atuar na solução de problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho de saúde, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança;

IX. Reconhece as relações e organização do trabalho e seus impactos na saúde e na qualidade dos cuidados oferecidos;

X. Assume o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional e transdisciplinar em saúde;

XI. Desenvolve, acessa e usa criticamente inovações tecnológicas a favor do cuidado em enfermagem e saúde;

XII. Incorpora e implementa as modalidades tradicionais e as Práticas Integrativas e Complementares, na perspectiva da prevenção de agravos e da promoção e recuperação da saúde;

XIII. Atua nos diferentes cenários da prática profissional, identificando as necessidades individuais e coletivas de saúde, seus condicionantes, determinantes e perfis epidemiológicos;

XIV. Gerencia o processo de cuidar em enfermagem, considerando contextos e demandas de saúde e a articulação às ações multiprofissionais;

XV. Presta cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades do indivíduo, família e grupos sociais;



XVI. Gerencia o processo de trabalho de enfermagem, fundamentado na Ética e Bioética, em todos os âmbitos de atuação profissional;

XVII. Planeja, implementa e participa do processo de formação e da qualificação permanente dos trabalhadores de enfermagem e de saúde;

XVIII. Planeja e implementa ações de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento;

XIX. Desenvolve, participa e aplica pesquisas ou outras formas de produção de conhecimento, que objetivem a qualificação da prática profissional;

XX. Respeita os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão;

XXI. Participa na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo;

XXII. Participa da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde;

XXIII. Assessoria órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;

XXIV. Cuida da própria saúde e busca seu bem-estar como cidadão e profissional;

XXV. Reconhece o papel social da(o) enfermeira(o) e organiza-se politicamente para a defesa dos interesses da categoria e da sociedade.

## 2.5 CORPO DOCENTE

### 2.5.1 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

As reuniões ordinárias ocorrem mensalmente e as deliberações são registradas em ata. O NDE segue as diretrizes contidas na Resolução CEPEX/UFPI nº 278/11. O NDE do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB é composto, atualmente, por 8 docentes efetivos lotados no curso, em regime de dedicação exclusiva (40h/semana). Destes, 7 são doutores e 1 é mestre.

O presidente se trata do coordenador/chefe de curso (membro nato) e os demais foram eleitos, em assembleias docentes, para um mandato de 2 anos (membros efetivos). São eles:

-Profa. Dra. Ana Larissa Gomes Machado (Enfermeira)

- Profa. Dra. Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - Enfermeira)
- Profa. Dra. Ana Roberta Vilarouca da Silva (Enfermeira)
- Profa. Dra. Luisa Helena de Oliveira Lima (Enfermeira)
- Profa. Dra. Lany Leide de Castro Rocha Campelo (Enfermeira)
- Profa. Ma. Ana Karla Sousa de Oliveira (Enfermeira; Psicóloga)
- Prof. Dr. Jodonai Barbosa da Silva (Educador Físico)
- Prof. Dr. Francisco Gilberto Fernandes Pereira (Enfermeiro)

A comissão atual foi eleita em 2017, cuja formalização se deu por meio de portaria emitida pela PREG. Dos 8 docentes, 5 fazem parte do corpo docente desde 2010/2011. Atualmente, o NDE finalizou a nova proposta de Projeto Pedagógico do Curso, cuja última atualização se deu em 2007. Além da nova matriz curricular, a nova proposta pretende atender às DCN para os cursos de Enfermagem, cuja aprovação no Conselho Nacional de Saúde se deu em 2018.

#### 2.5.2 ATUAÇÃO E REGIME DE TRABALHO DO COORDENADOR

As Coordenações de Curso são as unidades básicas da gestão acadêmica da graduação na UFPI. O Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB segue o modelo padrão da UFPI: a coordenação cuida dos assuntos administrativos, inclusive da gestão do corpo docente, e de assuntos acadêmicos como pesquisa e extensão.

As Coordenações de Curso cuidam da elaboração e execução do projeto pedagógico do curso e da gestão do corpo docente. A gestão do Curso é feita pelo Chefe (órgão executivo) e pela Assembleia (órgão deliberativo). A gestão da Coordenação é feita pelo Coordenador (órgão executivo) e pelo Colegiado do Curso (órgão deliberativo). O Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB possui coordenação de modelo híbrido, na qual a gestão é feita por três órgãos: o Coordenador/Chefe (órgão executivo), a Assembleia do Curso (órgão deliberativo para assuntos administrativos, de pesquisa e de extensão) e o Colegiado do Curso (órgão deliberativo para assuntos de ensino). Pelo CSHNB se tratar de campus fora de sede, os cursos nele contidos possuem Chefia de Curso que acumula as competências do Departamento e da Coordenação.

A cada 2 anos, são escolhidos um Coordenador e um Sub-Coordenador, os quais são nomeados pelo Reitor e escolhidos através de eleição direta, uninominal, de que participem professores do Centro, que ministrem disciplinas específicas do Curso e alunos no mesmo matriculados e na qual o voto docente terá peso de 70% (setenta por cento).

Compete ao Coordenador:

- I - promover as medidas necessárias à constituição do Colegiado de Curso, na forma deste Regimento Geral;
- II - convocar as reuniões do Colegiado de Curso e exercer sua presidência, cabendo-lhe o direito de voto, inclusive o de qualidade;
- III - representar o Colegiado junto aos órgãos da Universidade;
- IV - executar e fazer cumprir as deliberações do Colegiado;
- V - representar o Colegiado no Conselho Departamental;
- VI - cumprir as determinações dos órgãos superiores do Centro e da Universidade;
- VII - superintender os trabalhos da Coordenação;
- VIII - comunicar à Diretoria do Centro quaisquer irregularidades e solicitar medidas para corrigi-las;
- IX - aplicar ou propor pena disciplinar, na forma deste Regimento Geral;
- X - manter articulação permanente com os Departamentos co-responsáveis pelo Curso;
- XI - propor ao Colegiado alterações do currículo do Curso a serem submetidas ao Conselho Departamental e ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, sucessivamente;
- XII - acompanhar e avaliar a execução curricular;
- XIII - articular-se com os Departamentos na elaboração da oferta de disciplina para cada período letivo;
- XIV - exercer a coordenação da matrícula no âmbito do Curso, em articulação com o órgão central de controle acadêmico;
- XV - encaminhar à Diretoria do Centro as resoluções do Colegiado que dependam de aprovação superior;
- XVI - enviar, ao fim de cada período letivo, à Diretoria do Centro relatório sobre as atividades da Coordenação e do Colegiado;

Atualmente, a Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB está sob responsabilidade da Profa. Dra. Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (Ato da Reitoria Nº 1.119/2019).

O Coordenador do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB deve ser docente efetivo lotado no curso, em regime de dedicação exclusiva (40 horas/semana). Trata-se de função, a qual, segundo a Resolução Nº 042/2018, corresponde a 8 horas semanais, a serem cumpridas presencialmente. Em 2019.2, assim são distribuídas: 4 horas na terça-feira à tarde e 4 horas na quarta-feira pela manhã.

O coordenador não é dispensado de atividades de ensino (aulas na graduação), as quais correspondem a 8 horas semanais. A coordenação e as aulas na graduação totalizam 16 horas semanais, que é o total indicado pela resolução mencionada. As demais 24 horas semanais, são integralizadas por meio de atividades didático-pedagógicas (planejamento) e atividades de pesquisa, extensão e representação.

### 2.5.3 PERFIL DO CORPO DOCENTE

Os docentes que atualmente ministram disciplinas no Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB foram listados no Quadro 2. Assim, é possível contabilizar que o curso, atualmente, conta com 28 docentes lotados, sendo 20 efetivos, com dedicação exclusiva (DE). Dos 28, nove (32%) são doutores (todos são professores efetivos), 16 são mestres (57%) e três são especialistas (11%).

Assim, a formação atual dos docentes atende aos preceitos estabelecidos pelos dispositivos legais acerca da quantidade mínima de doutores e mestres atuando em cursos de IES. Ainda, em decorrência das políticas institucionais de estímulo à qualificação docente, é importante destacar que 11 dos 16 docentes com mestrado estão matriculados e cursos de pós-graduação em nível de doutorado.

**Quadro 2** – Informações sobre os docentes. Picos-PI, 2019.

Docente	CPF	Titulação	Regime de trabalho
---------	-----	-----------	--------------------

ALINE RAQUEL DE SOUSA IBIAPINA	027.022.063-10	Mestre	Estatutário - DE/40h
ANA KARLA SOUSA DE OLIVEIRA	039.178.384-00	Mestre	Estatutário - DE/40h
ANA LARISSA GOMES MACHADO	633.647.193-49	Doutor	Estatutário - DE/40h
ANA LUIZA BARBOSA NEGREIROS	028.467.854-65	Mestre	Professor substituto - 40h
ANA ROBERTA VILAROUCA DA SILVA	641.778.313-87	Doutor	Estatutário - DE/40h
ANDRESSA SUELLY SATURNINO DE OLIVEIRA	006.754.553-08	Doutor	Estatutário - DE/40h
ANTÔNIA SYLCA DE JESUS SOUSA	027.723.083-75	Mestre	Estatutário - DE/40h
CINARA MARIA FEITOSA BELEZA	025.982.663-40	Mestre	Estatutário - DE/40h
EDINA ARAUJO RODRIGUES OLIVEIRA	463.092.923-15	Mestre	Estatutário - DE/40h
FERNANDO SÉRGIO PEREIRA DE SOUSA	645.978.063-34	Doutor	Estatutário - DE/40h
FRANCISCO GILBERTO FERNANDES PEREIRA	017.824.543-73	Doutor	Estatutário - DE/40h
IOLANDA GONÇALVES DE ALENCAR	947.568.053-53	Mestre	Estatutário - DE/40h
JODONAI BARBOSA DA SILVA	063.078.484-13	Doutor	Estatutário - DE/40h
JOSÉ DE SIQUEIRA AMORIM JÚNIOR	046.028.013-90	Especialista	Professor substituto - 40h
LAELSON ROCHELLE MILANÊS SOUSA	044.138.703-95	Mestre	Professor substituto - 40h

LANY LEIDE DE CASTRO ROCHA CAMPELO	775.710.023-20	Doutor	Estatutário - DE/40h
LAURA MARIA FEITOSA FORMIGA	910.365.003-06	Mestre	Estatutário - DE/40h
LUIZA HELENA DE OLIVEIRA LIMA	620.755.193-15	Doutor	Estatutário - DE/40h
MAILSON FONTES DE CARVALHO	005.461.163-61	Doutor	Estatutário - DE/40h
MARIA SAUANNA SANY DE MOURA	029.091.473-63	Mestre	Professor substituto - 40h
MAYLA ROSA GUIMARÃES	013.308.713-16	Mestre	Professor substituto - 40h
NÁDYA DOS SANTOS MOURA	028.913.143-01	Mestre	Estatutário - DE/40h
RODRIGO ARAGÃO DA SILVA	024.896.913-76	Mestre	Professor substituto - 40h
RUMÃO BATISTA NUNES DE CARVALHO	017.877.893-14	Mestre	Estatutário - DE/40h
SUYANNE FREIRE DE MACEDO	907.638.313-87	Mestre	Estatutário - DE/40h
SUZY ARIANNE DE SOUSA E SILVA	006.439.333-01	Especialista	Professor substituto - 40h
VALÉRIA LIMA DE BARROS	231.927.473-15	Mestre	Estatutário - DE/40h
VIVIANE PINHEIRO DE CARVALHO	017.218.473-83	Especialista	Professor substituto - 40h

### 3 PROPOSTA CURRICULAR

#### 3.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O Eixo Curricular expressa a trajetória do discente durante o processo de sua formação profissional, direcionando a ação educativa e coordenando as diversas possibilidades e experiências para o desenvolvimento das competências eleitas, de acordo com o referencial teórico e filosófico assumido.

Deste modo, o Eixo Curricular se constitui a partir da Promoção da Saúde no Processo de Viver Humano - na diversidade e complementaridade dos cenários do trabalho em saúde. Neste eixo, assume-se como perspectivas transversais à educação e saúde, a ética e bioética, a articulação entre pesquisa, ensino e extensão e o processo decisório.

Considerando o regime de créditos, o curso se organiza em nove semestres, cada um composto por um eixo fundamental e um conjunto de bases complementares e ou bases articuladas.

O Eixo Fundamental caracteriza-se como integrado e é composto por ações educativas voltadas ao desenvolvimento de competências específicas do enfermeiro, considerando o Processo de Viver Humano e o Cuidado Profissional de Enfermagem nas diferentes especificidades deste viver humano (indivíduo criança, adolescente, adulto e idoso, família, grupo e comunidade) nos diferentes cenários deste viver em sociedade e nos diferentes cenários do trabalho em saúde e de enfermagem (no domicílio, na escola, na comunidade, nas unidades básicas de saúde, nos hospitais, entre outros), bem como a exigência da interdisciplinaridade na abordagem deste processo.

As Bases Articuladas caracterizam-se como disciplinas isoladas, embora articuladas ao conjunto, que são ofertadas por diferentes departamentos de ensino e representam o aporte necessário, de áreas básicas e tradicionais das ciências da vida, para a fundamentação do eixo fundamental, desenvolvendo-se até a quarta fase do curso.

As Bases Complementares representam sustentações a todo o processo educativo e aos enfrentamentos atuais e cotidianos do trabalho profissional e, portanto, dos campos de prática experienciados pelo acadêmico. Caracterizam-se por privilegiar a aprendizagem vivencial e a abordagem interdisciplinar, capazes de

desenvolver competências cognitivas e relacionais imprescindíveis ao profissional crítico, reflexivo e criativo.

Na articulação deste eixo e destas bases se organizam as Disciplinas que, uma vez definidas em atividades teóricas, teórico-práticas e de estágio, além de consideradas em relação aos princípios da complexidade, da compatibilidade com cenários de prática e das oportunidades pedagógicas e tecnológicas disponíveis, operacionalizam o processo educativo, lhe conferindo viabilidade e terminalidade.

#### A) Conceituações

As etapas e modalidades da Matriz Curricular, cujas disciplinas se diferenciam e se caracterizam em disciplinas teóricas, teórico-práticas, o estágio curricular e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**DISCIPLINAS TEÓRICAS:** é toda atividade educacional que trabalhe conteúdos, podendo ser realizada em sala de aula e outros cenários, salas virtuais para o desenvolvimento da cognição e condições psicoafetivas nas cinco áreas de atuação descritas nas DCN. Incorpora a dimensão presencial e virtual do conteúdo teórico disponível na literatura acadêmico-científica.

**DISCIPLINAS TEÓRICO-PRÁTICAS:** toda atividade educacional que articule conteúdos teóricos e práticos, podendo ser realizada em laboratórios de simulação e ou de práticas de enfermagem, para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, do pensamento crítico e raciocínio clínico, preferencialmente orientado por casos e situações que reflitam a experiência do mundo do trabalho da enfermagem.

**ESTÁGIO CURRICULAR I:** período durante o qual o estudante exerce uma atividade com vista à sua formação ou aperfeiçoamento profissional, que compõe a matriz curricular e é supervisionado por docentes-enfermeiros do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, nos cenários do SUS, permitindo ao estudante conhecer e vivenciar as políticas públicas de saúde em situações variadas de vida, de organização do sistema de saúde vigente e do trabalho em equipe interprofissional e



multidisciplinar. O Estágio Curricular I é composto por 420 horas e deverá ser completamente desenvolvido na atenção básica (Estratégia Saúde da Família).

**ESTÁGIO CURRICULAR II:** período durante o qual o estudante exerce uma atividade com vista à sua formação ou aperfeiçoamento profissional, que compõe a matriz curricular e é supervisionado por docentes-enfermeiros do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, nos cenários do SUS, permitindo ao estudante conhecer e vivenciar as políticas públicas de saúde em situações variadas de vida, de organização do sistema de saúde vigente e do trabalho em equipe interprofissional e multidisciplinar. O Estágio Curricular II é composto por 420 horas e deverá ser prioritariamente desenvolvido nas modalidades de média e alta complexidade (atenção secundária e terciária à saúde).

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:** iniciação à pesquisa em educação formal e informal. Elaboração do Projeto de Pesquisa (Seminário de Pesquisa I) e elaboração do TCC (Seminário de Pesquisa II), mediante apresentação e defesa à banca examinadora, conforme diretrizes elaboradas pela coordenação do curso de Enfermagem e os professores encarregados da disciplina Seminário de Pesquisa II.

#### B) Normatizações para as disciplinas teórico-práticas

Serão realizadas em instituições conveniadas e na comunidade, conforme programação das disciplinas. O aluno será acompanhado/orientado por docente no decorrer de cada etapa. A atuação do aluno deverá isentar a instituição cedente de qualquer ônus que comprometa ao bom atendimento da clientela envolvida.

A operacionalização se dará pelo agrupamento dos alunos envolvendo uma relação estudante/docente de, no máximo, 15/1 em atividades práticas em laboratório e, após e necessariamente, em diversificados cenários, em instituições de saúde, envolvendo uma relação estudante/docente de, no máximo, 10/1, com no mínimo 50% da carga horária total da disciplina, não sendo substituídos por visitas técnicas e/ou outros dispositivos observacionais.

### 3.1.1 MATRIZ CURRICULAR

A matriz curricular consta a seguir:

#### 1º SEMESTRE

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Seminário de introdução ao curso	1.0.0	15	-
História da enfermagem	2.1.0	45	-
Anatomia geral	4.4.0	120	-
Histologia e embriologia para enfermagem	2.2.0	60	-
Tópicos em sociologia da saúde	3.0.0	45	-
Bioestatística	2.2.0	60	-
Saúde ambiental	2.1.0	45	-
Antropologia filosófica	2.0.0	30	-
TOTAL	28	420	

#### 2º SEMESTRE

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Enfermagem na atenção primária de saúde	2.2.0	60	Todas do 1º semestre
Microbiologia e imunologia básica	2.4.0	90	Todas do 1º semestre
Biofísica para enfermagem	1.2.0	45	Todas do 1º semestre
Parasitologia geral	2.2.0	60	Todas do 1º semestre
Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saúde	2.3.0	75	Todas do 1º semestre
TOTAL	22	330	

#### 3º SEMESTRE

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Bioquímica para enfermagem	2.4.0	90	Todas do 2º semestre
Patologia e processos gerais	2.2.0	60	Todas do 2º semestre
Fisiologia para enfermagem	1.6.0	105	Todas do 2º semestre
Psicologia aplicada a enfermagem	1.2.0	45	Todas do 2º semestre
Enfermagem em saúde mental	2.3.0	75	Todas do 2º semestre
Epidemiologia aplicada	3.1.0	60	Todas do 1º semestre
TOTAL	29	435	

**4º SEMESTRE**

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Metodologia da assistência de enfermagem	2.1.0	45	Todas do 3º semestre
Fundamentação básica de enfermagem I	4.3.0	105	Todas do 3º semestre
Semiologia e semiotécnica para enfermagem	3.5.0	120	Todas do 3º semestre
Farmacologia para enfermagem	3.4.0	105	Todas do 3º semestre
TOTAL	25	375	

**5º SEMESTRE**

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Enfermagem nas cirurgias e emergências	3.6.0	135	Todas do 4º semestre
Enfermag na atenção às enferm. infecto-contagiosas e parasitárias	2.5.0	105	Todas do 4º semestre
Fundamentação básica de enfermagem II	3.5.0	120	Todas do 4º semestre
Bioética, deontologia e legisl. em enfermagem	3.0.0	45	Todas do 4º semestre
Didática aplicada a enfermagem	4.0.0	60	Todas do 4º semestre
TOTAL	31	465	

**6º SEMESTRE**

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Saúde da mulher	4.7.0	165	Todas do 5º semestre
Saúde da criança e do adolescente	4.7.0	165	Todas do 5º semestre
Saúde do adulto e do idoso I	4.5.0	135	Todas do 5º semestre
TOTAL	31	465	

**7º SEMESTRE**

DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
Administração em saúde pública	4.4.0	120	Todas do 6º semestre
Administração em enfermagem	5.5.0	150	Todas do 6º semestre
Saúde do adulto e do idoso II	4.5.0	135	Todas do 6º semestre
TOTAL	27	405	

**8º SEMESTRE**

DISCIPLINA	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO
Seminário de pesquisa I	1.2.0	45	Todas do 7º semestre
Estágio Curricular I	0.0.28	420	Todas do 7º semestre
TOTAL	31	465	

**9º SEMESTRE**

DISCIPLINA	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITO
Seminário de pesquisa II	1.2.0	45	Todas do 8º semestre
Estágio Curricular II	0.0.28	420	Todas do 8º semestre
TOTAL	31	465	

**3.1.1.1 DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS**

As disciplinas obrigatórias, organizadas no tópico 3.1.1 deste PPC, são:

SEMESTRE	DISCIPLINAS	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA
1	Seminário de introdução ao curso	1.0.0	15
1	História da enfermagem	2.1.0	45
1	Anatomia geral	4.4.0	120

1	Histologia e embriologia para enfermagem	2.2.0	60
1	Tópicos em sociologia da saúde	3.0.0	45
1	Bioestatística	2.2.0	60
1	Saúde ambiental	2.1.0	45
1	Antropologia filosófica	2.0.0	30

2	Enfermagem na atenção primaria de saude	2.2.0	60
2	Microbiologia e imunologia básica	2.4.0	90
2	Biofísica para enfermagem	1.2.0	45
2	Parasitologia geral	2.2.0	60
2	Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saude	2.3.0	75

3	Bioquímica para enfermagem	2.4.0	90
3	Patologia e processos gerais	2.2.0	60
3	Fisiologia para enfermagem	1.6.0	105
3	Psicologia aplicada a enfermagem	1.2.0	45
3	Enfermagem em saude mental	2.3.0	75
3	Epidemiologia aplicada	3.1.0	60

4	Metodologia da assistencia de enfermagem	2.1.0	45
4	Fundamentacao basica de enfermagem I	4.3.0	105
4	Semiologia e semiotecnica para enfermagem	3.5.0	120
4	Farmacologia para enfermagem	3.4.0	105

5	Enfermagem nas cirurgias e emergencias	3.6.0	135
5	Enfermag na atencao as enferm. infecto-contagiosas e parasitarias	2.5.0	105
5	Fundamentacao basica de enfermagem II	3.5.0	120
5	Bioetica, deontologia e legisl. em enfermagem	3.0.0	45
5	Didatica aplicada a enfermagem	4.0.0	60

6	Saúde da mulher	4.7.0	165
6	Saúde da criança e do adolescente	4.7.0	165
6	Saúde do adulto e do idoso I	4.5.0	135

7	Administração em saúde pública	4.4.0	120
7	Administração em enfermagem	5.5.0	150
7	Saúde do adulto e do idoso II	4.5.0	135

8	Seminário de pesquisa I	1.2.0	45
8	Estágio Curricular I	0.0.28	420

9	Seminário de pesquisa II	1.2.0	45
9	Estágio Curricular II	0.0.28	420

### 3.1.1.2 DISCIPLINAS OPTATIVAS

As disciplinas optativas não possuem pré-requisitos. São elas:

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
MICROINFORMÁTICA	4.0.0	60
ATENDIMENTO DE URGÊNCIA	2.2.0	60
NUTRIÇÃO E DIETOTERAPIA	2.2.0	60
SAÚDE REPRODUTIVA	2.2.0	60
PRÁTICAS DO CUIDADO EM SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA	2.2.0	60
ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA DOMICILIAR	2.2.0	60
AUDITORIA EM ENFERMAGEM	2.2.0	60
POLÍTICAS DE SAÚDE	4.0.0	60
VIGILÂNCIA À SAÚDE	2.2.0	60
ENFERMAGEM E A SAÚDE DO TRABALHADOR	2.2.0	60
ATENÇÃO INTEGRADA ÀS DOENÇAS PREVALENTES NA INFÂNCIA	2.2.0	60
ENFERMAGEM EM ESTOMATERAPIA	2.2.0	60
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	2.2.0	60
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E DIVERSIDADE	2.2.0	60

3.2 FLUXOGRAMA<sup>1</sup>

1º SEM.			2º SEM.			3º SEM.			4º SEM.			5º SEM.			6º SEM.			7º SEM.			8º SEM.			9º SEM.		
↓			↓			↓			↓			↓			↓			↓			↓			↓		
CHN0504			CHN0511			CHN0517			CHN0512			CHN0526			CHN0531			CHN0534			CHN0537			CHN0539		
Seminário de introdução ao curso			Enfermagem na atenção primária de saúde			Bioquímica para enfermagem			Metodologia da assistência de enfermagem			Enfermagem nas cirurgias e emergências			Saúde da mulher			Administração em enfermagem			Seminário de pesquisa I			Seminário de pesquisa II		
NC B	15h	1.0.0	NC P	60h	2.2.0	NC B	90h	2.4.0	NC E	45h	2.1.0	NC P	135h	3.6.0	NC P	165h	4.7.0	NC E	150h	5.5.0	NC E	45h	1.2.0	NC E	45h	1.2.0
CHN0505			CHN0513			CHN0518			CHN0519			CHN0528			CHN0532			CHN0535			CHN0538			CHN0540		
Bioestatística			Microbiologia e imunologia básica			Patologia e processos gerais			Fundamentação básica de enfermagem I			Enfermagem na atenção às enferm. infecto-contagiosas e parasitárias			Saúde da criança e do adolescente			Saúde do adulto e do idoso II			Estágio curricular I			Estágio curricular II		
NC E	60h	2.2.0	NC B	90h	2.4.0	NC B	60h	2.2.0	NC E	105h	4.3.0	NC P	105h	2.5.0	NC P	165h	4.7.0	NC P	135h	4.5.0	NC P	420h	0.0.28	NC P	420h	0.0.28
CHN0506			CHN0514			CHN0520			CHN0522			CHN0529			CHN0533			CHN0536								
Histol e embriol p/ enferm			Biofísica para enfermagem			Fisiologia para enfermagem			Semiologia e semiotécnica para enfermagem			Fundamentação básica de enfermagem II			Saúde do adulto e do idoso I			Administração em saúde pública								
NC B	60h	2.2.0	NC B	45h	1.2.0	NC B	105h	1.6.0	NC E	120h	3.5.0	NC E	120h	3.5.0	NC P	135h	4.5.0	NC E	120h	4.4.0						
CHN0507			CHN0515			CHN0521			CHN0523			CHN0530														
Anatomia geral			Parasitologia geral			Psicologia aplicada a enfermagem			Farmacologia para enfermagem			Bioética, deontologia e legis. em enfermagem														
NC B	120h	4.4.0	NC B	60h	2.2.0	NC B	45h	1.2.0	NC B	105h	3.4.0	NC E	45h	3.0.0												
CHN0508			CHN0541			CHN0524			CHN0544																	
Tópicos em sociologia da saúde			Introd. a pesquisa e tecnologias de com. em saúde			Enfermagem em saúde mental			Didática aplicada a enfermagem																	
NC B	45h	3.0.0	NC E	75h	2.3.0	NC P	75h	2.3.0	NC B	60h	4.0.0															
CHN0509			CHN0525																							
Antropologia filosófica			Epidemiologia aplicada																							
NC B	30h	2.0.0	NC E	60h	3.1.0																					
CHN0510																										
História da enfermagem																										
NC E	45h	2.1.0																								
CHN0527																										
Saúde ambiental																										
NC E	45h	2.1.0																								

<sup>1</sup> NCB = núcleo de conteúdos básicos; NCE = núcleo de conteúdos específicos; NCP = núcleo de conteúdos profissionalizantes



COMPONENTES CURRICULARES	CARGA HORÁRIA	CRÉDITOS
Disciplinas Obrigatórias	2 895	193
Disciplinas Optativas	120	8
Trabalho de Conclusão de Curso	90	6
Atividades Complementares	225	15
Estágio Curricular	840	56
TOTAL	4 170	278

### 3.3 ESTÁGIO, ATIVIDADES COMPLEMENTARES E TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

#### 3.3.1 ESTÁGIO CURRICULAR

O Estágio Curricular (Regulamento – APÊNDICE A) do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB é uma atividade acadêmica dirigida ao desenvolvimento de atividades práticas pré-profissionais a serem exercidas em situações reais de trabalho. Entendido como estratégia pedagógica, conduz a um processo interdisciplinar avaliativo e criativo, que propõe a articulação entre teoria e prática (ensino, pesquisa e extensão), a fim de promover o desenvolvimento de consciência crítica e competência técnica, que possibilitem ao futuro enfermeiro desenvolver a capacidade de identificar problemas, analisar os fatores que os desencadeiam e propor soluções pautadas em referenciais próprios da profissão.

Para o Curso de Enfermagem CSHNB, o Estágio Curricular é parte integrante indispensável do currículo de graduação, tendo como objetivo permitir ao discente a aplicação da assistência de enfermagem à pessoa, família e coletividade nas áreas comunitária, hospitalar e ambulatorial, nos níveis primário, secundário e terciário, com base nos conhecimentos técnico, científico, ético e legal que subsidiem o cuidar.

É ofertado nos dois últimos semestres do curso, a saber: Estágio Curricular I, para os discentes no nono período, equivalente a 28 créditos práticos e com carga horária de 420 horas/aula, as quais devem ser cumpridas no âmbito da atenção à saúde individual e coletiva na atenção básica, englobando as atividades assistenciais diretas ao usuário, família e comunidade, bem como aspectos gerenciais do trabalho de enfermagem na atenção básica; e Estágio Curricular II, para os discentes do décimo período, equivalente a 28 créditos práticos e com carga horária de 420 horas/aula, as quais devem ser cumpridas no âmbito da atenção secundária e terciária, com foco nas habilidades voltadas à gerência e à assistência hospitalar e ambulatorial, de média e alta complexidade.

A realização do estágio dar-se-á, obrigatoriamente, mediante Convênio e Termo de Compromisso celebrado entre o estagiário ou grupos de estagiários e a parte concedente, com a interveniência obrigatória da UFPI – CSHN: celebração de assinatura de convênio entre a UFPI – CSHNB e os Campos de Estágios;

assinaturas de termos de compromisso celebrados entre o estagiário e a parte concedente, com interveniência da coordenação do curso.

Ressalta-se que para dar maior qualidade às vivências, todas as atividades do Estágio Curricular do Curso de Bacharelado em Enfermagem são realizadas em instituições de atenção à saúde do município de Picos, as quais cedem seus espaços físicos por meio de convênio interinstitucional realizado com a UFPI, conforme disposto no Capítulo III da Resolução Nº 22/09 do CEPEX. Deste modo, as instituições conveniadas atualmente são: Secretaria Municipal de Saúde de Picos e Hospital Regional Justino Luz.

A organização administrativa do Estágio Curricular é pautada nas diretrizes das Resoluções Nº 22/09 e 177/2012 do CEPEX, as quais determinam a existência de: um Coordenador Geral de Estágio (CGE), que é membro da Pró-Reitoria de Graduação; dois Coordenadores de Estágio no curso, sendo um coordenador para o Estágio Curricular I e outro para o Estágio Curricular II, devendo os mesmos serem professores efetivos do quadro docente permanente; professores orientadores de estágios, que são docentes (enfermeiros) lotados no Curso de Enfermagem do CSHNB; e supervisores de campo, que são enfermeiros dos campos de estágio, que contribuem em esferas distintas e complementares para o amadurecimento das competências desenvolvidas pelos graduandos no decorrer do curso.

No que concerne às práticas pedagógicas, todas as atividades dos discentes são acompanhadas pelo orientador de estágio, que disponibiliza pelo menos 5 horas/aula semanais para essa função, e pelos supervisores de campo que são profissionais da própria unidade parceira. Destaca-se que no Estágio Curricular I, os alunos construirão um Projeto Terapêutico Singular, possibilitando a compreensão da complexidade do sujeito/comunidade de forma crítica e propor estratégias de transformação.

Além de serem avaliados no decorrer do estágio, ao final de cada período, o discente deve produzir um relatório descritivo-reflexivo das atividades realizadas, que também será avaliado e, posteriormente, arquivado junto aos Coordenadores de Estágio do curso e poderá servir como referência para as turmas posteriores.

De acordo com o PPC do Curso de Enfermagem/CSHNB no Estágio Curricular são desenvolvidas as seguintes atividades:

### I - Alunos:

- Gerenciar a assistência de Enfermagem nas diferentes especialidades;
- Assegurar princípios éticos no exercício das atividades;
- Prestar assistência livre de riscos aos clientes;
- Manter aberta linha de comunicação com todos os membros da equipe de Enfermagem, profissionais afins, cliente, família e comunidade;
- Manter estudo técnico científico das especialidades atendidas;
- Assegurar o planejamento da assistência de Enfermagem;
- Determinar os padrões de desempenho no trabalho através de instruções específicas (ensinar, supervisionar, compartilhar, avaliar);
- Prestar assistência de Enfermagem ambulatorial e domiciliar;
- Elaborar relatório de conclusão do estágio curricular.

### II - Orientador do Estágio:

- Ser o elo entre o órgão formador e a instituição de saúde que recebe o aluno para a realização do estágio curricular;
- Avaliar periodicamente o desempenho dos alunos através de instrumento específico com a participação do enfermeiro assistencial;
- Criar e recriar espaços de reflexão-ação-reflexão durante todo o processo;
- Orientar o aluno na elaboração do relatório de conclusão do estágio curricular;
- Estabelecer calendário de reuniões periódicas com os alunos e co-participantes do processo de Ensino-Aprendizagem;
- Participar da comissão de estágio e prestar relatório das atividades desenvolvidas;
- Propor alternativas pedagógicas de acordo com as necessidades e/ou cultura institucional no decorrer do estágio curricular, garantindo o alcance dos objetivos propostos.

### III – Supervisores de Campo:

- Participar do processo Ensino-Aprendizagem (co-responsável);
- Participar da avaliação do processo;
- Proporcionar ambiente conceptual que favoreça o aprendizado;
- Manter comunicação efetiva com o docente orientador.

### 3.3.2 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

As atividades complementares de graduação constituem o conjunto de estratégias didático-pedagógicas que permitem, no âmbito do currículo, a articulação entre teoria e prática e a complementação, por parte do estudante, dos saberes e habilidades necessárias a sua formação. Dentro da estrutura curricular de um curso, tais atividades não poderão exceder 10% (dez por cento) da carga horária total do curso, tendo como patamar mínimo 120 (cento e vinte) horas, excetuando-se os casos em que esteja expressamente recomendado nas diretrizes curriculares do curso, não podendo haver substituição da carga horária de atividades complementares por outros componentes curriculares obrigatórios e optativos.

A implantação, o acompanhamento e a avaliação das atividades complementares de graduação ficam a cargo das coordenações de curso de graduação e a participação dos alunos, deverá seguir os seguintes critérios (Resolução N° 177/2012):

- I – realizadas a partir do ingresso do aluno no curso;
- II – compatíveis com o projeto pedagógico do curso (PPC);
- III – variadas, com, pelo menos, 2 (duas) categorias entre os critérios citados no Art. 98<sup>2</sup>.

O Calendário Acadêmico estipulará período para registro de Atividades Complementares de Graduação pelo aluno no sistema eletrônico de cadastro, cada período letivo. Do mesmo modo, será definido no Calendário Acadêmico período para avaliação das Atividades Complementares de Graduação pelas Coordenações/ chefias de Curso, até 60 (sessenta) dias antes do prazo para a colação de grau do aluno.

Em consonância com a Resolução N° 177/2012 e a Resolução N° 150/2006, o Curso de Bacharelado em Enfermagem – UFPI/CSHNB - define que, para a integralização curricular, o aluno deve cumprir um mínimo de 225 horas de Atividades Complementares de graduação, distribuídas conforme o Regulamento (APÊNDICE B), o qual contém as respectivas cargas-horárias e formas de comprovação.

---

<sup>2</sup>A Resolução 177/2012 em seu art. 98 delimita que a aprovação em componente curricular está condicionada ao rendimento acadêmico do aluno, mensurado através da avaliação do ensino-aprendizagem e da assiduidade às atividades didáticas, e implica a contabilização de sua carga horária e consequente integralização como componente curricular.

### 3.3.3 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) corresponde a uma produção acadêmica que expresse as competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos, assim como os conhecimentos por estes adquiridos durante o curso de graduação.

No Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, este componente curricular é coordenado por um docente, escolhido entre os professores cadastrados na disciplina Seminário de Pesquisa II, conforme consta na Resolução CEPEX/UFPI Nº 145/2019. Divide-se em dois períodos letivos, sendo iniciado no oitavo. É orientado por docente efetivo do CSHNB, lotado no Curso de Bacharelado em Enfermagem, ou que desenvolva, junto ao discente (orientando), alguma atividade de ensino, pesquisa e/ou extensão (apenas em Seminário de Pesquisa II).

A carga horária do TCC totaliza 90 horas/aula, sendo 45 horas/aula (Seminário de Pesquisa I e Seminário de Pesquisa II) em cada período letivo. A descrição detalhada de sua operacionalização e sistemática de avaliação se encontra disponível no Regulamento (APÊNDICE C), aprovado em 2011.

### 3.4 METODOLOGIA

No Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, os métodos de ensino adotados são diversos, pois o corpo docente entende a necessidade de diversificá-los para que os variados conteúdos possam ser abordados de maneira a maximizar o processo ensino-aprendizagem dos discentes.

De acordo com Paiva et al. (2016), atualmente, entende-se que os procedimentos de ensino são tão importantes quanto os próprios conteúdos de aprendizagem. As tendências do século XXI indicam que a característica central da educação é o deslocamento do enfoque individual para o enfoque social, político e ideológico. A educação ocorre durante a vida inteira, constituindo um processo que não é neutro.

Temos embasado a formação acadêmica nos quatro pilares do conhecimento e da formação continuada, considerados norteadores: i) aprender a conhecer; ii) aprender a fazer; iii) aprender a conviver; e iv) aprender a ser. Eles

apontam um novo rumo para as propostas educativas e exprimem necessidades de atualização das metodologias educacionais diante da atual realidade (DELORS, 2000).

Nesta perspectiva, temos trabalhado para que as características descritas por Paiva *et al.* (2016) sejam priorizadas no processo ensino-aprendizagem, a saber: o ensino exige rigor metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeidade das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e elevação da identidade cultural. Essas características atribuídas ao ensino se somam e são norteadoras de uma proposta educacional que recusa a educação e o ensino por uma visão simplória e, aqui, vista como errônea do ensino como mera transmissão de conhecimentos.

Assim, temos tentado trabalhar estratégias onde a curiosidade e a postura ativa do educando são imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem. As metodologias mais utilizadas na atividade docente são: estratégia da problematização, Arco de Maguerez, aprendizagem baseada em problemas (*problem-based learning* – PBL), círculo de cultura, seminários, cenário clínico simulado, trabalho em pequenos grupos, relato crítico de experiência, socialização, mesas-redondas, plenárias, exposições dialogadas, debates temáticos, oficinas, leitura comentada, apresentação de filmes, interpretações musicais, dramatizações, dinâmicas lúdico-pedagógicas, portfólio, avaliação oral, plataforma virtual para realização de fóruns de discussão, resenhas de artigos científicos, (*team-based learning*) TBL, entre outros.

Reforçamos que dada a natureza teórico-prática do ensino de Enfermagem, e as recomendações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2007) acerca do engajamento efetivo dos profissionais na construção do SUS, os docentes e discentes desenvolvem atividades práticas no contexto social e de saúde local, o que permite o reconhecimento das necessidades locais, considerando as perspectivas culturais, sociais, políticas e estruturais.

## **4 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS**

### **4.1 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

#### **4.1.1 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE ENSINO**

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) supervisiona e coordena o ensino de graduação da UFPI. Está sob sua responsabilidade também o desenvolvimento de políticas que favoreçam a matrícula em disciplina, a avaliação de professor e de estágio, que estimulem, garantam a qualidade do ensino e insiram os alunos no mercado de trabalho.

Com vistas a nortear o alcance de suas atribuições em busca da excelência, a PREG adotou algumas políticas, conforme segue: a implantação do SIGAA permitiu que a tecnologia assumisse uma importante função no apoio pedagógico visando ao desenvolvimento do potencial humano. Esta ação vem sendo desenvolvida, apoiando o ensino de graduação, visando um ensino inovador, foco da UFPI, para os anos vindouros.

Outra política, implementada no ensino de graduação, foi a correção do fluxo curricular objetivando a redução da retenção e a elevação da taxa de sucesso. A UFPI tem o propósito de aprimorar e consolidar a qualidade acadêmica dos cursos existentes. Existem diversas formas de ingresso na UFPI, regulamentadas pelo Estatuto, pelo Regimento Geral e Resolução N° 177/2012-CEPEX, que trata das normas relativas ao ensino de graduação. Os ingressos especiais ocorrem por meio de cotas, definidas de acordo com a Lei n°12.711/2012.

As políticas institucionais descritas a seguir estão normatizadas resoluções da UFPI e constam, de forma atualizada, no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2015-2019.

##### **4.1.1.1 MONITORIA ACADÊMICA**

As ações de ensino do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB no que tange à recuperação de estudos tratam-se de monitorias acadêmicas e



cursos de extensão propostos pelos docentes lotados no curso e docentes cedidos por outros cursos de graduação do campus.

A monitoria acadêmica é atividade ofertada, semestralmente, com vagas remuneradas e não remuneradas. A quantidade de vagas não remuneradas a serem ofertadas e a quais disciplinas estarão vinculadas é informada pelos docentes. A quantidade de vagas remuneradas é informada ao Curso pela Coordenadoria de Administração Acadêmica Complementar (CAAC), da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG). Essas vagas são organizadas e disponibilizadas em edital.

A monitoria é uma atividade de ensino e aprendizagem que contribui para a formação do discente, e tem por finalidade despertar o interesse pela carreira docente integrada às atividades de ensino do curso de graduação. Tem como objetivos: contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico nos cursos de graduação; criar condições para que os alunos possam contribuir no desenvolvimento de atividades didáticas, agindo como colaboradores, da produção acadêmica; incentivar a carreira docente; promover cooperação acadêmica entre discentes e docentes.

No que se refere aos cursos de extensão oferecidos pelos docentes, estes, com o andamento do período letivo, ao sentirem a necessidade de suporte dos discentes em relação a temas específicos do cuidado em saúde, escrevem propostas de cursos de extensão, os quais são avaliados e aprovados em assembleias docentes, para oferta à comunidade acadêmica (ou específicas do curso de enfermagem). Esses cursos não possuem fins lucrativos, não sendo, portanto, cobrada taxa de inscrição. O que permite participação dos alunos de modo simplificado.

#### 4.1.2 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE PESQUISA

Um dos entendimentos mais consistentes dos tempos atuais é que a ciência, a tecnologia e a inovação desempenham papel central no conjunto da vida social. As universidades de nossos dias tem lugar importante nos chamados “Sistemas Nacionais de Inovação”, conceito atualmente usado para designar as complexas interações entre as diversas instituições intervenientes no processo de desenvolvimento científico, tecnológico e inovativo, e seus respectivos espaços socioculturais, os quais funcionam como elementos potencializadores dos

processos de inovação. Além das universidades, os Sistemas Nacionais de Inovação são integrados por governos (em suas diversas esferas de atuação), centros e institutos de pesquisa, empresas, instituições financeiras, agências reguladoras e de fomento e são voltados para a transformação do conhecimento produzido no âmbito das instituições de pesquisa científica em tecnologias voltadas diretamente para atividades produtivas, como também para o enfrentamento de desafios sociais, como instrumentos do processo de desenvolvimento solidário, democrático e sustentável.

Preocupada com os desafios da contemporaneidade a UFPI oportuniza a participação dos discentes dos cursos de graduação em:

- Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) CNPq/UFPI;
- Bolsa de Iniciação Científica para discentes ingressos por ações afirmativas (PIBIC-AF) - CNPq/UFPI;
- Iniciação Científica Voluntária (ICV);
- Programa PIBIC Ensino Médio;
- Programa Jovens Talentos na UFPI;
- Seminário de Iniciação Científica da UFPI;
- Grupos de Pesquisa da UFPI - Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq.

#### 4.1.3 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DE EXTENSÃO

As diretrizes para a política de extensão e cultura da UFPI encontram-se registradas na Resolução 035/14 – CEPEX de 14 de março de 2014. Ao traçar sua Política de Extensão a UFPI o que prevê o seu Estatuto onde registra a faculdade de “Estabelecer sua política de ensino, pesquisa e extensão indissociáveis no âmbito da Universidade” acaba por reforçar que a Universidade guiar-se-á pela referida indissociabilidade como uma das formas de observar princípios constitucionais.

Com a iniciativa, dá-se a materialidade ao compromisso da Universidade com a transformação da sociedade, de forma a torná-la um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia.

A partir do ano de 2014, ficou instituída a política da gratuidade e acessibilidade às mais diferentes ações de extensão da PREXC. São a instalação

de instrumentos que permitem a presença e participação do aluno de cotas e demais que declaram com alguma necessidade especial. Terão a gratuidade nos eventos, cursos e demais ações com direitos iguais de participação e certificação desde que estejam condizentes com regras do registro de frequência e demais exigências das ações, reservando as particularidade de cada um.

Ainda, para os discente, as políticas institucionais voltadas à extensão universitária são:

- Programas e projetos de extensão;
- Ligas acadêmicas;
- Cursos e eventos de extensão;
- Estágio não-obrigatório;
- Certificação gratuita de atividades de extensão cadastradas na PREXC;
- Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX);
- Atividade Curricular de Extensão (ACE).

#### 4.2 APOIO AO DISCENTE

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC) é o órgão que executa a Política Nacional de Assistência Estudantil e as ações de atendimento ao servidor da UFPI. Foi criada em 1992, a fim de organizar, dirigir, supervisionar e orientar as atividades universitárias no contexto social e assistencial. É o órgão que implanta as ações para garantir a permanência do alunado e a conclusão de cursos de graduação, agindo, preventivamente, nas situações de repetência e evasão decorrentes das condições de vulnerabilidade socioeconômica.

Para programar essa política, o Governo Federal destina recursos às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), os quais são aplicados em moradia, alimentação, transporte, inclusão digital, lazer, cultura, esporte, dentre outros. A PRAEC executa os programas de apoio aos discentes, caracterizados pela natureza inclusiva que revelam indicativos claros de organização e gestão com visão de futuro e de responsabilidade social.

Os programas descritos a seguir estão implantados, com caráter permanente, e são voltados para o oferecimento, aos estudantes em situação

de vulnerabilidade social, subsídios necessários à melhoria de seu desempenho acadêmico e, conseqüentemente, da garantia de sua permanência na instituição até a conclusão do curso.

Para a promoção das ações sociais e assistenciais, a PRAEC conta com duas coordenadorias: Coordenadoria de Assistência Comunitária (CACOM) e Coordenadoria de Nutrição e Dietética (CND).

A CACOM possui programas de acompanhamento ao corpo discente e de estímulo à sua permanência na Instituição, com vista à conclusão do curso no tempo adequado. O atendimento ao discente é processado de maneira integral, através das políticas inclusivas de favorecimento ao seu acesso e manutenção de sua permanência, potencializando o oferecimento de ensino de qualidade no âmbito da graduação e pós-graduação e oferecendo ambiente adequado ao desenvolvimento da pesquisa científica e da extensão universitária. As políticas de atendimento aos discentes são operacionalizadas por meio dos diversos serviços oferecidos, programas, projetos e ações:

- Residência Universitária: Moradia e alimentação para alunos de baixa renda familiar oriundos de outros municípios e estados em relação ao Campus sede da UFPI em Teresina-PI.
- Isenção da Taxa de Alimentação (ITA): Isenção do valor da taxa de acesso aos Restaurantes Universitários e alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, inclusive alunos oriundos de outros países.
- Bolsa de Apoio Estudantil (BAE): Auxílio financeiro concedido por 24 meses no valor de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensais a alunos de baixa renda familiar.
- Bolsa de Incentivo a Atividades Multiculturais e Acadêmicas (BIAMA): Tem por objetivo estimular a participação dos estudantes em projetos supervisionados por docentes ou técnicos da UFPI, possibilitando sua formação ampliada.
- Auxílio para Atividades Acadêmicas, Culturais e Acadêmicas (APEC): Possibilita a participação dos estudantes de graduação em atividades acadêmicas, culturais e acadêmicas, por meio de ajuda de custo.

- Auxílio Creche: Auxílio financeiro no valor de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) concedidos a alunos com baixa renda familiar que sejam pais ou mães de bebês com idade de até dois anos e onze meses.
- Apoio Pedagógico: Auxílio financeiro no valor de R\$ 400 (quatrocentos reais) concedidos a alunos com necessidades educacionais especiais. O auxílio ao beneficiário ocorre por indicação do aluno que possui a deficiência.
- Atendimento Odontológico: Procedimentos clínicos de diagnóstico, prevenção, profilaxia, restauração e exodontia, gratuitamente a alunos e servidores e seus dependentes.
- Atendimento Psicossocial e Pedagógico: Serviço de atendimento ao servidor e ao estudante, com vistas à superação de problemas de ordem social, psicológica e pedagógica.
- Atendimento a Necessidades Educacionais Específicas: Serviço de apoio ao estudante com necessidades educacionais especiais específicas, com vistas a superação de dificuldades causadas por deficiência física, deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência intelectual, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação.
- Programa de Apoio aos Esportes (PRAE): Programa que incentiva a prática do esporte na UFPI, com bolsas para atletas, realização de competições locais e apoio à participação em competições externas

O Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB realiza apoio ao discentes, quando necessário, por meio de ações de ensino, como disciplinas ofertadas obrigatórias em períodos especiais (férias), para permitir o nivelamento destes (quantidade excessiva de discentes em reprovação em única disciplina). Disciplinas optativas também são ofertadas em maior quantitativo em períodos de férias, a fim de permitir que os discentes consigam concluir os componentes optativos sem sobrecarga no período regular, além da complementaridade de conhecimento que são características dessas disciplinas.

Além disso, os docentes do curso cadastram, com regularidade, cursos E ciclos de estudos, que têm como público-alvo discentes do próprio curso e de outros do campus, com o objetivo de oportunizar contato interdisciplinar com expertizes das

temáticas escolhidas, para aquisição de conhecimento além do construído em sala de aula.

A Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB mantém, ainda, contato direto e frequente com os discentes que fazem parte do Conselho dos Representantes de Turma (CORETUR), a fim de conhecer as necessidades cotidianas dos estudantes e estimular a participação destes na proposição e execução de melhorias para o curso.

## 5 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

A sistemática de avaliação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB possui duas dimensões: avaliação do processo de ensino e aprendizagem e avaliação do próprio currículo, de acordo com a dinâmica curricular e o sistema de avaliação da IES a qual pertence.

### 5.1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação da aprendizagem é realizada em conformidade com as normas gerais dos Cursos de Graduação da UFPI (Resolução CEPEX Nº 177/2012). O processo é contínuo e progressivo, oferecendo oportunidade ao aluno a avaliação e autoavaliação, abrangendo as áreas cognitiva, afetiva e psicomotora, cujos aspectos considerados são:

- Área cognitiva: aspectos relacionados com capacidades, habilidades intelectuais, conhecimento dos conteúdos bem como domínio de informações;
- Área afetiva: atitudes, valores e ajustamento ao ambiente onde se presta assistência de Enfermagem;
- Área psicomotora: habilidades motoras para a execução das atividades técnico-profissionais.

Há pelo menos uma avaliação escrita em cada disciplina, podendo ser considerados os demais trabalhos de aplicação, numa escala de 0 (zero) a 10 (dez) permitindo a fração de décimos (uma casa decimal) por meio de aproveitamento contínuo do aluno e dos resultados obtidos por ele nas provas, trabalhos, exercícios, ensino clínico e estágios curriculares.

Como exemplo, as avaliações possuem as seguintes modalidades: prova escrita, oral ou prática, trabalho de pesquisa, de campo, individual ou em grupo, seminário, ou outros instrumentos constantes no plano de disciplina. Os registros do rendimento acadêmico serão realizados individualmente, independentemente dos instrumentos utilizados.

A modalidade, o número e a periodicidade das avaliações parciais seguem as necessidades específicas de cada disciplina da matriz curricular e consta no plano de ensino de cada disciplina (Modelo – ANEXO A), o qual é apresentado ao discente

no primeiro dia de aula, após análise e aprovação em assembleias docentes do curso.

Nos instrumentos destinados às verificações parciais e exame final deverão constar o valor correspondente a cada item.

A carga horária de cada disciplina indica a quantidade mínima de notas parciais, conforme estabelecido na Resolução CEPEX nº 177/2012, a saber:

I) 2 (duas) notas, nas disciplinas com carga horária igual ou inferior a 45 (quarenta e cinco) horas;

II) 3 (três) notas, nas disciplinas com carga horária de 60 (sessenta) a 75 (setenta e cinco) horas;

III) 4 (quatro) notas, nas disciplinas com carga horária superior a 75 (setenta e cinco) horas.

A divulgação do rendimento acadêmico é obrigatoriamente feita no SIGAA. O professor responsável pela disciplina deverá fazer o registro do rendimento no sistema acadêmico.

É obrigatória a divulgação do rendimento da avaliação feita pelo professor da disciplina, no prazo máximo de 10 (dez) dias úteis, contado este prazo a partir da realização da avaliação, ressalvados os limites de datas do Calendário Acadêmico.

Ressalta-se que não deve ser realizada avaliação alguma sem que o rendimento escolar da avaliação anterior tenha sido divulgado pelo professor, sob pena da avaliação agendada ser cancelada. O pedido de cancelamento deverá ser protocolado, por qualquer aluno da turma, na Chefia de Curso, no prazo máximo de até 02 (dois) dias úteis antes da realização da avaliação objeto do cancelamento. Constatada a não divulgação dos resultados da avaliação anterior, o chefe de Curso deverá cancelar a avaliação programada e determinar a publicação dos resultados da avaliação anterior no prazo máximo de 02 (dois) dias úteis.

No ato da divulgação do rendimento escolar de uma avaliação, o professor já deve ter registrado no sistema de registro e controle acadêmico as faltas do aluno até aquela data.

O aluno poderá requerer a revisão da correção das avaliações parciais e do exame final à Chefia de curso responsável pela disciplina, até 2 (dois) dias úteis após a divulgação e/ou discussão do resultado. O requerimento deverá apresentar os motivos que justificam o pedido de revisão, explicitando os itens e aspectos que devem ser revistos. O requerimento será encaminhado ao(s) professor(es) da



disciplina, devendo a revisão ser realizada no prazo máximo de 02 (dois) dias úteis a contar da data do recebimento do requerimento pelo professor. O aluno pode recorrer da decisão do(s) professor(es) da disciplina à Chefia de curso responsável pela disciplina, no prazo máximo de 2 (dois) dias úteis após a divulgação da revisão feita pelo professor responsável pela disciplina.

O recurso referido será encaminhado a uma comissão formada por 03 (três) professores, preferencialmente da mesma disciplina ou de disciplinas correlatas, indicados pelo Chefe de Curso, que utilizará os mesmos critérios adotados na primeira correção, sendo vedada a participação dos professores que corrigiram a avaliação em questão. O professor da disciplina e o aluno devem ser informados, no prazo mínimo de 02 (dois) dias úteis, do horário e do local de realização da revisão, a fim de que possam expor seus argumentos perante a comissão de professores.

Impedido de participar de qualquer avaliação, o aluno tem direito de requerer a oportunidade de realizá-los em segunda chamada. O aluno poderá requerer exame de segunda chamada por si ou por procurador legalmente constituído. O requerimento dirigido ao professor responsável pela disciplina, devidamente justificado e comprovado, deve ser protocolado à chefia do Curso ao qual o componente curricular esteja vinculado, no prazo de 03 (três) dias úteis, contado este prazo a partir da data da avaliação não realizada.

Consideram-se motivos que justificam a ausência do aluno às verificações parciais e/ou ao exame final: a) doença; b) doença ou óbito de familiares diretos; c) Audiência Judicial; d) Militares, policiais e outros profissionais em missão oficial; e) Participação em congressos, reuniões oficiais ou eventos culturais representando a Universidade, o Município ou Estado; f) Outros motivos que, apresentados, possam ser julgados procedentes.

O professor ou professores do componente curricular terão um prazo máximo de dois dias úteis, a partir do recebimento do requerimento, para julgá-los e marcar uma data de realização da verificação de segunda chamada. A realização da verificação de segunda chamada obedecerá o prazo de até 05 (cinco) dias após o deferimento do pedido do aluno, observando o Calendário Acadêmico. A avaliação de segunda chamada deverá contemplar o mesmo conteúdo da verificação parcial ou exame final a que o aluno não compareceu.

Ao aluno que não participar de qualquer avaliação, não tendo obtido a permissão para fazer outra, é atribuída a nota 0 (zero). Será aprovado por média o

aluno que obtiver média parcial igual ou superior a 7,0 (sete), desde que os requisitos de assiduidade sejam satisfeitos.

Será considerado aprovado no componente curricular o aluno que:

I – Obtiver frequência igual ou superior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular e média aritmética igual ou superior a 7 (sete) nas avaliações parciais;

II – Submetido ao exame final, obtiver média aritmética igual ou superior a 6 (seis) resultante da média aritmética das avaliações parciais e da nota do exame final.

Será considerado reprovado o aluno que se incluir em um dos três itens:

I – Obtiver frequência inferior a 75% (setenta e cinco por cento) da carga horária do componente curricular;

II – Obtiver média aritmética inferior a 4 (quatro) nas avaliações parciais;

III – Obtiver média aritmética inferior a 6 (seis) resultante da média aritmética das avaliações parciais e da nota do exame final.

É reprovado no componente curricular o aluno cuja média final for menor que 4,0 (quatro). Neste caso o aluno não poderá submeter-se ao exame final.

A presença do aluno é registrada por sua frequência em cada 60 minutos de aula. É reprovado no componente curricular o aluno que deixar de comparecer a mais de 25% (vinte e cinco por cento) do total das aulas e atividades no período letivo, ressalvados os casos previstos em lei.

O aluno cuja média parcial for maior ou igual a 4,0 (quatro) e menor que 7,0 (sete) e que satisfaça os requisitos de assiduidade definidos terá direito à realização do exame final. O prazo para realização do exame final é de, no mínimo, 03 (três) dias úteis, contados a partir da divulgação da média parcial do aluno.

O rendimento acadêmico final (média final) é obtido pela média aritmética simples entre a média parcial e o resultado do exame final. Ao aluno reprovado por falta será atribuída a média final igual a zero. A média final mínima para aprovação, depois de realizado o cálculo definido é 6,0 (seis).

## 5.2 AVALIAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

A avaliação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB objetiva a melhoria do curso, considerando os aspectos acadêmico e administrativo, buscando

aprimorar as metodologias de ensino, aperfeiçoar o PPC, além de avaliar continuamente o desempenho docente e discente.

Nesse sentido, a autoavaliação do Curso de Enfermagem tem sido construída a partir de um processo participativo desenvolvido em consonância com o processo de autoavaliação institucional, o qual é uma exigência legal do Ministério da Educação (MEC) para todas as IES e está relacionada à melhoria da qualidade da educação superior, à orientação da expansão de sua oferta, ao aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social.

Propõe-se, desse modo, a análise crítica dos processos educativos por meio de instrumentos desenvolvidos pelos próprios docentes do curso para avaliação das ações de ensino nas disciplinas teórico-práticas, bem como a avaliação realizada pelos discentes quanto ao desempenho dos docentes por meio do sistema acadêmico.

Além dessas ações de autoavaliação, os discentes do Curso de Enfermagem participam periodicamente do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), o qual é considerado um indicador da qualidade da educação superior previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFPI. Além desse indicador, a UFPI utiliza outros indicadores para avaliação da qualidade dos cursos, tais como Taxa de Sucesso na Graduação (TSG), Conceito Preliminar dos Cursos (CPC) e Índice Geral de Cursos (IGC).

A Taxa de Sucesso do Curso de Enfermagem do CSHNB, em 2018, foi de 77,46%, considerado um bom indicador para o curso que traz relação estreita com fenômenos de retenção e evasão, os quais foram 12,64% e 6,56% no ano de 2018, respectivamente. Observa-se que a avaliação quantitativa do Curso de Enfermagem é favorável, considerando ser um curso jovem e sediado em campus do interior do estado. Esses indicadores são usados pelo MEC com o intuito de monitorar ações e resultados das IFES e também como ferramenta de apoio à autoavaliação institucional.

Ressalta-se que o corpo docente do Curso de Enfermagem realiza assembleias, conforme o regimento interno do CSHNB (Resolução Nº 41/16), com representação docente, discente e dos servidores técnicos, nas quais são aprovados os planos de ensino das disciplinas, além da apreciação dos planos de trabalho do pessoal docente, antes do início de cada período letivo e, ao término, promove a sua respectiva avaliação.

De forma complementar, o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Enfermagem delibera sobre a organização e revisão curricular, fixação de normas de execução, acompanhamento e avaliação do currículo e sugestão de providências para a melhoria do nível de ensino do curso.

Entende-se que o processo de avaliação curricular objetiva a melhoria da qualidade acadêmica e institucional, sendo possível propor como objetivos do processo avaliativo do curso de enfermagem:

a) Revisar a matriz curricular do curso, as ementas das disciplinas e sua bibliografia, com o propósito de aperfeiçoá-las e adequá-las às diretrizes emanadas do Conselho Nacional de Educação;

b) Avaliar de forma contínua o desempenho docente por meio de instrumentos avaliativos institucionais, bem como pela avaliação dos planos de trabalho individuais;

c) Verificar o desempenho da gestão acadêmica e administrativa do curso a partir dos relatórios anuais de gestão produzidos e enviados à Direção do CSHNB;

d) Identificar as fragilidades e potencialidades do corpo docente e discente a fim de propor estratégias para melhorar a qualidade do ensino de graduação;

e) Rever periodicamente a definição do perfil dos egressos do curso, para adaptá-lo às exigências do mercado de trabalho, à evolução do processo educacional e às determinações do MEC.

## **6 EMENTÁRIO DAS DISCIPLINAS (BIBLIOGRAFIA)**

### **6.1 DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS**

#### **1º SEMESTRE**

##### **CHN0504 - SEMINÁRIO DE INTRODUÇÃO AO CURSO – 1.0.0 (15h/a)**

###### **EMENTA**

Apresentação ao alunado do Projeto Político Pedagógico do Curso e do Projeto Político da Instituição – UFPI. Discussão do Fluxograma do curso, dos objetivos e da metodologia de ensino. Passeio de Reconhecimento da área física e organizacional do Campus. Orientação dos direitos e deveres.

###### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

UFPI. Projeto Político Institucional, Teresina: 2005.

\_\_\_\_\_. Projeto Político Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem, Picos: 2019.

\_\_\_\_\_. Plano de Desenvolvimento institucional – 2015-2019. Teresina: UFPI, 2015.

###### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Enfermagem. Brasília: MEC, 2001.

NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. Repensando a pratica e construindo caminhos: uma analise critica do ensino-aprendizagem no curso de enfermagem da Universidade Federal do Piaui. Teresina: EDUFPI, 1998. 100p.

UFPI. Resolução N° 177/2012. Regimento geral dos cursos de graduação. Teresina: UFPI, 2019.

\_\_\_\_\_. Regulamento das Atividades Complementares do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB. Picos: UFPI, 2010.

**CHN0505 - BIOESTATÍSTICA – 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Informação sobre a importância da Estatística. Levantamento dos dados. Medidas de tendência central e de dispersão. Noções de probabilidade, distribuição normal, binomial, qui-quadrado. Associação. Correlação. Noções de regressão. Amostragem. Teste de hipótese e conceitos básicos de computação.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BERQUO, Elza Salvatori. Bioestatística. 2. ed. São Paulo: EPU/ EPUSP, 2006.  
 JEKEL, James F. Epidemiologia bioestatística e medicina preventiva. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.  
 VIEIRA, Sonia. Introdução à bioestatística. 4. ed. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2008.  
 PAGANO, Marcello; GAUVREAU, Kimberlee (Colab.). Princípios de bioestatística. 2. ed. São Paulo: Thomson, 2004. 506p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

LAURENTI, R. Estatística de saúde. 2. ed. São Paulo: EPU, 2005;  
 TOLEDO, G. L. Estatística básica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.  
 CALLEGARI-JACQUES, Sidia M.. Bioestatística: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2003. 255p.  
 BEIGUELMAN, Bernardo. Curso prático de bioestatística. 5. ed. Ribeirão Preto (SP): Fundação Pesquisas Científicas de Ribeirão Preto, 2002. 272p.  
 FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade (Colab.); TOLEDO, Geraldo Luciano (Colab.). Estatística aplicada. São Paulo: Atlas, 1995. 267p.

**CHN0506 - HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA PARA ENFERMAGEM – 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Técnicas histológicas: métodos de estudo. Estudo das células. Tecidos Gerais. Histologia dos órgãos. Embriologia.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N (Colab.). Embriologia basica. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 462p.

LANGMAN, M. Embriologia médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008;

MAIA, D. Embriologia humana. São Paulo: Atheneu, 2007.

DI FIORE, M.S.H. Atlas de histologia. 7. ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 2001.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 13. ed. São Paulo: Nobel, 2018.

MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N (Colab.). Embriologia clinica. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CORMACK, David H.. Fundamentos de histologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. 371p.

GARCIA, Sonia Maria Lauer de; FERNANDEZ, Casimiro Garcia (Colab.). Embriologia. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. 416p.

MELLO, Romario de Araujo. Embriologia humana. Sao Paulo: Atheneu, 2000.

ROSS, Michael H.; PAWLINA, Wojciech (Colab.). Histologia: texto e atlas: em correlacao com biologia celular e molecular. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 987p.

**CHN0507 - ANATOMIA GERAL – 4.4.0 (120h/a)****EMENTA**

Estudo dos diversos Sistemas Orgânicos. Introdução ao Estudo da Anatomia. Sistema Esquelético, Sistema Articular, Sistema Muscular, Sistema Nervoso, Sistema Tegumentar, Sistema Circulatório, Sistema Digestório, Sistema Urinário, Sistema Genital e Sistema Endócrino.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CASTRO, S.V. Anatomia Fundamental. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2005;

DANGELO; FATTINI. Anatomia humana, sistêmica e segmentar. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2011.

- GRAY, H. Anatomia. 29. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1995;
- HOUSSAY, B. Fisiologia Humana. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004;
- NETTER, Frank H.. Atlas de anatomia humana. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SOBOTTA, J. Atlas de Anatomia Humana. 23. ed. 2v. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.
- SPENCE, AP. Anatomia Humana Básica. 2ª. Ed. São Paulo: Manole, 1991.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- GARDNER, E. Anatomia. 4. d. Rio de Janeiro: Koogan, 2013.
- MACHADO P, A B. M. Neuroanatomia Funcional. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2006;
- DI DIO, Liberato J. A. Tratado de anatomia sistematica aplicada: principios basicos e sistemicos - esqueletico, articular e muscular. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2002.
- VAN DE GRAAFF, Kent M.. Anatomia humana. 6. ed. Barueri (SP): Manole, 2003.
- HERLIHY, Barbara; MAEBIUS, Nancy K (Colab.). Anatomia e fisiologia do corpo humano saudavel e enfermo. Barueri (SP): Manole, 2002. 555p.
- TORTORA, G. J. Corpo humano: fundamentos de anatomia e fisiologia. Tradução por Cláudia L. Zimmer et al. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, Sul, 2012.
- ROHEN, Johannes W.. Anatomia humana: atlas fotograficos de anatomia sistematica e regional. 7. ed. Barueri (SP): Manole, 2010. 531 p.

### **CHN0508 - TÓPICOS EM SOCIOLOGIA DA SAÚDE – 3.0.0 (45h/a)**

#### **EMENTA**

Teorias sociológicas relacionadas à problemática da saúde-doença. Relação sociedade, saúde-doença.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- SILVA, Eunice Almeida da (Org.). Sociologia aplicada a enfermagem. Sao Paulo: Manole, 2012.
- COSTA, C. Sociologia: Introdução à ciência da sociedade. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- OLIVEIRA, Persio. Introdução à Sociologia. 16. ed. São Paulo: Atica, 1996.



BERGER, Peter L.. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. 31. ed. Petropolis: Vozes, 2011. 205 p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

MEKSENAS. Sociologia. 2. ed. Sao Paulo: Cortez, 1993. 149p

MARTINS, Carlos Benedito. Que e sociologia. Sao Paulo: Brasiliense, 2006. 104 p.

ARON, Raymond. Etapas do pensamento sociológico. 7. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2008. 884 p.

DEMO, Pedro. Sociologia: uma introdução crítica. 2. ed. Sao Paulo: Atlas, 1989. 159p.

FORACCHI, Marialice Mençarim; MARTINS, Jose de Souza (Coord.). Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: LTC, 1977.

### **CHN0509 - ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA – 2.0.0 (30h/a)**

#### **EMENTA**

Posição da antropologia na Filosofia Geral. Concepções fundamentais acerca do homem no pensamento ocidental: antropologia moderna. A relação Antropologia Filosófica e Ciências Humanas. Elementos estruturais de uma antropologia sistemática.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ARANHA, M. A. Filosofando – Introdução à filosofia. 2ed. Revista e ampl. São Paulo: Moderna, 1994.

PRADO JUNIOR, Caio. Que e filosofia. 2. ed. Sao Paulo: Brasiliense, 1981. 104p.

PRADO JUNIOR, Bento (Org.). Filosofia e comportamento. Sao Paulo: Brasiliense, 1982. 167p.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

LAPLANTINE, Francois. Antropologia da doença. 4. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. 33ª. Ed. Rio de Janeiro: Graa1, 2004.

PINSKY, J. Cidadania e educação. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005;

OLSCAMP, Paul J.. Introducao a filosofia. Rio de Janeiro: Livros Tecnicos e Cientificos, 1980.

SEVERINO, Antonio Joaqui. Filosofia. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

## **CHN0510 - HISTÓRIA DA ENFERMAGEM – 2.1.0 (45h/a)**

### **EMENTA**

Evolução histórica da prática da enfermagem. Prática da enfermagem no Brasil e no Piauí.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

LIMA, Maria Jose de. O que é enfermagem. 3. ed. Sao Paulo: Brasiliense, 2005. 125 p. (Primeiros Passos, 277)

LIRA, Nazareth F de; BOMFIM, Maria Eliza S (Colab.). Historia da enfermagem e legislacao. Rio de Janeiro: Cultura, 1999. 80p.

OGUISSO, T. Trajetória Histórica e legal da enfermagem. 2. ed. São Paulo: Manole, 2007.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

GEOVANINI, Telma (Et Al). Historia da enfermagem: versoes e interpretacoes. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. 404p.

LIRA, Nazareth F de; BOMFIM, Maria Eliza S (Colab.). Historia da enfermagem e legislacao. Rio de Janeiro: Cultura, 1999. 80p.

NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira (Org.). Historia da Associacao Brasileira de Enfermagem secao Piaui: 50 anos de responsabilidade etico-social. Teresina: ABEn, 2009.

NUNES, B M V T.: BAPTISTA, S S. Os Primórdios do ensino da Enfermagem Moderna no Piauí: Lutas e conquistas na Universidade 1973 – 1977 Teresina: EDUFPI, 2004.

NUNES, Benevina Maria Vilar Teixeira. Repensando a pratica e construindo caminhos: uma analise critica do ensino-aprendizagem no curso de enfermagem da Universidade Federal do Piaui. Teresina: EDUFPI, 1998. 100p.

**CHN0527 - SAÚDE AMBIENTAL – 2.1.0 (45h/a)****EMENTA**

Meio ambiente e tendências sanitárias no Brasil. Ecologia e Saúde Ambiental. Ocupação da terra pelo homem e suas decorrências. Saneamento do meio. Impacto ambiental causado pelos resíduos hospitalares; legislação ambiental.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BRASIL. Ministério Da Saúde. Saúde ambiental e gestão de resíduos de saúde. Brasília: MS, 2000.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Vigilância ambiental em saúde. Brasília: FUNASA, 2002.

DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas. 9 ed. São Paulo: Gaia, 2004.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BIAZZI, Eliza M. S. Viva natural: água, ar, sol, repouso, alegria. Tatui (SP): Casa Publicadora Brasileira, 1995. 255p.

CAVALCANTI, C. (Org.) Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade Sustentável. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RICKLEFS, Robert E. Economia da natureza. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. 546p.

PHILLIPPI, J. R. (Edit.). Saneamento, Saúde e Ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. São Paulo: Manole, 2005.

VERNIER, Jacques. Meio ambiente. 7. ed. Campinas (SP): Papirus, 2005. 132p.

**2º SEMESTRE****CHN0511 - ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE SAÚDE - 2.2.0 (60h/a)****PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

**EMENTA**

Saúde e Comunidade. Assistência de Enfermagem individual e coletiva nos serviços de atenção primária de saúde. Educação em saúde, promoção de saúde, informação comunicação e educação. Família, Sociedade e a visita domiciliar. Educação popular em saúde. Conferência Mundial de promoção da saúde. Contextualização de política pública e o sistema único de saúde e a saúde da família.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

DUNCAN, B.B. Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 4a ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ROUQUAYROL, M.Z. et al. Epidemiologia e Saúde. 7 ed. Rio de Janeiro: Médici, 2013.

Política Nacional de Saúde Pública - A trindade desvelada: economia-saúde-população. SILVEIRA, Mario Magalhaes da (Coord.); SILVA, Rebeca de Sousa e (Colab.); MORELL, Maria Graciela Gonzalez de (Colab.). Rio de Janeiro: Revan, 2005. 380p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 43. ed. 2011.

MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia: caderno de exercicios. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2009. 125p.

MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2009. 685 p.

PEREIRA, Mauricio Gomes. Epidemiologia: teoria e pratica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 596p.

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saúde pública: auto avaliação e revisão. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. 417p.

## **CHN0513 - MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA BÁSICA - 2.4.0 (90h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

### **EMENTA**

Classificação (Reinos) e ordem de grandeza dos seres vivos, diferenciação entre células eucarióticas e procarióticas, características gerais, estrutura antigênica e fatores de patogenicidade dos microrganismos. Bacteriologia, micologia e virologia geral e especial abordando famílias, gêneros e espécies que infectam os sistemas nervoso, cardiovascular, respiratório, pele, urinário, reprodutor e digestório. Imunologia. Apresentação dos assuntos práticos abordando técnicas laboratoriais usadas para identificação dos microrganismos, como também as normas de conduta laboratorial.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BLACK, J.G. Microbiologia – Fundamentos e Perspectivas. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

BARBOSA, Heloiza Ramos; TORRES, Bayardo Baptista (Colab.); FURLANETO, Marcia Cristina (Colab.). Microbiologia basica. Sao Paulo: Atheneu, 2010. 196p.

PELCZAR JUNIOR, Michael J; CHAN, E. C. S (Colab.); KRIEG, Noel R (Colab.). Microbiologia: conceitos e aplicacoes. 2. ed. Sao Paulo: Pearson Makron Books, 1997.

LACAZ, C.S.; PORTO, E.; MARTINS, J.E.C.; HEINS-VACCARI, E.M.; MELO, N.T. Tratado de Micologia médica LACAZ. São Paulo: Sarvier, 2002.

MURRAY, P.R.; ROSENTHAL, K.S.; KOBAYASHI, G.S.; PFALLER, M.A. Microbiologia Médica. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TORTORA, G.J.; FUNKE, B.R.; CASE, C.L. Microbiologia, 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SCHAECHTER, M.; ENGLEBERG, N.C.; EISENSTEIN, B.I.; MEDOFF, G. Microbiologia – Mecanismos das doenças Infeciosas. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

STROHHL, W.; ROUSE, H.; FISHER, B.D. Microbiologia Ilustrada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

CALICH, Vera; VAZ, Celideia (Colab.). Imunologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2009. 323p.

PARHAM, Peter. Sistema imune. 3 ed. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 588p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

TRABULSI, L.R.; ALTERTHUM, F.; GOMPertz, O.F.; CANDEIAS, J.A.N. Microbiologia. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

ROITT, I.M. Imunologia. 6. ed. São Paulo: Atheneu, 2013.

PEAKMAN, Mark; VERGANI, Diego (Colab.). Imunologia basica e clinica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

ABBAS, Abul K.; PILLAI, Shiv (Colab.); LICHTMAN, Andrew H (Colab.). Imunologia celular e molecular. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 580p.

HARVEY, Richard A.; FISHER, Bruce D. (Colab.); CHAMPE, Pamela C. (Colab.). Microbiologia ilustrada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENJAMINI, Eli; SUNSHIBE, Geoffrey (Colab.). Imunologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

### **CHN0514 - BIOFÍSICA PARA ENFERMAGEM – 1.2.0 (45h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

#### **EMENTA**

Princípios físicos do sistema biológico. Biofísica da água, soluções e membranas. Radiobiologia.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BERNE, Robert M; LEVY, Mathew N (Colab.). Fisiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 1034p.

GARCIA, Eduardo A. C. Biofísica. Sao Paulo: Sarvier, 2002. 387p.

HENEINE, Ibrahim Felipe. Biofísica básica. São Paulo: Atheneu, 2010. 391p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

DURAN, J.E. Biofísica: fundamentos e aplicações. 1 ed. São Paulo: Makron Books, 2003.

GUYTON, A.G. Tratado de Fisiologia Médica. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E (Colab.). Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 639p.

OKUNO, E. e col. Física para ciências biológicas. São Paulo: Harbra, 1992.

SILVERTHORN, Dee Unglaub. Fisiologia humana: uma abordagem integrada. 2. ed. Barueri (SP): Manole, 2003. 816p.

### **CHN0515 - PARASITOLOGIA GERAL – 2.2.0 (60h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

#### **EMENTA**

Introdução ao estudo da parasitologia. Relação parasito-hospedeiro. Noções de sistemática. Entomologia: morfologia, biologia, epidemiologia, patogenia, sintomas e diagnóstico de parasitas humanos dos filos. Identificação de Artrópodes, Helmintos e Protozoários. Técnicas de exames parasitológicos de fezes; identificação de ovos e larvas de helmintos e cistos de protozoários.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CIMERMAN, Benjamin; CIMERMAN, Sérgio. Parasitologia humana e seus fundamentos gerais. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

NEVES, David Pereira. Parasitologia humana. 13ª. ed. São Paulo: Atheneu, 2016.

CIMERMAN, Benjamim. Atlas de parasitologia - Artrópodes; Protozoários. São Paulo: Atheneu, 2005.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- REY, Luís. Parasitologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- \_\_\_\_\_. Bases da Parasitologia médica. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2001.
- VERONESI, R. Tratado de Infectologia. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2005.
- NEVES, David Pereira. Parasitologia humana. 12. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2011. 546 p.
- NEVES, David Pereira; BITTENCOURT NETO, Joao Batista (Colab.). Atlas didatico de parasitologia. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2009. 101p.
- DE CARLI, Geraldo Attilio. Parasitologia clinica: selecao de metodos e tecnicas de laboratorio para o diagnostico das parasitoses humanas. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2011.

## **CHN0541 - INTRODUÇÃO À PESQUISA E TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE – 2.3.0 (75h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

### **EMENTA**

Metodologia do estudo: caracterização e instrumentação, leitura, documentação, trabalho científico. O conhecimento, a ciência e o método científico. Ciência e Sociedade. Sistema Nacional de Informações em Saúde. Sistemas de Informações Hospitalares. Intranet, internet, banco de dados, Data SUS, Epi Info.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- FEDELI, R.D. Introdução à Ciência da Computação. Thompson, 2003.
- GIL, A.C. Como elaborar projeto de pesquisa. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação, crítica e utilização. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira (Colab.). Pesquisa social: teoria, metodo e criatividade. 31. ed. Petropolis: Vozes, 2012. 108 p.14



POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. Fundamentos da pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ANDRADE, M.M. Introdução à metodologia do trabalho científico. 10.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RUIZ, J.A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, A.R. Metodologia científica: a construção do conhecimento. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

VELLOSO, F.C. Informática: conceitos básicos. 8. ed. Campus, 2011.

VIEIRA, S.; HOSSNE, W.S. Metodologia científica para a área da saúde. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

## **3º SEMESTRE**

### **CHN0517 - BIOQUÍMICA PARA ENFERMAGEM – 2.4.0 (90h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem na atenção primária de saúde; Microbiologia e imunologia básica; Biofísica para enfermagem; Parasitologia geral; Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saúde

#### **EMENTA**

Química e Biomoléculas: carboidratos, lipídios, proteínas e ácidos nucleicos. Enzimas, membranas biológicas, biosinalização, bioenergia e metabolismo oxidativo, vitaminas, fosforilação oxidativa, metabolismo dos carboidratos, lipídios, aminoácidos, proteínas, nucleotídeos de purina e pirimidina, inter-relações metabólicas. Identificação experimental dos: carboidratos, lipídios, aminoácidos e proteínas e estudo das propriedades gerais das enzimas.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

NEPOMUCENO, M.F. Bioquímica experimental. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

SACKHEIM, G.L. Química e bioquímica para ciências biomédicas. 8. ed. São Paulo: Manole, 2011.

LEHNINGER, A.L. Princípios de bioquímica. 5. ed. São Paulo: Sarvier, 2011.

MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo Baptista (Colab.). Bioquímica básica. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. 386p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

DOSE, Klaus. Bioquímica. São Paulo: Entrelinhas, 1982. 296p.

VIEIRA, E.C.; GAZZINELLI, G.; MARES GUIA, M. Bioquímica celular e biologia molecular. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002.

ROZEMBERG, I. M. Química geral. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1981.

LEMBO, Antonio; SARDELLA, Antonio (Coord.). Química. 12. ed. São Paulo: Atica, 1992.

KOTZ, John C.; TREICHEL, Paul M. (Colab.). Química geral e reações químicas. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2005. 672p.

### **CHN0518 - PATOLOGIA E PROCESSOS GERAIS - 2.2.0 (60h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem na atenção primária de saúde; Microbiologia e imunologia básica; Biofísica para enfermagem; Parasitologia geral; Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saúde

#### **EMENTA**

Alterações degenerativas. Estudo das necroses. Inflamações inespecíficas. Inflamações específicas. Processos reparativos. Distúrbios do metabolismo dos pigmentos e minerais. Perturbações circulatórias: edema, congestão, hemorragia, trombose, embolia e enfarte. Alterações do crescimento celular, Oncogênese. Estudo das neoplasias benignas e malignas.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

KUMAR, Vinay; FAUSTO, Nelson (Colab.); ABBAS, Abul K. (Colab.). Robbins e Cotran Patologia: bases patológicas das doenças. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 1592p.

MONTENEGRO, M.R. Patologia de processos gerais. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2010.

PORTH, Carol Mattson; KUNERT, Mary Pat (Colab.). Fisiopatologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 1451p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

COSTA, Eronita de Aquino. Manual de fisiopatologia e nutrição. 4. ed. Petropolis: Vozes, 2009. 222p.

GUYTON, A.G. Tratado de Fisiologia Médica. 12 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

KOSS, Leopold G.; GOMPEL, Claude (Colab.). Introdução a citopatologia ginecológica: com correlações histológicas e clínicas. São Paulo: Roca, 2006. 203p.

MENDES, Rene (Org.). Patologia do trabalho. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

REGÉZI, Joseph A. Atlas de patologia oral e maxilofacial. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 168p.

### **CHN0520 - FISIOLOGIA PARA ENFERMAGEM - 1.6.0 (105h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem na atenção primária de saúde; Microbiologia e imunologia básica; Biofísica para enfermagem; Parasitologia geral; Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saúde

#### **EMENTA**

Estudo da fisiologia dos sistemas do organismo humano e sua regulação: sistema nervoso, sistema muscular, sistema cardiovascular, sangue, sistema respiratório, sistema renal, sistema digestivo, sistema endócrino e sistema reprodutor. Estudo da interação de suas funções.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

AIRES, M.M. Fisiologia. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

GUYTON, A.C. Fisiologia humana. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

\_\_\_\_\_. Tratado de fisiologia médica. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- GANONG, W.F. Fisiologia médica. 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- GUYTON, A.C. Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- SILVERTHORN, Dee Unglaub. Fisiologia humana: uma abordagem integrada. 2. ed. Barueri (SP): Manole, 2003. 816p.
- BERNE, Robert M; LEVY, Mathew N (Colab.). Fisiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 1034p.
- HANSEN, John T.. Atlas de fisiologia humana de Netter. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- COSTANZO, Linda S.; ARAUJO, Claudia Lucia Caetano (Trad.). Fisiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

## **CHN0521 - PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM - 1.2.0 (45h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem na atenção primária de saúde; Microbiologia e imunologia básica; Biofísica para enfermagem; Parasitologia geral; Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saúde

### **EMENTA**

Estudo das teorias e desenvolvimento da personalidade. Estrutura da personalidade. Mecanismo de defesa do ego. Estudo das funções psíquicas. Relacionamento terapêutico enfermeiro-paciente. Técnicas de comunicação e entrevista. Teorias psicossociais do desenvolvimento. Problemas emocionais vivenciados pelos pacientes internados.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). Psicologia hospitalar: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. 23. ed. Petropolis: Vozes, 2011. 183 p.
- PIAGET, Jean. Epistemologia genética. Sabedoria e ilusões da filosofia. Problemas de psicologia genética. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 294p.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- CHIAVENATO, I. Gerenciando com as pessoas: transformando o executivo em um excelente gestor de pessoas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- DANIEL, L.F. Atitudes interpessoais em Enfermagem. São Paulo: EPU, 1983.
- GOLEMAN, D. Inteligência emocional. São Paulo: Objetiva, 2001.
- MOTTA, Paulo A. Genética humana: aplicada a psicologia e toda a área biomédica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 157p.
- WEITEN, Wayne. Introdução à psicologia: temas e variações. 7. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 605p.

## **CHN0525 - EPIDEMIOLOGIA APLICADA – 3.1.0 (60h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de introdução ao curso; História da enfermagem; Anatomia geral; Histologia e embriologia para enfermagem; Tópicos em sociologia da saúde; Bioestatística; Saúde ambiental; Antropologia filosófica

### **EMENTA**

Bases da Epidemiologia, a aplicação de conceitos e métodos e a sua prática nos diferentes níveis de gestão, na organização dos serviços e na implantação de modelos de atenção à saúde, para atender as necessidades da população nos três níveis de atuação, promoção, prevenção e recuperação da saúde dando ênfase ao controle de danos, riscos e causas determinantes que afetam a saúde, bem como os princípios que norteiam o Sistema Único de Saúde (SUS).

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ROUQUAYROL, Maria Zélia; GURGEL, Marcelo (Colab.). Epidemiologia & saúde. 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. 709p.
- GORDIS, Leon. Epidemiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.
- MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia: caderno de exercícios. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 125p.
- MEDRONHO, Roberto A. Epidemiologia. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

GORDIS, Leon. Epidemiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. 372p.

Instituto Nacional de Cancer Jose Alencar Gomes da Silva. Situacao do tabagismo no brasil: dados dos inqueritos do sistema internacional de vigilancia do tabagismo da organizacao mundial da saude realizados no brasil entre 2002 e 2009. . .

SANTOS, Alvaro da Silva; CUBAS, Marcia Regina. Saúde coletiva: linhas de cuidado e consulta de enfermagem. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

FLETCHER, Robert H.; FLETCHER, Suzanne W. (Colab.). Epidemiologia clinica: elementos essenciais. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JEKEL, James F.; KATZ, David L. (Colab.); ELMORE, Joann G. (Colab.).

Epidemiologia, bioestatistica e medicina preventiva. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 432p.

## **CHN0524 - ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL – 2.3.0 (75h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem na atenção primaria de saude; Microbiologia e imunologia básica; Biofisica para enfermagem; Parasitologia geral; Introdução à pesquisa e tecnologias de comunicação em saude

### **EMENTA**

Teorias psiquiátricas, psicopatologias e nosologia psiquiátrica. Assistência de enfermagem ao indivíduo em situações clínicas e psiquiátricas nos diversos níveis de atenção à saúde.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

LEONI, M.G. Autoconhecimento do enfermeiro na relação terapêutica. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

JACQUES, Maria da Graca. Saude mental & trabalho. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 420p.

TUNDIS, Silverio Almeida (Org.); COSTA, Nilson do Rosario (Colab.). Cidadania e loucura: politicas de saude mental no Brasil. 8. ed. Petropolis: Vozes, 2007. 288p.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CUNHA, Jurema Alcides. Psicodiagnostico - V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 677p.

DANIEL, L.F. Atitudes interprofissionais na enfermagem psiquiátrica – subordinação e resistência. São Paulo: Cortez, 1983.

PEREIRA, Sofia Laurentino Barbosa. Processo de trabalho do serviço social na saúde mental. Teresina: EDUFPI, 2017. 260 p.

TRUCHARTE, Fernanda Alves Rodrigues; KNIJNIK, Rosa Berger (Colab.); SEBASTIANI, Ricardo Werner (Colab.). Psicologia hospitalar: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 114p.

WEITEN, Wayne. Introdução a psicologia: temas e variações. 7. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 605p.

## **4º SEMESTRE**

### **CHN0512 - METODOLOGIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM – 2.1.0 (45h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Bioquímica para enfermagem; Patologia e processos gerais; Fisiologia para enfermagem; Psicologia aplicada a enfermagem; Enfermagem em saúde mental; Epidemiologia aplicada

#### **EMENTA**

Estudar as principais teorias que embasam a assistência de Enfermagem e a dinâmica das ações sistematizadas da assistência, enfocando o diagnóstico de Enfermagem, as necessidades humanas básicas na assistência integrada ao indivíduo, família e comunidade. Processo de enfermagem e a sistematização da assistência de Enfermagem.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem 13.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2012.

\_\_\_\_\_. Planos de cuidado de enfermagem e documentação. 5a ed. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

HORTA, W.A. Processo de Enfermagem. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CIANCIARULLO, T.I. Instrumentos básicos para o cuidar. São Paulo: Atheneu, 2005.

DANIEL, L.F. Atitudes interpessoais em enfermagem. São Paulo: EPU, 1983.

\_\_\_\_\_. A enfermagem planejada. 3.ed. São Paulo: EPU, 1983.

MOORHEAD, Sue (Et Al). NOC Classificação dos resultados de enfermagem 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

BULECHECK, Gloria M. (Et Al). NIC Classificação das intervenções de enfermagem. 6ed.. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

Nanda International; GARCEZ, Regina Machado (Trad.). NANDA Diagnosticos de enfermagem da nanda: definições e classificação: 2018-2020. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

### **CHN0519 - FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM I - 4.3.0**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Bioquímica para enfermagem; Patologia e processos gerais; Fisiologia para enfermagem; Psicologia aplicada a enfermagem; Enfermagem em saúde mental; Epidemiologia aplicada

#### **EMENTA**

Aspectos humanísticos na prática de Enfermagem, o processo de comunicação e os instrumentos da Enfermagem. Enfoca o cuidado de Enfermagem como ação terapêutica na atenção à saúde individual e coletiva no nível primário. Medidas de controle de infecção. Procedimentos e técnicas básicas de Enfermagem inerentes ao trabalho do enfermeiro.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CIANCIARULLO, T.L. Instrumentos básicos para o cuidar. São Paulo: Atheneu, 2005.

MUSSI, N.M. Técnicas fundamentais de enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2007.



TAYLOR, Carol. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciencia do cuidado de enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

TIMBY, Barbara K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KAWAMOTO, Emilia Emi; FORTES, Julia Ikeda (Colab.). Fundamentos de enfermagem. 2. ed. Sao Paulo: EPU, 1997.

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen (Colab.). Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

SWEARING, Pamela L.; HOWARD, Cheri A. (Colab.). Atlas fotografico de procedimentos de enfermagem. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. 657.

TAJRA, Antonio Dib. Manual de regulamentos e procedimentos medico-hospitalares. Sao Paulo: Iatria, 2003. 220p.

### **CHN0522 - SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA PARA ENFERMAGEM – 3.5.0 (120h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Bioquímica para enfermagem; Patologia e processos gerais; Fisiologia para enfermagem; Psicologia aplicada a enfermagem; Enfermagem em saude mental; Epidemiologia aplicada

#### **EMENTA**

Avaliação das condições de saúde individual e coletiva. Exame físico em enfermagem dos sistemas orgânicos.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BARROS, Alba Lucia Botura Leite de. Anamnese e exame físico: avaliação diagnostica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARVIS, Carolyn. Exame físico e avaliação de saúde. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 900p

PORTO, Celmo Celeno; PORTO, Arnaldo Lemos (Colab.). Exame clinico. 8.ed. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. 560p.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BRETAS, Jose Roberto da Silva (Org.). Manual de exame físico para a prática da enfermagem em pediatria. São Paulo: Iatria, 2005. 187p.

FISCHBACH, Frances. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 736 p.

GROSS, Jeffrey. Exame musculoesquelético. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 469.

POSSO, M. B. S. Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem. São Paulo: Atheneu, 2006.

POTTER, P.A. Semiologia em Enfermagem. 6ª ed. Rio de Janeiro: Reichman e Affonso editores, 2008.

## **CHN0523 - FARMACOLOGIA PARA ENFERMAGEM – 3.4.0 (105h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Bioquímica para enfermagem; Patologia e processos gerais; Fisiologia para enfermagem; Psicologia aplicada a enfermagem; Enfermagem em saúde mental; Epidemiologia aplicada

### **EMENTA**

Absorção, distribuição, metabolização e eliminação de drogas. Farmacodinâmica. Considerações sobre o Sistema Nervoso Autônomo. Parassimpaticomiméticos. Parassimpaticolíticos. Simpaticomiméticos. Simpaticolíticos. Hormônios dos tecidos. Farmacologia da inflamação. Farmacologia do Sistema Nervoso Central. Farmacologia do Sistema Cardiovascular. Antimicrobianos. Antiasmáticos.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

GILMAN, A.G. As bases Farmacológicas da Terapêutica. 10. Ed. Rio de Janeiro: Mcgraw-Hill Interamericana, 2003.

KATZUNG, B.G. Farmacologia básica e clínica. 9ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M.; MOORE, P.K. Farmacologia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ASPERHEIM, M. K. Farmacologia para enfermagem. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FUCHS, F. D. Farmacologia clínica. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015.

RANG, H. P.; RITTER, J. M.; DALE, M. M. Farmacologia. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2001.

SILVA, P. Farmacologia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

DELUCIA, R. Farmacologia integrada. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2007.

## **5º SEMESTRE**

### **CHN0526 - ENFERMAGEM NAS CIRURGIAS E EMERGÊNCIAS – 3.6.0**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Metodologia da assistência de enfermagem; Fundamentação básica de enfermagem I; Semiologia e semiotécnica para enfermagem; Farmacologia para enfermagem

#### **EMENTA**

Acidentes como problemas de Saúde Pública. Atendimento pré-hospitalar e hospitalar das emergências clínicas e cirúrgicas. A enfermagem frente a situações de emergências. A Sistematização da Assistência de Enfermagem nas situações de emergências. A enfermagem e sua atuação no Bloco Cirúrgico e Central de Material.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

SILVA, M.D.A; RODRIGUES, A.L; CESARETTI, I.U.R. Enfermagem na unidade de centro cirúrgico. 2ed. São Paulo: EPU, 1997.

CINTRA, L. de Araújo. Assistência de enfermagem ao cliente gravemente enfermo. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2005;

FONTINELE JUNIOR, K.; SARQUIS, S.V. Urgência e emergências em enfermagem. Goiânia: AB, 2004.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CALIL, Ana Maria; PARANHOS, Wana Yeda (Colab.). Enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo: Atheneu, 2007.

KNOBEL, E. Condutas no paciente grave. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

MARTINS. Manual de emergências médicas. 2ed. São Paulo: Revinter, 2004.

POSSARI, Joao Francisco. Centro cirurgico: planejamento, organizacao e gestao. 4. ed. Sao Paulo: Iatria, 2009. 288p.

SANTOS, Nivea Cristina Moreira. Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pre-hospitalar (APH) a sala de emergência. 6. ed. São Paulo: Iatria, 2010.

## **CHN0528 - ENFERMAGEM NA ATENÇÃO ÀS ENFERMIDADES INFECTO-CONTAGIOSAS E PARASITÁRIAS – 2.5.0 (105h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Metodologia da assistencia de enfermagem; Fundamentacao basica de enfermagem I; Semiologia e semiotecnica para enfermagem; Farmacologia para enfermagem

### **EMENTA**

Aspectos Clínicos e Epidemiológicos das Doenças infectocontagiosas de origem virótica, bacteriana, fúngica e parasitária de interesse para a saúde pública em nível local e regional. Doenças infectocontagiosas com tendência declinante. Doenças infectocontagiosas com quadro de persistência. Introdução à vigilância epidemiológica. Doenças infectocontagiosas imunopreveníveis. Portaria nº 2325/64 GM de 08 de dezembro de 2003. Portaria nº 597/GM de 8 de abril de 2004. Assistência de Enfermagem a portadores de Doenças Infectocontagiosas.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

FARIAS, H. J. Doenças Infecciosas e Parasitarias. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

HINRICHSEN, S. L. DIP-Doenças Infecciosas e Parasitarias. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

AUTO, Helvio Jose de Farias. Doencas infecciosas e parasitarias. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 437p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- FOCACCIA, Roberto. Tratado de infectologia. 3. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2005.
- ARAUJO, Maria Jose Bezerra de. Ações de enfermagem em saúde pública e em doenças transmissíveis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bezerra de Araújo, 1987. 275p.
- COURA, Jose Rodrigues (Ed.). Dinamica das doencas infecciosas e parasitarias. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- COURA, J.R. Síntese das doenças infecciosas e parasitárias. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2008.
- SCHAECHTER, Moselio (Et Al). Microbiologia: mecanismos das doencas infecciosas. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009. 642p.

## **CHN0529 - FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM II – 3.5.0 (120h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Metodologia da assistencia de enfermagem; Fundamentacao basica de enfermagem I; Semiologia e semiotecnica para enfermagem; Farmacologia para enfermagem

### **EMENTA**

Enfoca o cuidado de Enfermagem como ação terapêutica na atenção à saúde individual e coletiva nos níveis secundários e terciários. Identificação de problemas reais e potenciais de desvio de saúde, conhecimentos básicos e técnicas de Enfermagem utilizadas na manutenção e recuperação da saúde do ser humano, avaliação do atendimento das necessidades básicas do cliente em sua integralidade e singularidade.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- DU GAS, B.W. Enfermagem Prática. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- NETTINA, Sandra M.. Pratica de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- MUSSI, N.M. Técnicas fundamentais de enfermagem. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2007.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CIANCIARULLO, T.L. Instrumentos básicos para o cuidar. São Paulo: Atheneu: 2005.

TAYLOR, Cecelia Monat. Fundamentos de Enfermagem de Mereness. 13. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1992.

WILLIAMS, Lippincott (Org.). Enfermagem medica e hospitalar. São Paulo: Rideel, 2005.

PAULINO, I. Manual de Enfermagem. 2ed. São Paulo, Icone, 2000.

TIMBY, Barbara K. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

## **CHN0530 - BIOÉTICA, DEONTOLOGIA E LEGISLAÇÃO PARA ENFERMAGEM – 3.0.0 (45h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Metodologia da assistencia de enfermagem; Fundamentacao basica de enfermagem I; Semiologia e semiotecnica para enfermagem; Farmacologia para enfermagem

### **EMENTA**

Origem e características da bioética. Referenciais teóricos, conceituais bioéticos e definições legais. Códigos e Ética profissional. Instrumentos, conceitos e desafios básicos de ética em saúde. Direitos do paciente. Código de deontologia de Enfermagem. Lei do exercício da Enfermagem.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

BRASIL. CONSELHO FEREDRAL DE ENFERMAGEM. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Rio de Janeiro: COREN-RJ, 1999.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 94.406, de 08 de junho de 1987- Regulamenta a lei nº 7.498.

\_\_\_\_\_. Lei nº 7.498, de junho de 1986 – Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências.

Conselho das Organizacoes Internacionais de Ciencias Medicas. Diretrizes eticas internacionais para pesquisas relacionadas a saude envolvendo seres humanos. 4. ed. Brasilia: CFM, 2018.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- ANGERINI, V.A. A ética na saúde. São Paulo: Thomson, 2006.
- BRASIL. (COREN/SP). Documentos básicos de enfermagem; 2001.
- BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (Org.). Bioética: alguns desafios. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SÃ, Antonio Lopes de. Ética profissional. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- PESSINI, L. BARCHINFONTAINE, C.P. Problemas atuais de bioética. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

## **CHN0544 - DIDÁTICA APLICADA A ENFERMAGEM – 4.0.0 (60h/a)**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Metodologia da assistência de enfermagem; Fundamentação básica de enfermagem I; Semiologia e semiótica para enfermagem; Farmacologia para enfermagem

### **EMENTA**

Considerações sobre educação. Didática e o processo ensino-aprendizagem. Concepções de educação: comportamentalista, humanista, cognitivista, transformadora ou contextual. Planejamento didático: objetivos, conteúdos, metodologia, material e avaliação.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- CANDAU, Vera Maria. A didática em questão. 32ª Ed. São Paulo: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. Rumo uma nova didática. 22 ed. São Paulo: Vozes, 2012.
- LOPES, Antonia Osima. Repensando a didática. 29 ed. São Paulo: Papiros, 2011.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- FREITZEN, Silvino José. Exercícios práticos de dinâmica de grupo. Vol I e Vol II, 28ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NÉRICI, Imídeo. Didática. São Paulo: Atlas, 1998.
- PILETTI, Claudino. Didática geral. 23 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- RATHS, Louis. Ensinar a pensar. São Paulo: EPLJ, 1996.
- SANT'ANNA, Isa Martins. Didática: aprender e ensinar. São Paulo: Loyola, 1997.

## **6º SEMESTRE**

### **CHN0531 - SAÚDE DA MULHER – 4.7.0 (165h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem nas cirurgias e emergências; Enfermagem na atenção às enfermidades infectocontagiosas e parasitárias; Fundamentação básica de enfermagem II; Bioética, deontologia e legislação em enfermagem; Didática aplicada a enfermagem

#### **EMENTA**

Assistência Integral da Mulher através de programas de saúde. Atendimento as necessidades biopsicossociais durante o ciclo grávido puerperal. Complicações da gravidez, parto, puerpério e afecções do aparelho genital feminino.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CARVALHO, Geraldo Mota. Enfermagem em obstetrícia. 3 ed. São Paulo: EPU, 2007.

ZIEGEL, Erna E; CRANLEY, Mecca S (Colab.). Enfermagem obstétrica. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

REZENDE, J. Obstetrícia fundamental. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CARVALHO. G. M. Enfermagem em ginecologia. 3 ed. São Paulo: EPU, 2007;

BEREK, J.S; ARAUJO, L.C; DUARTE, T.C. Tratado de ginecologia. 15 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.

LEONE, C. R; TRONCHIN, D. M. Assistência integrada ao recém-nascido. São Paulo: 2 ed. Atheneu, 2012.

RICCI, S.S. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. 3 ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2015.

ZUGAIB, M; RUOCCO, R.M.S.A. Pré-natal. 3 ed. São Paulo: Atheneu, 2005.



**CHN0532 - SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE – 4.7.0 (165h/a)****PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem nas cirurgias e emergências; Enfermagem na atenção às enfermidades infectocontagiosas e parasitárias; Fundamentação básica de enfermagem II; Bioética, deontologia e legislação em enfermagem; Didática aplicada a enfermagem

**EMENTA**

Características do Recém-nascido. Assistência ao RN a termo, pré-termo e pós termo nas unidades neonatais. Problemática da saúde da criança e do adolescente no país. Programas de atenção à saúde da criança e do adolescente. Aspectos nutricionais. A saúde mental da criança e do adolescente. Agravos e riscos a saúde deste grupo. Assistência de enfermagem à criança e adolescente na rede de saúde básica.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

MARCONDES, E. Pediatria básica. 9 ed. São Paulo: Sarvier, 2004.

SILVA, M.J.P. Enfermagem na UTI neonatal. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

WONG, D.L. Enfermagem pediátrica. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

SIGUAD, Cecília Helena de Siqueira (Colab.); VERISSIMO, Maria de La O Ramalho (Colab.). Enfermagem pediátrica: o cuidado de enfermagem a criança e ao adolescente. São Paulo: EPU, 2005. 269p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

SIGAUD, Cecília Helena de Siqueira. Enfermagem pediátrica. São Paulo: EPU, 2005;

BRETAS, J.R.S. Manual de exame físico para a prática da enfermagem em pediatria. São Paulo: Iatria, 2005.

FIGUEIREDO, J.E.F. Enfermagem Pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

LEONE, Clea Rodrigues. Assistência integrada ao recém-nascido. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012.

SANTOS, Polianna de Carvalho Oliveira. Perfil de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Picos, 2011. 33p.

## **CHN0533 - SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO I – 4.5.0**

### **PRÉ-REQUISITOS**

Enfermagem nas cirurgias e emergências; Enfermagem na atenção às enfermidades infectocontagiosas e parasitárias; Fundamentação básica de enfermagem II; Bioética, deontologia e legislação em enfermagem; Didática aplicada a enfermagem

### **EMENTA**

Assistência do adulto e idoso enfocando as diversas patologias e os vários níveis de atenção à saúde.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

FREITAS, E,V; PY, L. Tratado de Geriatria e gerontologia. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

CUNHA, Ulisses Gabriel de Vasconcelos (Colab.); GUIMARAES, Renato Maia (Ed.). Sinais e sintomas em geriatria. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2004. 312p.

SMELTZER, Suzanne C; BARE, Brenda G (Colab.). Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

GONCALVES, Lucia Hisako Takase (Org.). Enfermagem no cuidado ao idoso hospitalizado. Barueri (SP): Manole, 2012. 407p.

CALDAS, C.P. A saúde do idoso: a arte de cuidar. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

KATZ, P.R; DUTHIE, E.H. Geriatria prática. 3 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

CARVALHO FILHO, E. T.; PAPALÉO NETTO, M. Geriatria: fundamentos, clínica, terapêutica. São Paulo: Atheneu, 2000.

RODRIGUES, R.A. P.; DIOGO, M.J. Como cuidar dos idosos. 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

## 7º SEMESTRE

### CHN0534 - ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM - 5.5.0 (150h/a)

#### PRÉ-REQUISITOS

Saúde da mulher; Saúde da criança e do adolescente; Saúde do adulto e do idoso I

#### EMENTA

Processo de trabalho em saúde. Bases teóricas da administração e sua aplicação no processo decisório e liderança em Enfermagem. Relação e poder nas organizações de saúde. Relações humanas no trabalho. Trabalho em equipe. Planejamento, aplicação e controle de recursos institucionais. Gerenciamento do Serviço de Enfermagem. Administração e Supervisão da Assistência e Serviço de Enfermagem.

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KURCGANT, Paulina (Coord.). Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 198p.

MARQUIS, Bessie L.; HUSTON, Carol J. (Colab.). Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. 477p.

TAJRA, Sanmya Feitosa. Gestão estratégica na saúde: reflexões e práticas para uma administração voltada para a excelência. 4. ed. São Paulo: Iatria, 2010. 248p.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CHIAVENATO, Idalberto. Gerenciando com as pessoas: transformando o executivo em um excelente gestor de pessoas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 335p.

CIANCIARULLO, Tamara Iwanow (Colab.). Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência. São Paulo: Atheneu, 2005. 154p.

DANIEL, Líliliana Felcher. Atitudes interpessoais em enfermagem. São Paulo: EPU, 1983. 176p.

PASSONI, Arquimedes (Et Al). Gestão na saúde em São Caetano do Sul: colaboradores, procedimentos técnicos e políticas públicas. São Paulo: Midia Alternativa, 2007. 79. (Temas Interdisciplinares; 6)

VERGARA, Sílvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007. 86p.

**CHN0535 - SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO II - 4.5.0 (135h/a)****PRÉ-REQUISITOS**

Saúde da mulher; Saúde da criança e do adolescente; Saúde do adulto e do idoso I

**EMENTA**

Assistência do adulto e idoso enfocando as diversas patologias e os vários níveis de atenção à saúde.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- DUTHIE, Edmund H; KATZ, Paul R (Colab.). Geriatria pratica. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 582p.
- RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani (Org.); DIOGO, Maria Jose DElboux (Colab.). Como cuidar dos idosos. Campinas (SP): Papyrus, 2005. 125p.
- SMELTZER, Suzanne C; BARE, Brenda G (Colab.). Tratado de enfermagem medico-cirurgica. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- CASTRO, Antonio Bento de. Condutas basicas em dor: roteiro praticos para diagnostico e tratamento das sindromes dolorosas que ocorrem no dia-a-dia da clinica de dor. Sao Paulo: Iatria, 2005. 214p.
- GONCALVES, Lucia Hisako Takase (Org.). Enfermagem no cuidado ao idoso hospitalizado. Barueri (SP): Manole, 2012. 407p.
- KATZUNG, Bertram G. Farmacologia: basica e clinica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 991p.
- SILVA, Jose Vitor (Org.). Saude do idoso: processo de envelhecimento sob multiplos aspectos. Sao Paulo: Latria, 2010. 320p.
- XAVIER, Ricardo M. (Org.). Laboratorio na pratica clinica: consulta rapida. Porto Alegre: Artmed, 2005. 702p

**CHN0536 - ADMINISTRAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA - 4.4.0 (120h/a)****PRÉ-REQUISITOS**

Saúde da mulher; Saúde da criança e do adolescente; Saúde do adulto e do idoso I

**EMENTA**

A saúde pública e a enfermagem de saúde pública. Distrito sanitário e o processo de territorialização. Planejamento em saúde – agenda, plano de saúde e quadros de metas. Política nacional de saúde e o controle social. Programas de saúde (PNI/ API). Doenças como problema de saúde pública. Organização dos serviços de saúde no Brasil.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saude publica: auto avaliacao e revisao. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. 417.3 ed.

ARAUJO, Maria Jose Bezerra de. Ações de enfermagem em saude pública e em doenças transmissíveis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bezerra de Araújo, 1987. 275p..2 ed.

Política Nacional de Saúde Pública - A trindade desvelada: economia-saúde-população. SILVA, Mario Magalhaes da (Coord.); SILVA, Rebeca de Sousa e (Colab.); MORELL, Maria Graciela Gonzalez de (Colab.). Rio de Janeiro: Revan, 2005. 380p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BRASIL. Constituicao, 1988. Constituicao da republica federativa do Brasil: atualizada até a emenda constitucional nº 68, de 21/12/2011. 35. ed. Sao Paulo: Atlas, 2012. 476 p.

\_\_\_\_\_. Ministerio da Saude. Secretaria de Atencao a Saude. Departamento de Atencao Basica. Saude da familia: um retrato. 1. ed. Brasilia: Ministerio da Saude, 2009. 76p. (Serie I. Historia da Saude no Brasil)

DUCAN, Brauce B. (Org.); GIUGLIANI, Elsa R.J. (Colab.); SCHMIDT, Maria Ines (Colab.). Medicina ambulatorial: condutas de atencao primaria baseadas em evidencias. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 1600p.

OLIVEIRA, Fatima Bayma (Org.); KASZNAR, Istvan Karoly (Colab.). Saude, previdencia e assistencia social: politicas publicas integradas: desafios e propostas estrategicas. Sao Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 241p.

SCLIAR, Moacyr. Olhar sobre a saude publica. Sao Paulo: Scipione, 2003. 48p. ((Colecao Palavra da Gente; v. 1. Ensaio)).

## **8º SEMESTRE**

### **CHN0538 - ESTÁGIO CURRICULAR I – 0.0.28 (420h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Administração em saúde pública; Administração em enfermagem; Saúde do adulto e do idoso II

#### **EMENTA**

Propõe trabalhar o processo de enfermagem como ação terapêutica na atenção à saúde individual e coletiva, nos níveis primário, secundário e terciário, aplicando os conhecimentos e técnicas aprendidas na teoria e prática das disciplinas específicas.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Todas as bibliografias básicas constantes no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB – UFPI.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Todas as bibliografias complementares constantes no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB – UFPI.

### **CHN0537 - SEMINÁRIO DE PESQUISA I – 1.2.0 (45h/a)**

#### **PRÉ-REQUISITOS**

Administração em saúde pública; Administração em enfermagem; Saúde do adulto e do idoso II

**EMENTA**

Relação da pesquisa com produção do conhecimento científico. Importância da pesquisa no desenvolvimento da enfermagem. Aspectos éticos e legais do pesquisador, modelos teóricos da pesquisa social. Construção e desenvolvimento de projeto de pesquisa.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A (Colab.); SILVA, Roberto da (Colab.). Metodologia científica. 6. ed. Sao Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 159p. 6 ed.  
 GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. Sao Paulo: Atlas, 2010. 184p. 5 ed.  
 SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. Sao Paulo: Cortez, 2007. 304p. 23 ed.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade (Colab.). Metodologia do trabalho científico. 7. ed. Sao Paulo: Atlas, 2011. 225 p.  
 RUIZ, Joao Alvaro. Metodologia científica: guia para eficiencia nos estudos. 6. ed. Sao Paulo: Atlas, 2011. 180 p.  
 ANDRADE, Maria Margarida de. Introducao a metodologia do trabalho científico. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2006. 174p.  
 ASTI VERA, armando. Metodologia da pesquisa científica. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1989. 223p.  
 UFPI. Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB-UFPI. Picos: UFPI, 2010.

**9º SEMESTRE**

**CHN0539 - SEMINÁRIO DE PESQUISA II - 1.2.0 (45h/a)**

**PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de Pesquisa I; Estágio Curricular I

**EMENTA**

Estudar os métodos, técnicas e normas para produção de trabalhos científicos segundo as normas da ABNT e periódicos nacionais e internacionais. Construção do relatório final de pesquisa. Elaboração de artigo científico para publicação. Elaboração de apresentação de trabalhos científicos em eventos.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A (Colab.); SILVA, Roberto da (Colab.).

Metodologia científica. 6. ed. Sao Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 159p.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. Sao Paulo: Atlas, 2010. 184p. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

POLIT, Denise F. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliacao de evidencias para a pratica de enfermagem. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 669 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. Sao Paulo: Cortez, 2007. 304p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade (Colab.). Metodologia do trabalho científico. 7. ed. Sao Paulo: Atlas, 2011. 225 p.

RUIZ, Joao Alvaro. Metodologia científica: guia para eficiencia nos estudos. 6. ed. Sao Paulo: Atlas, 2011. 180 p.

ANDRADE, Maria Margarida de. Introducao a metodologia do trabalho científico. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2006. 174p.

ASTI VERA, armando. Metodologia da pesquisa científica. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1989. 223p.

UFPI. Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB-UFP. Picos: UFPI, 2010.

**CHN0540 - ESTÁGIO CURRICULAR II – 0.0.28 (420h/a)****PRÉ-REQUISITOS**

Seminário de Pesquisa I; Estágio Curricular I



**EMENTA**

Planejamento, administração e assistência de Enfermagem nas situações clínicas, cirúrgicas, psiquiátricas, gineco-obstétricas, pediátricas e saúde coletiva em situações ambulatoriais e Hospitalares de maior Complexidade.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

Todas as bibliografias básicas constantes no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB – UFPI.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

Todas as bibliografias complementares constantes no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB – UFPI.

6.2 DISCIPLINAS OPTATIVAS<sup>3</sup>**CHN0543 - MICROINFORMÁTICA - 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

A evolução dos computadores, conceitos de hardware e software, sistemas operacionais, linguagens de programação, operação de microcomputador (sistemas operacionais, editor de texto, banco de dados e planilha eletrônica).

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

NORTON, Peter. Introdução a informática. São Paulo: Pearson Makron Books, 1996. 619p.

MARCULA, Marcelo; BENINI FILHO, Pio Armando (Colab.). Informática: conceitos e aplicações. 3. ed. São Paulo: Erica, 2008. 406p.

DIMENSTEIN, Gilberto. Aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã. 8. ed. São Paulo: Atica, 1999. 95p.

---

<sup>3</sup> As disciplinas optativas não possuem pré-requisitos.

## **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BADDINI, Francisco. Windows server 2003 em português: implementação e administração. 6. ed. São Paulo: Erica, 2007. 371p.

BATTISTI, Julio. Windows server 2003: curso completo. Rio de Janeiro: AXCEL BOOKS, 2003. 1537.

MAGALHAES, Gildo. Introdução a metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia. São Paulo: Atica, 2005. 263p.

MATTAR, João. Metodologia científica na era da informática. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005. 286p.

PATTERSON, David A.; HENNESSY, John L. (Colab.); KRASZCZUK, Eduardo (Trad.). Arquitetura de computadores: uma abordagem quantitativa. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. 744p.

## **CHN0542 - ATENDIMENTO DE URGÊNCIA - 3.1.0 (60h/a)**

### **EMENTA**

Desenvolvimento de conhecimento e habilidades em urgências pré-hospitalares. Abordagem para o suporte básico de vida e transporte de vítimas de traumatismo e mal súbito. Ferimento por arma branca e ferimento por arma de fogo.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

FONTINELE JUNIOR, Klinger; SARQUIS, Savio Ignacio J. S (Colab.). Urgências e emergências em enfermagem. Goiânia: AB, 2004. 148p.

PIRES, Marco Tulio Baccarini; STARLING, Sizenando Vieira (Colab.). Erazo: manual de urgências em pronto-socorro. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 979p.

SANTOS, Nivea Cristina Moreira. Urgência e emergência para enfermagem: do atendimento pré-hospitalar (APH) a sala de emergência. 6. ed. São Paulo: Iatria, 2010. 224 p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CARVALHO, Werther Brunow de. Emergência e terapia intensiva de emergência. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2004. 916p.

CINTRA, Eliane Araujo; NISHIDE, Vera Medice (Colab.); NUNES, Wilma Aparecida (Colab.). Assistência de enfermagem ao paciente gravemente enfermo. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2011. 671p.

HUDDLESTON, Sandra Smith; FERGUSON, Sondra G. (Colab.). Emergencias clinicas: abordagens, intervencoes e auto-avaliacao. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 358p.

RIBEIRO JUNIOR, Celio (Colab.). Manual basico de socorro de emergencia. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2007. 406p.

SALLUM, Ana Maria Calil (Ed.). Enfermeiro e as situacoes de emergencia. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2010. 835 p.

### **CHN0545 - NUTRIÇÃO E DIETOTERAPIA - 2.2.0 (60h/a)**

#### **EMENTA**

Introdução ao estudo da nutrição, evolução e conceitos básicos. Nutrientes: composição química, conceitos, objetivos e princípios da dietoterapia. Avaliação do estado nutricional do indivíduo. Dieta normal e suas modificações.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ANDRADE, Edira Castelo Branco de. Análise de alimentos: uma visão química da nutrição. Sao Paulo: Varela, 2006. 238p.

PORTO, Flavia. Nutrição para quem não conhece nutrição. Sao Paulo: Varela, 2000. 86p.

WAITZBERG, Dan L. Nutrição oral, enteral e parenteral na prática clínica. 4. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2009. 2v.

SILVA, Sandra Maria Chemin Seabra da; MURA, Joana D'Arc Pereira (Colab.). Tratado de alimentação, nutrição e dietoterapia. Sao Paulo: Roca, 2007.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

NASSIF, Claudia (Org.). Nutrição: casos clínicos e questões de múltipla escolha. Sao Paulo: Atheneu, 2000. 106p.

SCHOR, Nestor; CUPPARI, Lilian (Colab.). Guia de nutrição: nutrição clínica no adulto. 2. ed. Barueri (SP): Manole, 2005. 474p. 2 ed.

Manual de dietas do Hospital do Cancer A. C. Camargo. MATOS, Luciene Assaf de (Colab.); ILEMORI, Eloisa Hisami Aibara (Ed.). Sao Paulo: Atheneu, 2007. 166p.

TIRAPÉGUI, Julio. Nutricao, metabolismo e suplementacao na atividade fisica. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2012. 467 p.

CUKIER, Celso; ALVAREZ, Tatiana (Colab.); MAGNONI, Daniel (Colab.). Nutricao baseada na fisiologia dos orgaos e sistemas. Sao Paulo: Sarvier, 2005. 332p.

## **CHN0546 - SAÚDE REPRODUTIVA - 2.2.0**

### **EMENTA**

Estuda o processo saúde/doença; os programas de saúde; analise do processo de trabalho; discutindo as vertentes da prática em enfermagem; Identifica e analisa as ações desenvolvidas por enfermeiros em programas de saúde com enfoque na saúde reprodutiva da mulher.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

VENTURA, Miriam. Direitos reprodutivos no Brasil. 3. ed. Brasilia: Fundo de Populacao das Nacoes Unidas, 2009. 292p.

BEREK, Jonathan S.; ARAUJO, Lucia Caetano de (Trad.); DUARTE, Tatiane da Costa (Trad.). Tratado de ginecologia. 15ed. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. 1166p.

PASSOS, Eduardo Pandolfi (Et Al). Rotinas em ginecologia. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 729 p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

TEIXEIRA, Emannuela Moura. Sexualidade em idosos: revisao integrativa da literatura cientifica. Picos, 2013. 44 p.

GIR, Elucir; MORIYA, Tokico Murakawa (Colab.); FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro (Colab.). Praticas sexuais e a infeccao pelo virus da imunodeficiencia humana. Goiania: AB, 1994. 174p.

KOSS, Leopold G.; GOMPEL, Claude (Colab.). Introducao a citopatologia ginecologica: com correlacoes histologicas e clinicas. Sao Paulo: Roca, 2006. 203p.

DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). Humanizacao dos cuidados em saude: conceitos, dilemas e praticas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. 416. (Colecao Crianca, Mulher e Saude)

WAKSMAN, Renata Dejtiar (Coord.); HIRSCHHEIMER, Mario Roberto (Colab.); PFEIFFER, Luci (Colab.). Manual de atendimento as criancas e adolescentes vitimas de violencia. Brasilia: CFM, 2018. 327p.

## **CHN0549 - PRÁTICAS DO CUIDADO EM SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA - 2.2.0 (60h/a)**

### **EMENTA**

Considerações sobre o cuidado em saúde e a qualidade de vida. Biótipos, quatro elementos e cinco elementos. Saúde individual e coletiva através da fitoterapia, acupuntura, reflexologia, shiatzo (massagem terapêutica), toque terapêutico, meditação e cromoterapia, florais de Bach, geoterapia, aromaterapia, musicoterapia, do-in, radiestesia: clínica e habitacional, cristais, moxabustão, ikebana, alimentação enriquecida e outros.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

MONTAGU, Ashley. Tocar: o significado humano da pele. Sao Paulo: Summus, 1988. 427 p.

XHARDEZ, Yves. Manual de cinesioterapia; tecnicas, patologia, medicacoes, tratamento. Rio de Janeiro: Atheneu, 1990. 449p.

MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho; CABRAL, Ivone Evangelista (Colab.). Plantas medicinais e a enfermagem: a arte de assistir, de curar, de cuidar e de transformar os saberes. Teresina: EDUFPI, 2002.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

FRITZEN, Selvino Jose. Exercicios praticos de dinamica de grupo. Petropolis: Vozes, 1998.

MEDEIROS, Lis Cardoso Marinho; CABRAL, Ivone Evangelista (Colab.). Plantas medicinais no cuidar da infancia: um guia teorico-pratico. Teresina: EDUFPI, 2000. 56p

LAPLANTINE, Francois. Antropologia da doença. 4. ed. Sao Paulo: Martins Fontes, 2010. 274 p.

BREWER, Sarah. Saude e alimentacao: o homem moderno: o guia definitivo para os homens atingirem a saude total. Sao Paulo: Manole, 1998. 80p.

POLLOCK, Michael L.; WILMORE, Jack H. (Colab.). Exercicios na saude e na doenca: avaliacao e prescricao para prevencao e reabilitacao. 2. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993. 718.

### **CHN0554 - ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA DOMICILIAR - 2.2.0 (60h/a)**

#### **EMENTA**

Saúde na família: atenção primária, secundária e terciária. Multi e Interdisciplinaridade. Desafios, questões e tendências da assistência domiciliar: visão atual e do novo século. Assistência de Enfermagem especializada.

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

KNOBEL, Elias. Condutas no paciente grave. 3. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2006. 1578. 3 ed. vol 2

SANTOS, Nivea Cristina Moreira. Home care: a enfermagem no desafio do atendimento domiciliar. Sao Paulo: Iatria, 2005. 278p.

BARROS, Alba Lucia Botura Leite de. Anamnese e exame fisico: avaliacao diagnostica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2002. 272p.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. Planos de cuidados de enfermagem e documentacao: diagnosticos de enfermagem e problemas colaborativos. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 832 p.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem medica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 282 p.

BRASIL. Ministerio da Saude. Secretaria de Atencao a Saude. Departamento de Atencao Basica. Saude da familia: um retrato. 1. ed. Brasilia: Ministerio da Saude, 2009. 76p. (Serie I. Historia da Saude no Brasil)

LEITE, Alvaro Jorge Madeiro (Org.); CAPRARA, Andrea (Colab.); COELHO FILHO, Joao Macedo (Colab.). Habilidades de comunicacao com pacientes e familias. Sao Paulo: Sarvier, 2007. 242p.

ROJAS ACOSTA, Ana (Org.); FALLER VITALE, Maria Amalia (Colab.). Familia : redes, lacos e politicas publicas. 6.ed. ed. Sao Paulo: Cortez, 2015. 348p.

### **CHN0550 - AUDITORIA EM ENFERMAGEM - 2.2.0 (60h/a)**

#### **EMENTA**

Pretende preparar o profissional enfermeiro para trabalhar na revisao das contas hospitalares. Abordagem sobre a responsabilidade da enfermagem sobre os gastos do paciente (medicamentos, materiais e exames).

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

MOTTA, Ana Leticia Carnevali. Auditoria de enfermagem no processo de credenciamento, São Paulo: Èrica, 2003.

MOTTA, Ana Leticia Carnevali. Auditoria de enfermagem nos hospitais e operadoras de planos de saude. 5. Ed. São Paulo: Èrica, 2012

TAJRA, Sanmya Feitosa. Credenciamento e negociacao na saude: um enfoque para operadoras de planos de saude e prestadores de servicos medico-assistenciais. Sao Paulo: Iatria, 2003. 196.

#### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BRASIL. Ministério da Saúde. Normas Operacionais de Assistência à Saúde (NOAS). Brasília: MS, 2002.

\_\_\_\_\_. Norma Operacional Básica (NOB). Brasília: MS, 1996.

\_\_\_\_\_. Constituição Federativa Brasileira. Brasília: MS, 1988.

COHN, Amelia (Et Al). Saude como direito e como servico. 6. ed. Sao Paulo: Cortez, 2010. 164p.

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saude publica: auto avaliacao e revisao. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. 417.

**CHN0551 - POLÍTICAS DE SAÚDE - 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Estuda a evolução da saúde no Brasil, as relações entre Estado, sociedade, políticas e organização das ações e serviços de saúde. Identificar os problemas de saúde e do sistema de saúde. Estuda e analisa os processos de organização popular e as instâncias de participação e controle social no âmbito de serviço no Brasil.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

OLIVEIRA, Fatima Bayma (Org.); KASZNAR, Istvan Karoly (Colab.). Saude, previdencia e assistencia social: politicas publicas integradas: desafios e propostas estrategicas. Sao Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 241p.

SILVEIRA, Mario Magalhaes da (Coord.); SILVA, Rebeca de Sousa e (Colab.); MORELL, Maria Graciela Gonzalez de (Colab.). Política Nacional de Saúde Pública - A trindade desvelada: economia-saúde-população. Rio de Janeiro: Revan, 2005. 380p.

ARAUJO, Maria Jose Bezerra de. Ações de enfermagem em saúde pública e em doenças transmissíveis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bezerra de Araújo, 1987. 275p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da. Saude publica: auto avaliacao e revisao. 3. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2007. 417.3 ed.

SCLIAR, Moacyr. Olhar sobre a saude publica. Sao Paulo: Scipione, 2003. 48p. ((Colecao Palavra da Gente; v. 1. Ensaio)).

PAIM, Jairnilson Silva. Reforma sanitaria brasileira: contribuicao para a compreensao e critica. Salvador; Rio de Janeiro: EDUFBA; FIOCRUZ, 2008. 355.

GUATTARI, Felix; RALNIK, Suely (Coord.). Micropolitica: cartografias do desejo. 11. ed. Petropolis: Vozes, 2011. 439p.

TUNDIS, Silverio Almeida (Org.); COSTA, Nilson do Rosario (Colab.). Cidadania e loucura: politicas de saude mental no Brasil. 8. ed. Petropolis: Vozes, 2007. 288p.



**CHN0548 - VIGILÂNCIA À SAÚDE - 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Estuda o processo saúde/doença: programas de saúde. Analisa o processo de trabalho, discutindo as vertentes da prática de Enfermagem. Identifica e avalia as situações de risco de grupos sociais vulneráveis. Enfatiza o programa de imunização das doenças imunopreveníveis. Identifica e analisa as ações desenvolvidas por enfermeiros em programas de saúde com enfoque na saúde do idoso e do adulto.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ARAUJO, Maria Jose Bezerra de. Ações de enfermagem em saúde pública e em doenças transmissíveis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bezerra de Araújo, 1987. 275p.

PEREIRA, Mauricio Gomes. Epidemiologia: teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 596p.

ROUQUAYROL, Maria Zelia; GURGEL, Marcelo (Colab.). Epidemiologia & saúde. 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. 709p.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

AUTO, Helvio Jose de Farias. Doenças infecciosas e parasitárias. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. 437p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ações transversais da vigilância em saúde: promoção, análise e integração. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 200p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. 6. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 815p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Vigitel Brasil 2007: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. 131p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Projeto Vigisus II: manual operativo. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 67p.

## **CHN0552 - ENFERMAGEM E A SAÚDE DO TRABALHADOR - 2.2.0 (60h/a)**

### **EMENTA**

Quadro institucional relativo à saúde do trabalhador. Ações em saúde do trabalhador. Informações básicas para ação em saúde do trabalhador. Instrumentos de coleta de informações para a vigilância em saúde do trabalhador.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

ASSUNÇÃO, A. A. et al. Manual de rotinas: ambulatório de doenças profissionais. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da UFMG, 1992.

BAGNATO, Maria Helena Salgado (Org.); COCCO, Maria Ines Monteiro (Colab.). Educação, saúde e trabalho: antigos problemas, novos contextos outros olhares. Campinas (SP): Alinea, 1999. 132p.

JACQUES, Maria da Graça. Saúde mental & trabalho. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. 420p.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

GUERIN, F. Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia. São Paulo: Blucher, 2001. 200 p.

KROEMER, K. H. E.; GRANDJEAN. E. (Colab.). Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. 327p.

MARANO, Vicente Pedro. Doenças ocupacionais. 2ed.. ed. São Paulo: LTr, 2007. 287p.

MENDES, Rene (Org.). Patologia do trabalho. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 986p.

SILVA, Raimunda Magalhães da (Org.). Cuidado em saúde: desafios e práticas. Fortaleza: EdUECE/UNIFOR, 2011. 342 p.

## **CHN0553 - ATENÇÃO INTEGRADA ÀS DOENÇAS PREVALENTES NA INFÂNCIA - 2.2.0 (60h/a)**

### **EMENTA**

Compreende a integração de atividades de avaliação, classificação, tratamento e encaminhamento de doenças consideradas prevalentes na infância, ressaltando-se

a comunicação entre profissionais de saúde e familiares para o fortalecimento de sua participação nas ações de prevenção e promoção da saúde no apoio ao desenvolvimento da saúde da criança. Atenção voltada à criança menor de dois meses e à criança de dois meses a cinco anos, tendo como foco as doenças prevalentes nestas faixas etárias. Orientação às mães/acompanhantes na perspectiva de educação/promoção da saúde.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

HINRICHSEN, Sylvia Lemos. DIP: doenças infecciosas e parasitárias. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 1098p.

SIGUAD, Cecilia Helena de Siqueira (Colab.); VERISSIMO, Maria de La O Ramalho (Colab.). Enfermagem pediátrica: o cuidado de enfermagem a criança e ao adolescente. Sao Paulo: EPU, 2005. 269p.

WONG, Donna L. Enfermagem pediátrica: elementos essenciais a intervencao efetiva. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 1118p.5 ed.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

CIRINO, Ingrid Pereira; OLIVEIRA, Edina Araujo Rodrigues. (Colab.). Alimentacao complementar para menores de dois anos: cartilha educativa para orientacao das maes de criancas menores de dois anos sobre alimentacao complementar. Picos: EDUFPI, 2018. 30 p.

ENGEL, Joyce. Avaliacao em pediatria. 3. ed. Rio de Janeiro: Reichmann e Affonso editores, 2002. 340p.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E (Colab.). Fisiologia humana e mecanismos das doenças. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. 639p.

LEONE, Clea Rodrigues. Assistencia integrada ao recém-nascido. 2. ed. Sao Paulo: Atheneu, 2012. 262 p.

ZEM-MASCARENHAS, Silvia Helena; CASSIANI, Silvia Helena de Bortoli (Colab.). Crianca e o medicamento: orientacao para o cuidado. Sao Paulo: Iatria, 2006. 174p.

**CHN0547 - ENFERMAGEM E ESTOMATERAPIA - 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Aplicar o método científico na assistência especializada da prática de Enfermagem, voltadas para o cuidado de pessoas com ostomias, feridas agudas e crônicas, fístulas, drenos, cateteres e incontinências anal e urinária. História da estomaterapia no mundo e no Brasil.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

SILVA, Roberto Carlos Lyra da (Org.). Feridas: fundamentos e atualizações em enfermagem. 2. ed. São Caetano do Sul - SP: Yendis, 2007. 508p.

JORGE, Silvia Angelica; DANTAS, Sonia Regina Perez Evangelista (Colab.). Abordagem multiprofissional do tratamento de feridas. São Paulo: Atheneu, 2003. 378p.

RAMOS-E-SILVA, Marcia; CASTRO, Maria Cristina Ribeiro de (Colab.). Fundamentos de dermatologia. Rio de Janeiro: Atheneu, 2010. 2343.

**BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de condutas para tratamento de úlceras em hanseníase e diabetes. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 92p.

FITZPATRICK. Tratado de dermatologia 1. WOLFF, Klaus (Et Al). 7.ed. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

SWEARING, Pamela L.; HOWARD, Cheri A. (Colab.). Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001. 657p.

MUSSI, Nair Miyamoto (Et Al). Técnicas fundamentais de enfermagem. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007. 245p.

TAYLOR, Carol. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 1592 p.

**LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - 2.2.0 (60h/a)****EMENTA**

Aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. A Língua de Sinais Brasileira - Libras: características básicas da fonologia. Noções básicas de

léxico, de morfologia e de sintaxe com apoio de recursos audiovisuais.  
Desenvolvimento de expressão visual espacial.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**. Brasília, DF: MEC; SEEP, 2005.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 1 e 2.
- FERNANDES, E. **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- GOES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- GOLDFEL, D. M. **A criança surda: linguagem cognição, numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- LACERDA, C. B. F.; GOES, M.C.R. (orgs.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

- ALMEIDA, E. G. C. **Leitura e surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- FERNANDES, E. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B (col.). **Língua de sinais brasileira, estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- MOURA, M. C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

### **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E DIVERSIDADE - 2.2.0 (60h/a)**

#### **EMENTA**

Educação e diversidade cultural. Direitos humanos. História e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Racismo, preconceito e discriminação racial e suas

manifestações. Diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Diferenças de gênero e diversidade na sociedade.

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

APPL, E.; MICHAEL, W. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. SEPP/IR. INEP. **Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana**. Brasília-DF, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

ABRAMOVAY, M.; GARCIA, M. C. **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório do Comitê Nacional para preparação da participação brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Durban, 31 ago./7 set. 2001.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 11.645** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Brasília, 11. mar. 2008.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Orgs.).

Ensino Fundamental. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

## **7 INFRAESTRUTURA FÍSICA**

### **7.1 LABORATÓRIOS MULTIDISCIPLINARES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SAÚDE**

Os laboratórios do CSHNB da UFPI estão sob a Coordenação Geral de Laboratórios e, cada laboratório, tem um coordenador específico da área como responsável pelo recinto.

#### **Laboratório de Pesquisa 3 – Biodiversidade**

Nesse espaço estão depositados aproximadamente 1000 exemplares de anfíbios e répteis procedentes das pesquisas realizadas no Sul do Piauí, predominantemente Picos, autorizada pelos órgãos competentes. Pesquisas realizadas no laboratório atualmente nas linhas de Botânica, Zoologia, Limnologia, Apicultura e Animais Silvestres. Nessa recinto ainda há uma Coleção Científica de Herpetologia que foi criada pelo Profa. Dra. Mariluce Gonçalves Fonseca

#### **Laboratório de Botânica**

São desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa e extensão, tal laboratório conta com dez Microscópios ópticos, sete Microscópios Estereoscópicos, Dois microscópios estereoscópicos com câmara clara, um microscópio estereoscópico interligado a TV e três armários. O laboratório abriga a Coleção Didático-Científica de plantas, a Carpoteca didática e a coleção de modelos didáticos destinadas ao ensino de Botânica nas subáreas de anatomia vegetal, morfologia vegetal, sistemática vegetal e fisiologia vegetal. As aulas das disciplinas Biologia de Criptógamas, Morfologia e Anatomia Vegetal, Sistemática de Fanerógamas e Fisiologia Vegetal são realizadas neste laboratório assim como os Trabalhos de Conclusão de Curso, Iniciação Científica e Extensão na área de Botânica são desenvolvidos na estrutura do Laboratório de Botânica.

### **Laboratório de Habilidades em Saúde I e II**

É um ambiente de ensino/aprendizagem destinado a atividades educacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, sendo uma extensão da sala de aula práticas das disciplinas que o curso oferece, sendo um facilitador no aprendizado do aluno, pois é o local onde serão executados procedimentos e técnicas básicas de enfermagem. É um recurso institucional que permite o estudante experimentar, testar, repetir, errar e, sobretudo, corrigir os erros, facilitando a compreensão das técnicas estudadas. São realizadas atividades práticas por meio de manequins para simulação de procedimentos básicos, tais como: curativos, sondagens, banho no leito, administração de medicamentos, cuidados com recém-nascidos, reanimação cardiopulmonar, entre outras atividades afins. Os Laboratórios de Habilidades em Saúde I e II possuem ampla área física e contam com um conjunto de equipamentos, utensílios e instrumentais apropriados para o ensino prático, além de móveis hospitalares, tais como: camas, macas, cadeira de rodas, monitor cardíaco, material cirúrgico, simuladores de peças anatômicas, kit planejamento familiar

### **Laboratório de Parasitologia**

Realização de aulas práticas das disciplinas Parasitologia Geral (Nutrição e Enfermagem) e Bases dos Processos de Agressão, Defesa e Proteção (Medicina), com visualização e identificação de protozoários, helmintos e artrópodes de importância em saúde humana, através de microscópios e lupas. Além disso são realizados diferentes testes de diagnóstico de parasitoses, como verminoses, protozooses intestinais e leishmaniose. As professoras do curso de Ciências Biológicas realizam atividades de pesquisa na sala de preparo do laboratório.

### **Laboratório de Técnica Dietética**

O Laboratório de Técnica Dietética (LTD) é destinado às aulas práticas e pesquisas que envolvam técnicas de preparo de alimentos em uma cozinha experimental.



Trata-se de uma unidade de docência e pesquisa do curso de Nutrição do CSHNB/UFPI, onde é promovida a sistematização dos procedimentos e técnicas adequadas para aquisição, seleção, pré-preparo, preparo, conservação, armazenamento e apresentação dos alimentos, a saber:

- \* Conhecimento dos alimentos in natura e industrializados (aspecto, forma, tipo);
- \* Elaboração de protocolos de preparações (fichas de preparações) com os diversos grupos de alimentos;
- \* Desenvolvimento de receitas culinárias;
- \* Conhecimento das modificações ocorridas durante a manipulação;
- \* Práticas das normas de higiene e manipulação;
- \* Estudo das preparações, com constante monitoramento de todas as modificações ocorridas com os alimentos, como o dimensionamento de pesos, medidas, indicadores de conversão dos alimentos, porcionamento e rendimento;
- \* Cálculo do valor nutritivo e do custo de cada porção;
- \* Avaliação e degustação das preparações elaboradas.

### **Laboratório de Pesquisa I**

Atualmente recebe alunos de graduação e pós-graduação (mestrado e especialização) para pesquisas nos TCC e dissertações. Alunos dos cursos de Biologia (total de 06 alunos e Nutrição, total de 09 alunas) são os cursos que realizam pesquisas no laboratório.

Além da pesquisa, o laboratório recebe visitas de alunos e professores de escolas públicas para os mesmos conhecerem a estrutura e as pesquisas realizadas no local. Isso é idealizado e realizado pelos alunos de extensão da Liga Acadêmica de Oncologia e Histologia.

### **Laboratórios de Anatomia Humana I e II**

São realizadas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão. No ensino são realizadas aulas práticas de Anatomia Sistêmica, Topográfica e Clínica com discussão de casos clínicos durante as aulas dos cursos de Enfermagem, Nutrição,

Ciências Biológicas e Medicina. As atividades de pesquisa e extensão são realizadas pelos coordenadores das Ligas Acadêmicas e pelos outros projetos de extensão envolvem alunos do CSHNB, são atendidos alunos, principalmente, da rede pública de ensino desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, são atendidas todas as escolas que procuram a Universidade Federal do Piauí/ CSHNB.

### **Sala de Taque**

Sala de Taque: Esse espaço é destinado ao armazenamento de peças e de cadáveres, além da recepção e da fixação em formol de cadáveres e, também, no preparo e manutenção (osteotécnicas) de ossos para as aulas práticas. Além disso, as dissecações em cadáver humano são realizadas nesse recinto. Nesse recinto também são atendidos os alunos que participam das ações de extensão, visto que o cadáver fica exposto nessa sala durante as visitas.

### **Laboratório de Histologia**

Um laboratório destinado a manipulação de microscópios para estudo de lâminas histológicas durante as aulas de graduação. Realiza esfregaço sanguíneo de voluntário para confecção de lâminas para estudos. Além disso, realiza atividades de pesquisa: são realizados cortes em micrótomo e demais preparações para a montagem de lâminas (sala de preparo). Não raro, recebe visitas de escolas da região picoense e demais localidades da região rural.

### **Bioquímica de alimentos**

Esse laboratório proporcionar aos discentes, principalmente do curso de Bacharelado em Nutrição, um contato com aulas práticas relacionadas a Processos Biotecnológicos, de grande relevância à área de alimentos. Neste contexto, a infraestrutura laboratorial permite a realização de práticas nas áreas de processos fermentativos, enzimologia e tratamento biológico de efluentes, relacionadas principalmente à seleção de micro-organismos potenciais de produção de biocompostos

## **Bromatologia**

Nesse recinto são realizadas análises completas dos alimentos, sua composição química, seu valor nutricional, seu valor energético, suas propriedades físicas, quais são os efeitos deles sobre o organismo. Além disso, verifica-se os alimentos estão contaminados com alguns elementos tóxicos, se existem aditivos neles, e qualquer outra substância que poderá alterar a qualidade do mesmo. Este laboratório atende, principalmente, às demandas de aulas práticas dos componentes curriculares do curso de Bacharelado em Nutrição. Além disso, no local, são desenvolvidas atividades de pesquisa e extensão relacionadas a projetos coordenados por docentes ou técnicos de laboratório da Universidade Federal do Piauí/ CSHNB.

## **Microbiologia de Alimentos**

Um laboratório destinado, principalmente, aos discentes do curso de Bacharelado em Nutrição. Recebe visitas de escolas públicas e/ou privadas. Além de atividades de pesquisa também. Esse laboratório recebe diversos tipos de amostras de alimentos de origem animal, vegetal e água para análise microbiológica. Os procedimentos de análises dos alimentos, praticados no laboratório, seguem a Instrução Normativa recomendadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária que são os órgãos responsáveis por normatizar essas análises.

## **Nutrição Experimental**

Neste recinto são desenvolvidas pesquisas nas áreas de metabolismo, de bioquímica nutricional e de estresse oxidativo, focando em investigações metabólicas de doenças crônicas e inflamatórias que possam estar associadas com potenciais alimentos e nutrientes com características funcionais. Aqui os alunos de graduação aprendem a realizadas todas essas atividades. O laboratório também está aberto para visitação da população que deseje conhecer essas atividades.

## **Controle de Qualidade de Alimentos**

É um laboratório de inspeção, análises e autuações, aplicados a uma operação de fabricação, ou ao conjunto de todas as etapas de elaboração do alimento. Nesse recinto são realizados de maneira que, estudando uma pequena porção do produto se possa estimar sua qualidade de forma completa ou para determinar as alterações que devem ser realizadas nas diferentes etapas de elaboração do alimento, para alcançar e manter o nível de qualidade requerido pelo consumidor e determinado por órgãos de controle como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (AVISA). Todas essas análises são realizadas durante as aulas de graduação, ações de extensão e em pesquisa científicas desenvolvidas pelos docentes do campus.

## **Análise Sensorial de Alimentos**

O laboratório de Análise Sensorial dos Alimentos realiza experimentos que tem como objetivo avaliar as características dos alimentos e materiais usando durante as aulas de graduação, nas ações de extensão e durante as pesquisas experimentais, tais como são percebidas pelos sentidos (visão, olfação e gustação), bem como pelo tato. Avalia as condições das matérias primas, estuda a estabilidade de alimentos e matérias-primas durante o armazenamento, avalia a correlação de análises químicas com as sensações dos sentidos humanos. Realiza análises sensoriais úteis no desenvolvimento de novos produtos alimentícios, como testes afetivos, ou seja, de como é a aceitabilidade sensorial pelo avaliador, e discriminativos.

## **Avaliação Nutricional**

Espaço destinado a atividades de ensino, pesquisa e extensão, que tem por objetivo propiciar ao aluno o desenvolvimento de habilidades e competências para o diagnóstico nutricional individual e coletivo, baseado na obtenção e análise de indicadores antropométricos, clínicos, bioquímicos, socioeconômicos,

demográficos e culturais. Para isso, o laboratório conta com consultórios para atendimento individual e sala de espera para acomodar os indivíduos as serem avaliados. Nesse recinto os discente irão conhecer alguns equipamentos utilizados na avaliação nutricional, aprender a utilizar de forma correta estes equipamentos e observar os professores e demais colegas realizando as técnicas e procedimentos adequados para a avaliação nutricional.

## **Tecnologia de Alimentos**

Nesse laboratório diversas matérias primas (alimentos sólidos e líquidos) são estudadas com a finalidade de identificar plantas com maior potencial nutritivo, aumentar a vida útil pós-colheita e agregação de valor. Os estudos contribuem com os dados agronômicos para o lançamento de cultivares. Desta forma, os discentes (seja no ensino, extensão ou pesquisa) aprendem a usar equipamentos e procedimentos analíticos para a quantificação dos compostos nutricionais e funcionais.

## **Pesquisa II**

Desenvolvimento e Inovação (PDI) a partir da bioprospecção de produtos naturais, incluindo subprodutos (de frutas e vegetais) e outros produtos naturais advindos dos Biomas Brasileiros; em especial da região nordeste.

A seguir está descrito as principais linhas de pesquisa do Laboratório de Pesquisa II, com os seus devidos pesquisadores:

1. Bioprospecção de produtos naturais; Aproveitamento integral de alimentos, toxicidade de produtos naturais e estudos de intervenção e diagnóstico na saúde humana;
2. Ciência e Tecnologia de Alimentos. Fatores físicos, químicos e biológicos que interferem na qualidade dos alimentos. Métodos de análise e sistemas de qualidade de alimentos. Modificações e propriedades físicas no processamento e armazenamento de alimentos;
3. Química de Alimentos; Físico-química de alimentos, análise de compostos bioativos e análise sensorial de alimentos;
4. Alimentos funcionais e compostos bioativos; Influência dos alimentos funcionais e compostos bioativos sobre as doenças crônicas não transmissíveis (DCNT);

5. Análise microbiológica e testes diagnósticos *in vitro* e *in vivo*; Testes diagnósticos *in vitro*, microbiologia de produtos naturais e avaliação bioquímica em estudos de intervenção em humanos.

### **Biofísica e Fisiologia**

O laboratório de Biofísica e de Fisiologia tem como objetivo a realização de aulas práticas a nível de Graduação, também pode comportar a Pós-Graduação. Os cursos que são atendidos são: Enfermagem, Nutrição, Medicina e Ciências Biológicas.

### **Multidisciplinar**

O laboratório tem como objetivo atender as aulas práticas de graduação dos cursos de Ciências Biológicas, Nutrição, Enfermagem, Medicina e Educação no Campo. No recinto possibilita a realização de aulas práticas de Citologia e Histologia, Bioquímica, Fisiologia, Parasitologia, Microbiologia etc. São realizadas atividades de pesquisa e de extensão também. Por ser um laboratório multidisciplinar, é possível desenvolver atividades que agucem e despertem a curiosidade e o interesse dos discentes por uma determinada área, estimulando-os a encontrar um dado problema, levantar hipóteses, observar, descobrir, analisar resultados, concluir e solucionar os experimentos, assim eles conseguem aliar as terias vistas em sala de aula com as práticas em laboratório.

### **Zoologia e Paleontologia**

O Laboratório de Zoologia e Paleontologia é destinado as aulas práticas das disciplinas: Morfologia e Fisiologia de Invertebrados I e II, Morfologia e Fisiologia de Vertebrados I e II, Sistemática Animal, Geociências e Paleontologia. São utilizados microscópios para a observação de lâminas de protozoário e lupas para a observação das estruturas dos demais grupos estudados. Além destas atividades, são realizados neste laboratório, os Trabalhos de conclusão de curso, Projetos de Iniciação Científica e Extensão nas áreas de Zoologia e Paleontologia. O laboratório

recebe visitas de escolas de ensino básico e médio da região de Picos, para observação de seu acervo.

## 7.2 BIBLIOTECA

A Biblioteca Universitária atua na promoção do acesso à informação e dar suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão no âmbito da Universidade, contribuindo para o desenvolvimento cultural, econômico e social do estado do Piauí. No CSHNB, a biblioteca setorial recebeu o nome de Biblioteca José Albano de Macedo, em homenagem ao ilustre filho da terra José Albano de Macedo, popularmente conhecido como “Ozildo Albano”, que nasceu no dia 20 de novembro de 1930, na cidade de Picos.

Todo potencial intelectual e humano de Ozildo Albano foi voltado para as raízes de sua terra e do seu povo. Como pessoa pública, mas de tamanha humanidade, soube consolidar laços afetivos e cultivar o amor à história de Picos. Sendo um historiador nato, soube edificar um notável patrimônio cultural de incalculável valor.

O espaço físico da biblioteca conta com 816,48m<sup>2</sup>. Possui salão de estudos com 84 lugares, 6 salas de estudo em grupo com 24 lugares, cabines de estudo individual com 25 lugares. Possui como equipamentos: 3 computadores para pesquisa do acervo, 3 computadores para empréstimo/devolução/renovação, 3 computadores para processamento técnico e 2 impressoras.

O acervo geral da biblioteca possuía, até 21 de agosto de 2018, 7.292 títulos com 25.691 exemplares. O material bibliográfico é composto de livros, atlas, periódicos, enciclopédias, monografias, dissertações, teses, CDs e DVDs. Os produtos oferecidos pela biblioteca são: catálogo informatizado, elaboração de fichas catalográficas, elaboração de folder informativo, livros e periódicos, repositórios de TCCs, manuais e bases de dados. Os serviços, por sua vez, são: empréstimo domiciliar, acesso ao portal da CAPES, orientação de trabalho acadêmicos (ABNT), treinamento de usuários, campanhas educativas, atualização das Redes Sociais (Facebook e Instagram); exposições de obras; flanelógrafo digital (TV) e assistência por telefone e email.

Para que se tenha acesso aos serviços e produtos da biblioteca, é necessário:

- Docentes e Técnicos-Administrativos: apresentação do RG, CPF, 1 foto 3x4;
- Discentes de Graduação e Pós-Graduação: RG, CPF, 1 foto 3x4, comprovante de matrícula e endereço.

Os alunos de graduação podem realizar empréstimos de até 3 livros por 7 dias; os alunos de pós-graduação podem realizar empréstimos de da mesma quantidade de livros por até 14 dias. Docentes e técnicos-administrativos podem realizar empréstimos de até 4 livros por 14 dias.

A biblioteca possui um Regimento Interno que pode ser acessado por meio do sítio virtual da UFPI.

Ao concluir o TCC, o discente necessita solicitar a elaboração de ficha catalográfica na biblioteca. É um serviço de catalogação na fonte exigido pela UFPI para as monografias, TCCs, dissertações e teses de seus cursos de graduação e pós-graduação. A ficha catalográfica é elaborada por profissional bibliotecário conforme o Código de Catalogação Anglo-Americano vigente. Deve ser impressa no verso da folha de rosto dos trabalhos de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação. A solicitação da ficha catalográfica será via SIGAA: técnico e professor da UFPI (acesse o Módulo do Servidor) - discentes (acesse o Portal do Discente). A Biblioteca estabelece um prazo de até 10 (dez) dias úteis para o retorno da solicitação.

O horário de funcionamento da Biblioteca José Albano de Macedo é de segunda à sexta-feira, de 8 às 21h, e aos sábados, de 8 às 12h.



## REFERÊNCIAS

BATISTA, K. B. C.; GONCALVES, O. S. J. Formação dos profissionais de saúde para o SUS: significado e cuidado. **Saude soc.**, v. 20, n. 4, p. 884-899, 2011.

BATISTA, N. A. et al. Interprofessional health education: the experience of the Federal University of Sao Paulo, Baixada Santista campus, Santos, Brazil. **Interface (Botucatu)**, v. 22, Supl. 2, p. 1705-1715, 2018.

BRASIL. CONASS. **Publicada a Resolução CNS N. 573 que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem.** Brasília CONASS, 2018.

BRASIL. **Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde – Pró-Saúde:** objetivos, implementação e desenvolvimento potencial. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

CARVALHO, A. D. F. Cotidiano escolar, estágio e os desafios da escola da básica: sentidos do aprender e do ensinar. In: **Didática e Prática de Ensino:** diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/index.php/2015-02-26-14-09-14/search?keyword=LIVRO%204&category=5&limit=5&limitstart=0>

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 41- 65, 2004.

COLINVAUX, D. Aprendizagem e construção/constituição de conhecimento: reflexões teórico-metodológicas. **Pró-Posições**, v. 18, n. 3, p. 29-51, 2007.

DELORS, J. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 4. ed. São Paulo/Brasília (DF): Cortez/Unesco, 2000.

FERNANDES, J. D. et al. Diretrizes estratégicas para a implantação de uma nova proposta pedagógica na Escola de Enfermagem da Universidade da Federal da Bahia. **Rev. Enfermagem**, v. 56, n. 54, p. 392-395, 2003.

FEURWERKER, L. C. M.; SENA, R. R. A contribuição ao movimento de mudança na formação profissional em saúde: uma avaliação das experiências UNI. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 6, n. 10, p. 37-50, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devirmestre. **Educ. Soc.**, v. 26, n. 93, p.1273-1288, 2005.

LIMA, M. M.; REIBNITZ, K. S.; KLOH, D.; SILVA, K. L.; FERRAZ, F. Relação pedagógica no ensino prático-reflexivo: elementos característicos do ensino da integralidade na formação do enfermeiro. **Texto Contexto Enferm**, v. 27, n. 2, e1810016, 2018.

MENDES, E. V. **As redes de atenção à saúde**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, 2009.

MITRE, S. M. et al . Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, 2008.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE**, v.15, n. 2, p.145-153, 2016.

SIQUEIRA-BATISTA, R. **Às margens do Aqueronte**: finitude, autonomia, proteção e compaixão no debate bioético sobre a eutanásia [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem** - Campus Amílcar Ferreira Sobral. Floriano: UFPI, 2016.

\_\_\_\_\_. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem** - Campus Ministro Petrônio Portela. Teresina: UFPI, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

**ANEXO A – Plano de ensino do Curso de Bacharelado em Enfermagem do  
CSHNB**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA: **(Escrever em negrito)**

CÓDIGO: **CHNXXXX**

SEMESTRE: **Xº** CARGA HORÁRIA: **xxh/a (x.x.x)** PERÍODO LETIVO: **2020.1**

DOCENTE(S) RESPONSÁVEL(IS): **Prof. Dr. XXX – SIAPE XXXXXXX**

**I – EMENTA**

A ementa deverá ser idêntica à constante no Projeto Pedagógico do Curso (disponível na secretaria do curso).

**II – OBJETIVO GERAL**

Iniciar com verbo no infinitivo, registrando a meta principal da disciplina em única frase.

**III – OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Escrever quantos objetivos forem necessários, listando-os por letra (ex.: a), b) etc.).

#### IV – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Deverá ser registrado por unidades, tendo cada unidade a carga horária total de, no mínimo 15 e no máximo 30 horas/aula (teóricas + práticas). Detalhe quantas horas/aula serão teóricas e quantas horas/aula serão práticas [exemplo: 20 h/a (10T/10P)]

#### V – PROCEDIMENTOS DE ENSINO

##### **Técnicas Educacionais**

Listar as técnicas a serem utilizadas nas aulas teóricas e/ou práticas

##### **Recursos Didáticos**

Listar os recursos a serem utilizados nas aulas teóricas e/ou práticas

##### **Atividades práticas**

Descrever os tipos de atividades práticas propostas e respectivos locais para sua realização, caso a disciplina possua carga horária prática (intra e extra campus).

#### VI – SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO

Fazer descrição dos tipos de avaliações propostas, bem como a quantidade destas, além de mencionar de que maneira se dará o cálculo da média do aluno na disciplina.

#### VII – BIBLIOGRAFIA

##### **Básica:**

Citar as bibliografias constantes no Projeto do Curso.

##### **Complementar:**

Outras bibliografias poderão ser incluídas neste tópico.

Data de aprovação em assembleia docente: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a)

**APÊNDICE A – Regulamento do Estágio do Curso de Enfermagem do CSHNB**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**REGULAMENTO DO ESTÁGIO DO CURSO DE ENFERMAGEM DO CSHNB**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ****REITOR**

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

**VICE-REITORA**

Profa. Dra. Nadir do Nascimento Nogueira

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Profa. Dra. Maria do Socorro Leal Lopes

**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS****DIRETOR**

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

**COORDENADORA GERAL DOS ESTÁGIOS**

Profa. Ma. Maria Rosália Ribeiro Brandim

**CHEFE/COORDENADORA DO CURSO DE ENFERMAGEM**

Profa. Dra. Andressa Suelly Saturnino de Oliveira

**COORDENADORA DOS ESTÁGIOS CURRICULARES DO CURSO DE  
ENFERMAGEM**

Profa. Dra. Lany Leide de Castro Rocha Campelo

**ELABORAÇÃO DESTE REGULAMENTO**

Profa. Dra. Lany Leide de Castro Rocha Campelo

**PROFESSORES COLABORADORES**

Profa. Ma. Iolanda Gonçalves de Alencar Figueiredo

Profa. Ma. Ana Luiza Barbosa Negreiros

Prof. Esp. José de Siqueira Amorim Júnior

Profa. Esp. Viviane Pinheiro de Carvalho

Profa. Ma. Aline Raquel de Sousa Ibiapina

Profa. Esp. Suzy Arianne de Sousa Silva

Profa. Ma. Maria Sauanna Sany de Moura

Prof. Dr. Fernando Sérgio Pereira de Sousa

Prof. Dr. Francisco Gilberto Fernandes Pereira

## **APRESENTAÇÃO**

Este regulamento normatiza as atividades relacionadas ao Estágio Curricular do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB)/Picos, em atenção ao disposto no art. 7º da Resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001, combinado ainda com a Resolução nº 22/09 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da UFPI, que dispõe sobre o estágio obrigatório no âmbito desta instituição, a Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes, da Resolução CEPEX/UFPI nº177/2012 e o Regimento Geral da UFPI.

### **CAPÍTULO 1**

#### **Da Definição do Estágio Curricular**

O Estágio Curricular é uma atividade acadêmica específica, que prepara o discente para o trabalho produtivo, com o objetivo de aprendizagem social, profissional e cultural, constituindo-se uma intervenção prática em situações de vida e trabalho.

O Estágio Curricular, para efeito de integralização curricular, é determinado pelo Conselho Federal de Educação nas diretrizes curriculares e previsto no PPC do Curso de Bacharelado em Enfermagem, constituindo-se, componente curricular indispensável para integralização da formação do enfermeiro.

#### **Da forma de operacionalização**

O Estágio Curricular está fundamentado na lei no 11.788, 25 de setembro de 2008 e resolução CNE/CES Nº03/2011 e no curso de enfermagem divide-se em Estágio Curricular I, a ser cursado no penúltimo período, e Estágio Curricular II, a ser cursado no último período do curso, ambos com carga horária de 420 horas por período, totalizando 840 horas nos dois últimos períodos do curso.

A carga horária semanal do Estágio Curricular I e II não poderá ultrapassar a jornada semanal de 30 horas.

Não será permitida mudança de horário das atividades práticas, exceto em situações especiais, com a autorização prévia do Professor Orientador e/ou Coordenador / Supervisor.

As atividades práticas vinculadas aos cursos de graduação e de formação profissional de nível técnico em Enfermagem são de competência do Enfermeiro Docente (Resolução COFEN 441/2013), assim, o Estágio Curricular deverá ter acompanhamento efetivo e permanente de professor orientador da instituição de ensino e de supervisor da parte concedente.

É vedado ao Enfermeiro do Serviço da parte concedente exercer simultaneamente as funções de Enfermeiro Supervisor e de Enfermeiro Docente da Instituição de Ensino no desenvolvimento do Estágio Curricular. Dessa forma é facultado ao Enfermeiro do Serviço participar da supervisão do Estágio Curricular Supervisionado simultaneamente com as atribuições de Enfermeiro de Serviço.

No desenvolvimento do Estágio Curricular, é proibido ao Enfermeiro na condição de docente, Enfermeiro responsável ou supervisor eximir-se da responsabilidade por atividades executadas por alunos ou estagiários, como previsto no art. 95 do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem.

O acompanhamento efetivo e permanente do orientador de estágio da instituição de ensino poderá ocorrer através de supervisão indireta, desde que o mesmo comprove através de relatórios e/ou planilhas sua efetiva supervisão na instituição de saúde onde o estágio esteja acontecendo para efeito de fiscalização pelos órgãos competentes, bem como a ficha de assiduidade.

### **OBJETIVOS DAS ATIVIDADES PRÁTICAS SUPERVISIONADAS**

a. Proporcionar a interação entre a teoria e a prática de enfermagem, possibilitando ao aluno uma visão holística, humanista e interdisciplinar.

b. Habilitar o aluno para a Sistematização da Assistência de Enfermagem nos diferentes cenários da prática profissional.

c. Desenvolver capacidades psicomotoras, reflexivas, críticas e criativas de atuação em Enfermagem.

d. Levar o aluno à reflexão sociológica, antropológica, ética e bioética da Saúde.



e. Habilitar o aluno na prática da assistência integral à saúde e qualidade de vida do ser humano, família e comunidade.

f. Integrar as ações de Enfermagem às ações multiprofissionais.

### **OBJETIVOS DOS ESTÁGIOS CURRICULARES**

a. Garantir a formação acadêmica: conclusão do processo Ensino Aprendizagem;

b. Vivenciar a prática profissional e as tendências do mercado;

c. Vivenciar uma nova modalidade de aprendizagem com experiências para o alcance dos objetivos educacionais, tendo em vista a interdisciplinaridade;

d. Oportunizar para desenvolver habilidades de liderança (atuar de forma participativa, crítica, reflexiva, criativa, compartilhada, sinérgica e segura);

e. Participar do gerenciamento da assistência de enfermagem prestada ao cliente, família e comunidade (negociar, inovar, ousar, estudar, desenvolver ações estratégicas, ter consciência sociopolítica e cultural, interagir permanentemente com o cliente, família e comunidade, além de promover visão holística e crítica do aluno).

### **DA ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DOS ESTÁGIOS OBRIGATÓRIOS**

O estágio obrigatório, para a sua regularidade, envolve:

I – Coordenação Geral de Estágio (CGE)/PREG;

II – Coordenação de Estágio no Curso;

III – Orientador de Estágio;

IV – Supervisor de Campo;

V – Acadêmicos.

**A Coordenação de Estágio Obrigatório da PREG tem como funções básicas:**

a. Viabilizar as condições necessárias ao desenvolvimento do Estágio Obrigatório na UFPI;

b. propor normas e diretrizes gerais para a operacionalização dos estágios obrigatórios;

c. assessorar as coordenações de estágios nos cursos na elaboração e sistematização das programações relativas ao estágio obrigatório, bem como, participar do acompanhamento, controle e avaliação da sua execução;

d. providenciar as assinaturas de convênios entre a UFPI e as instituições de campos de estágio;

e. organizar e manter atualizado na UFPI, juntamente com as coordenações de estágio dos cursos, um sistema de documentação e cadastramento dos estágios.

**A Coordenação do Estágio no Curso** será formada por dois docentes efetivos (um para cada um dos componentes curriculares: Estágio Curricular I e Estágio Curricular II) escolhidos pelo colegiado do curso, cuja nomeação deverá ser efetivada por portaria da unidade acadêmica a qual o estágio está vinculado.

Atribuições do coordenador de Estágio:

a. coordenar a elaboração ou adequações de normas ou critérios específicos do estágio do curso, com base nas leis e resoluções;

b. informar à CGE/PREG os campos de estágio, quando for o caso, tendo em vista a celebração de convênios e termos de compromisso;

c. fazer, no final de cada período, levantamento do número de alunos aptos e pretendentes ao estágio, em função da programação semestral;

d. elaborar, a cada semestre, junto com os docentes-orientadores, as programações de estágio curricular que serão enviadas à CGE/PREG no prazo estabelecido no calendário acadêmico;

e. orientar e encaminhar os alunos ao campo de estágio;

f. acompanhar o desenvolvimento do estágio, tendo em vista a consecução dos objetivos propostos;

g. enviar a CGE/PREG, no final de cada período letivo, o relatório correspondente ao estágio curricular;

h. informar à Chefia do curso, ao final de cada período letivo, os dados de cada supervisor de campo com a finalidade de posterior emissão de certificados pela CGE/PREG, com o preenchimento da planilha específica para este fim (APÊNDICE C);

i. prover calendário próprio que atenda as várias etapas do processo de Estágio do Curso;

j. coordenar, acompanhar, assessorar e avaliar os orientadores de estágio e os supervisores de campo.

k. apresentar no primeiro encontro pré-estágio dos componentes curriculares de Estágio Curricular I e II a documentação necessária para firmar o seguro contra acidentes pessoais dos acadêmicos

l. Apresentar no primeiro encontro pré-estágio aos discentes e docentes os locais e vagas disponíveis para estágio curricular I e II na cidade de Picos.

O **Orientador de Estágio** é um professor do quadro da UFPI responsável pelo acompanhamento didático-pedagógico do aluno durante a realização dessa atividade, que tem como atribuições:

a. ser o elo entre o órgão formador e a instituição de saúde que recebe o aluno para a realização do estágio Curricular;

d. elaborar junto ao Coordenador de Estágio do curso a programação semestral de estágios Curriculares;

e. orientar os alunos na elaboração dos seus planos de atividades e relatórios de estágio;

f. acompanhar e orientar a execução das atividades dos estagiários com carga-horária de 6 (seis) horas/semana, organizadas da maneira mais conveniente, de acordo com o serviço e com os horários das disciplinas ministradas pelo mesmo, como disposto no PPC;

g. criar e recriar espaços de reflexão-ação-reflexão durante todo o processo;

h. propor alternativas pedagógicas de acordo com as necessidades e/ou cultura institucional no decorrer do estágio curricular, garantindo o alcance dos objetivos propostos;

i. enviar ao Coordenador de Estágio do curso, no final de cada período letivo, o relatório correspondente aos Estágios Curriculares dos alunos sob a sua responsabilidade;

j. receber as fichas de avaliação discente devidamente preenchida pelo Supervisor de Campo.

k. Ao final do semestre letivo informar para o coordenador de estágio a quantidade de vagas no campo disponíveis para o semestre seguinte.

O **Supervisor de Campo** é um profissional lotado na unidade de realização do estágio, responsável neste local pelo acompanhamento do aluno durante o desenvolvimento dessa atividade. Tem as seguintes funções:

- a. Participar do processo Ensino-Aprendizagem (corresponsável);
- b. Participar da avaliação do processo;
- c. Proporcionar ambiente conceptual que favoreça o aprendizado;
- d. Manter comunicação efetiva com o orientador de estágio e com o coordenador.

Nos casos de estágios onde há a participação de Supervisor de Campo, a avaliação do estágio é responsabilidade do supervisor de estágio, sendo solicitada a participação do professor orientador, quando necessário. Os Enfermeiros Supervisores nos Estágios Curriculares, não serão remunerados, recebendo certificado de participação em supervisão, fornecido pela Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Piauí.

O **Acadêmico** tem a obrigação de entregar um relatório final à unidade onde se realiza o estágio e à unidade da UFPI a qual se vincula a atividade de estágio. A unidade da UFPI à qual se vincula a atividade de estágio deve receber também, da unidade onde se realiza o estágio, avaliações e frequência do estagiário, assinados pelo supervisor de campo. São atribuições/atividades e deveres dos acadêmicos de curricular 1 e 2:

- a. Gerenciar a assistência de Enfermagem nas diferentes especialidades;
- b. Assegurar princípios éticos no exercício das atividades;
- c. Prestar assistência livre de riscos e malefícios aos clientes;
- d. Favorecer a comunicação com todos os membros da equipe de Enfermagem, profissionais afins, cliente, família e comunidade;
- e. Manter estudo técnico científico das especialidades atendidas;
- f. Assegurar o planejamento da assistência de Enfermagem;
- g. Determinar os padrões de desempenho no trabalho através de instruções específicas (ensinar, supervisionar, compartilhar, avaliar);
- h. Prestar assistência de Enfermagem ambulatorial, hospitalar e domiciliar;
- i. Elaborar relatório de conclusão do estágio curricular;
- j. Ter frequência de 100% no Estágio Curricular, mediante apresentação da ficha de assiduidade;

- k. A justificativa à falta deverá ser comunicada ao supervisor e Orientador de Estágio. O acadêmico deverá justificar a falta via requerimento na Coordenação de Enfermagem conforme normas regimentais da UFPI, bem como a solicitação para reposição das atividades de estágio. Em caso de deferimento da solicitação será emitido declaração de reposição de estágio ao acadêmico para que este documento seja entregue ao supervisor de campo.
- l. O prazo máximo para a entrega do atestado médico ou justificativa de faltas de três dias úteis após a falta
- m. Não há abono de faltas a não ser nos casos previstos em lei (trauma, aborto, doenças infectocontagiosas, motivos legais e morte de parente de 1º grau) os casos omissos serão avaliados pelo coordenador de estágio;
- n. O aluno terá, EXCEPCIONALMENTE, tolerância de 15 minutos de atraso justificável para o início das atividades, após os quais o aluno terá FALTA registrada para todo o período de estágio;
- o. A carga horária diária para estágio é de 6 horas diárias, totalizando 30 horas semanais cumpridas de segunda a sexta em horário comercial ou excepcionalmente aos finais de semana de acordo com a disposição do serviço e do aluno.
- p. Aos alunos que por motivo de posse em concurso público na área de Enfermagem ou aprovação em programa de residência ou mestrado, com as devidas comprovações, poderão cumprir até oito horas diárias, totalizando 40 horas semanais de segunda à sexta, se previamente solicitado e autorizado pela colegiado do curso de Enfermagem. Estes alunos, entretanto, não poderão estar matriculados em outra disciplina, pois não poderão extrapolar a carga horária mínima permitida para matrícula, conforme Resolução CEPEX/UFPI 177/12.
- q. Estar devidamente uniformizado, conforme as normas da Instituição e/ou regulamentação própria das disciplinas específicas:
  - Roupas brancas: camisa ou camiseta de manga e com decote discreto, calça comprida e jaleco branco e longo, manga comprida, saia comprida.

- O jaleco deverá conter o nome do aluno e o logotipo da UFPI no braço esquerdo ou bolso; deverá ser abaixo do joelho, de mangas compridas e branco;
  - Sapato branco, totalmente fechado e de material impermeável; o aluno não poderá entrar em campo de estágio com sapato de salto fino e alto (acima de 5cm);
  - Adquirir, para as áreas hospitalares fechadas, roupa privativa de acordo com as normas da Instituição;
  - Cabelos longos e semi-longos deverão ser presos de forma adequada, evitando-se o contato com pacientes e materiais;
  - Será permitido o uso de aliança, sem presença de pedras; brincos pequenos e discretos. É proibido o uso de pulseiras, cordões e piercing em mucosas (para evitar disseminação de microorganismos);
  - Manter as unhas curtas e limpas; não será permitido uso de esmaltes escuros;
  - Será permitido o uso de maquiagem, desde que discreta;
  - O uniforme deverá estar limpo e bem passado;
  - Não será permitido o uso de blusas coloridas sob ou sobre o uniforme;
  - O uso constante do crachá de identificação da UFPI é obrigatório. Deve conter logomarca da instituição, foto legível e atualizada de fundo branco, nome completo, número de matrícula, curso, acadêmico de enfermagem e data de validade.
- r. Portar materiais individuais e obrigatórios para a execução de atividades próprias da enfermagem: estetoscópio, termômetro, garrote, luva de procedimento, máscara, gorro, pro-pé, tesoura sem ponta, lupa, lanterna, fita métrica, caderneta, caneta azul e vermelha e carimbo com as seguintes informações: nome completo, Acadêmico de Enfermagem/UFPI e nº de matrícula;

- s. Apresentar fotocópia da identidade (RG), CPF, comprovante de matrícula, crachá de identificação da UFPI e cartão vacinal atualizado para Hepatite B, Difteria e Tétano (dT adulto), Sarampo e Rubéola (dupla viral) e influenza.

### **FUNCIONAMENTO DO ESTÁGIO:**

ESTÁGIO CURRICULAR I: as atividades se desenvolvem na atenção primária, na cidade de Picos. As atividades serão desenvolvidas de forma individual, em dupla ou em trio nos campos previamente indicados pelos docentes e coordenador da disciplina. As avaliações de aprendizagem serão definidas por todos os professores do componente de estágio curricular I e o coordenador de estágio. Serão realizadas nas modalidades teóricas e/ou práticas através de 4 (quatro) Avaliações Parciais (AP) somativas e/ou formativas realizadas no decorrer do semestre, o professor orientador deverá utilizar para as avaliações práticas os apêndices preenchidos pelos supervisores de campo.

ESTÁGIO CURRICULAR II: os alunos terão a opção para cursar o componente curricular em qualquer instituição ou empresa conveniada com a UFPI, seguindo as seguintes orientações:

- a) Poderá ocorrer na cidade de Picos ou qualquer outra cidade do Piauí mediante convênio firmado;
- b) Quando não existir convênio, o mesmo deve ser solicitado ao coordenador de estágio do curso no período de trinta dias antes do início das atividades letivas conforme calendário acadêmico proposto pela UFPI;
- c) Nos estágios realizados em Picos, para escolha dos campos deve ser considerado a oferta de vagas apresentada pelo coordenador de estágio curricular, deve-se obedecer a disponibilidade de vagas e dinâmica organizacional do campo.
- d) Nos estágios realizados em outros municípios o discente terá a responsabilidade de contato prévio com o enfermeiro supervisor de campo, que deverá informar a disponibilidade de acompanhar as atividades.
- e) Referente a alínea anterior, o enfermeiro deverá disponibilizar: cópia do COREN, número de contato telefônico, e-mail ou outras formas que possibilitem contato com professor orientador.

f) Nos estágios realizados fora de Picos em que não existe convênio o aluno é responsável pelo preenchimento do convênio junto ao serviço e entrega para o coordenador de estágio.

### AVALIAÇÕES

As avaliações de aprendizagem serão realizadas nas modalidades teóricas e/ou práticas através de 4 (quatro) Avaliações Parciais (AP) somativas e/ou formativas realizadas no decorrer do semestre.

### DAS CONDIÇÕES DE REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO

O estágio pode ser realizado na própria UFPI, na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob a responsabilidade e coordenação da UFPI, de acordo com a legislação federal específica.

Parágrafo único: Não é permitido o encaminhamento, para o estágio, de aluno que esteja com o curso trancado.

Só será permitido o estágio individual e/ou em grupo fora dos campos de estágio ou das linhas de pesquisa ou extensão de interesse institucional, em casos excepcionais devidamente analisados e aprovados pelo colegiado do curso, por unanimidade. Não será permitido o estágio concomitante do curricular I e II exceto, em casos excepcionais devidamente analisados e aprovados pelo colegiado do curso, por unanimidade.

Nenhum acadêmico poderá colar grau sem ter cumprido, integralmente, o fixado em relação ao Estágio pela legislação pertinente, pelo Regimento Geral e por este Regulamento de Estágio, próprio do Curso de Graduação Bacharelado em Enfermagem.

O estágio não cria vínculo empregatício de qualquer natureza e o estagiário poderá ou não receber bolsa, ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordado, ressalvado o que dispuser a legislação previdenciária. Sendo compulsória sua concessão, bem como auxílio transporte na hipótese de estágio não obrigatório.

### CAMPOS DE ESTÁGIO

O estágio será realizado em instituições públicas, filantrópicas, beneficentes ou particulares conveniadas a comunidade e que atendam aos seguintes critérios:

- Serviço de Enfermagem organizado (filosofia, regimento e protocolos);



- Presença do profissional de Enfermagem nas unidades em todos os turnos;
- Participação dos enfermeiros das unidades no aprendizado e avaliação do graduando (corresponsabilidade), através do instrumento norteador das atividades a serem desenvolvidas sob orientação do professor orientador que estará representando a UFPI durante todo o processo;
- O campo de estágio receberá o aluno até 6 (seis) horas por dia útil e preferencialmente no turno matutino, o que totaliza 30 (trinta) horas por semana de segunda à sexta.

#### ATIVIDADE PRÁTICA SUPERVISIONADA

Os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas, as técnicas treinadas no laboratório de enfermagem do CSHNB, serão complementados no campo de estágio. A avaliação do aproveitamento da Atividade Prática Supervisionada (APS) será feita por meio do acompanhamento contínuo e sistemático do progresso do aluno, levando-se sempre em consideração o perfil do profissional que o Curso de Enfermagem da UFPI pretende formar.

A avaliação do aluno de Atividade Prática Supervisionada terá como base os seguintes aspectos:

- a) assiduidade: a Realização – de forma constante o compromisso de estar presente no local de APS e Estágio;
- b) pontualidade: o Comparecer nos locais de APS e Estágio pontualmente no horário e dias marcados.
- c) apresentação pessoal: o Estar de acordo com a uniformização prevista neste manual.
- d) preocupação consigo, com as tarefas, com os colegas e a instituição: o Desenvolver vínculo necessário para a realização das atividades previstas na APS e Estágio.
- e) postura comportamental, ética e profissional: o Atuar em acordo com o código de ética profissional, seguindo os preceitos da instituição proponente da APS e Estágio.
- f) iniciativa: a Capacidade de observar as necessidades da unidade de APS e Estágio e buscar providências cabíveis.

g) maturidade: o Ter consciência das atividades desenvolvidas nas APS e Estágio, saber definir, analisar, agir no momento certo de acordo com o local da atividade realizada.

h) interesse e comprometimento: a Disposição para realização das atividades propostas.

i) relacionamento: o Apresentar um bom relacionamento com os colegas, supervisor e funcionários da unidade.

j) responsabilidade: o Cumprir um dever que lhe foi designado e de responder, perante o seu superior (professor e/ou enfermeiro da unidade), pelas suas próprias ações.

k) aceitação positiva de críticas: a Capacidade de ouvir e analisar as críticas propostas usando-as para a melhoria de sua atuação profissional.

l) execução das atividades: o Cumprir o que foi proposto com qualidade e conhecimento, respeitando os preceitos éticos.

m) produtividade: o Desempenhar quantitativamente as atividades propostas.

n) habilidade para técnicas de enfermagem: o Reconhecer a finalidade, a fundamentação teórica, os materiais necessários, reconhecer as complicações e descrever passo a passo a técnica a ser realizada.

o) domínio da terminologia própria: o Utilizar os termos técnicos adequados.

p) relação teórico-prática: o Desempenhar relação compatível entre teoria e prática.

q) processo de enfermagem: o Saber desenvolver a Coleta de Dados, o Diagnóstico de Enfermagem, o Planejamento das atividades, a Implementação do cuidado e Avaliação do processo. A avaliação final da Atividade Prática Supervisionada representará uma das notas do semestre da disciplina correspondente.

#### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Em caso de acidente com material biológico deverão ser tomadas as seguintes providências:

- I. inicialmente solicitar o teste rápido (presente no hospital e/ou na vigilância epidemiológica) do paciente fonte;

- II. acionar a vigilância epidemiológica do município para a coleta dos demais exames necessários do acadêmico e paciente fonte (HIV, HbsAg, HbC, sífilis) e procedimentos preconizados pelo Ministério da Saúde;
- III. ao chegar o resultado dos exames, uma cópia destes deverá ser entregue para o Coordenador do Estágio. Fica sob responsabilidade do Professor Orientador e/ou Supervisor de Campo a emissão de um relatório detalhado do acidente e das condutas tomadas, que deverá ficar anexado cópia no seu registro acadêmico, sendo comunicado imediatamente à coordenação do curso.

O acadêmico que por má administração, por negligência ou omissão, danificar e extraviar equipamentos ou parte deles ou outros danos causados à instituição conveniada ou da UFPI, deverá ressarcir ou indenizar pelos prejuízos causados.

O aluno que, por motivos instituídos pela Lei Federal nº 11.788/2008, bem como as Normas de Funcionamento dos Cursos de Graduação da UFPI (Resolução CEPEX/UFPI 177/2012), Regulamento de Estágio Obrigatório (Resolução CEPEX/UFPI 22/09) e o que rege este Regulamento poderá solicitar antecipação de estágio obrigatório, desde que aprovado pelo Colegiado do Curso. Mediante aprovação, APENAS nessas circunstâncias, o acadêmico poderá cumprir uma carga horária máxima de 40 horas por semana de acordo com a Lei Federal nº 11.788/2008 que determina em seu “§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino”.

O presente Regulamento poderá ser alterado por meio do voto da maioria absoluta dos membros do Colegiado do Curso de Graduação em Enfermagem – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Compete ao Coordenador de estágio dirimir dúvidas referentes à interpretação deste Regulamento, bem como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

**APÊNDICE A - INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ESCRITA  
DE ESTUDO DE CASO**

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

Avaliador(a): \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO	VALOR	PONTUAÇÃO
1. Adequação às normas de formatação geral da ABNT (elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais)	0,3	
2. Adequação do texto às normas cultas da língua portuguesa	0,3	
3. Introdução (contextualizada, atualizada, com referências relevantes à temática estudada, e com coerência e coesão textual)	0,3	
4. Objetivos (estão escritos com verbos adequados e no infinitivo; expressam ações possíveis de serem alcançadas com o trabalho proposto)	0,2	
5. Método (contêm de forma atualizada e contextualizada, os elementos necessários à identificação dos itens: tipo de estudo, local e período das informações, protocolo da coleta e análise dos dados, e aspectos ético-legais)	1,0	
6. Descrição da doença estudada (aspectos fisiopatológicos, epidemiológicos e terapêuticos)	1,0	
7. Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE): (histórico de enfermagem, diagnósticos de enfermagem, resultados de enfermagem, e intervenções de enfermagem) e registros de duas evoluções clínicas	1,0	
8. Apresentação e análise das informações acerca dos medicamentos e exames complementares relacionados ao caso	0,5	
9. Conclusão (atende ao objetivo proposto)	0,2	
10. Referências, segundo normas ABNT (atualidade, organização e relevância)	0,2	
<b>TOTAL</b>	<b>5,0</b>	

Observação: Nos casos em que forem detectados plágios ou cópias fiéis a textos já publicados em quaisquer veículos de comunicação, será atribuída nota zero conforme descrito no plano de ensino do Estágio Curricular II.

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) examinador(a)

APÊNDICE B - INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO ESCRITA DO RELATÓRIO DE CAMPO DE ESTÁGIO CURRICULAR I e II

Nome do Aluno: \_\_\_\_\_

Avaliador(a): \_\_\_\_\_

Campo de estágio: \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO	VALOR	PONTUAÇÃO
11.Adequação às normas de formatação geral da ABNT (elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais)	0,8	
12.Adequação do texto às normas cultas da língua portuguesa	0,8	
13.Introdução (contextualizada, atualizada, com referências relevantes à temática estudada, e com coerência e coesão textual)	1,0	
14.Objetivos (estão escritos com verbos adequados e no infinitivo; expressam ações possíveis de serem alcançadas com o trabalho proposto)	0,4	
15.Método (contêm de forma atualizada e contextualizada, os elementos necessários à identificação dos itens: tipo de estudo, local e período das informações, protocolo da coleta e análise dos dados, e aspectos ético-legais)	1,0	
16.Descrição das atividades realizadas no campo	4,5	
17.Conclusão (atende ao objetivo proposto)	1,0	
18.Referências, segundo normas ABNT (atualidade, organização e relevância)	0,5	
TOTAL	10,0	

Observação: Nos casos em que forem detectados plágios ou cópias fiéis a textos já publicados em quaisquer veículos de comunicação, será atribuída nota zero conforme descrito no plano de ensino do Estágio Curricular II.

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) examinador(a)

## APÊNDICE C - MODELO PARA RELATÓRIO DO ESTÁGIO CURRICULAR<sup>4</sup>

### Como estruturar o relatório?

Ao se estruturar o relatório, além dos elementos pré e pós-textuais, dá-se espaço adequado para as seguintes partes: 1 introdução; 2 desenvolvimento (descrição, análise e interpretação) e 3 considerações finais.

**INTRODUÇÃO:** Parte, introdutória ao corpo geral do relatório, apresenta a área da atividade (Hospitalar ou Saúde Pública) e descreve, em termos gerais, os objetivos e a finalidade do estágio realizado. Aqui é necessário fazer um breve histórico do (s) local (is) de desenvolvimento do estágio: instituição, setor, capacidade de atendimento, etc.

**DESENVOLVIMENTO:** Relato de todas as atividades realizadas. É o corpo do trabalho. Deve acompanhar cada etapa do Estágio Curricular, a observação e participação na instituição, os projetos de intervenção que realizados, os trabalhos solicitados pelos professores orientadores em sala de aula.

Pode descrever de forma cronológica (como um diário), optar por tópicos ou ainda usar a tabela de atividades codificada. Qualquer que seja a forma escolhida, deverá apresentar o código da forma de realização da atividade pela estagiário (ver legenda na tabela de atividades). Aqui, os fatos são também analisados e interpretados na perspectiva de avaliar a contribuição dos mesmos para a sua formação profissional.

Ao avaliar o estágio, comente sobre sua aprendizagem nos respectivos setores. Acrescente dificuldades encontradas, faça críticas e dê sugestões para melhoria do aprendizado.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A conclusão deve ser breve, clara e provavelmente não conterà respostas para todas as indagações que foram feitas. Como fechamento do trabalho, nas considerações finais é expressa em termos de síntese dos elementos relevantes analisados. As considerações finais não consistem apenas em uma tentativa de síntese do trabalho desenvolvido.

Nesta fase final, é importante que o estagiário avalie qual a importância do estágio para sua formação, buscando um esforço de síntese.

### Normas técnicas de redação

Em relação à redação propriamente dita, convém lembrar que existem dois determinantes: um é o estilo pessoal do autor; o outro é o conjunto de normas propostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para redação técnico-científica.

As normas de apresentação seguirão o padrão ABNT, com a seguinte estrutura:

**Pré-texto:** Capa e Folha de rosto, Sumário (obrigatórios).

**Agradecimentos, dedicatória, folha de citação:** (Opcionais).

<sup>4</sup> \*Modelo de relatório adaptado do Curso de Licenciatura Plena em História - UFPI. Prof. Ms. Francisco de Assis de S. Nascimento

**Texto:** Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais.

**Pós-texto:** Referências (obrigatório), Anexos (obrigatório).

### **Considerações e exemplos relativos ao Pré-texto**

**Capa:** (obrigatório) Devem constar, de cima para baixo, os seguintes elementos: nome da instituição, Campus, Curso; nome do autor; título e subtítulo; cidade da instituição onde o trabalho foi apresentado; ano de entrega.

**Folha de rosto:** (obrigatório) Devem constar, na sequência: nome do autor; título do trabalho; natureza (relatório), objetivo, nome do professor orientador, (trabalho apresentado com a finalidade de...), nome da instituição a que foi submetido; cidade; e ano de entrega.

### **Formatação do Relatório de Estágio**

**1. Apresentação:** deve ser encadernado em Espiral, com capas transparentes.

**2. Espaçamento:** 1,5 (um e meio) para o texto geral; todo parágrafo deve ser iniciado com 1 cm a partir da margem esquerda. O espaçamento simples somente deve ser usado no caso de citações, notas de rodapé, notas de fim de texto, títulos com mais de uma linha, nas referências bibliográficas e divisões secundárias do sumário.

**3. Margem:** devem conter as seguintes dimensões: superior: 3 cm; inferior: 2 cm; Esquerda: 3 cm; Direita: 2 cm.

**4. Numeração da página:** a partir da introdução, a contar da folha de rosto, porém o número de página só aparecerá a partir da Introdução. A numeração deverá vir na página alinhada à margem superior direita.

**5. Papel e fonte:** Papel: tamanho A4, cor branco; Alinhamento: justificado; Fonte texto: 12; tipo Arial; Títulos: 14, em negrito.

## APÊNDICE D - INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR

Este instrumento se baseia na avaliação de habilidades e competências para o aluno do Estágio Curricular do Curso de Graduação em Enfermagem.

Nome do aluno: \_\_\_\_\_

Campo de prática: \_\_\_\_\_

### 1. SABER-SABER (cada item vale de 0,0 a 0,5 pontos)

ITEM AVALIADO	PONTUAÇÃO
1. O aluno demonstra conhecimento teórico acerca dos assuntos abordados na clínica durante as práticas	
2. O aluno demonstra interesse em aprender sobre os assuntos (doenças, tratamentos) abordados na prática	
3. O aluno utiliza referenciais teóricos próprios da ciência de enfermagem para nortear suas ações práticas	
4. O aluno desenvolve uma linha de raciocínio lógico e coerente quando é questionado sobre processos patológicos e seus desdobramentos	
<b>TOTAL</b>	

### 2. SABER-SER (cada item vale de 0,0 a 0,5 pontos)

ITEM AVALIADO	PONTUAÇÃO
1. O aluno demonstra postura ética no desenvolvimento de suas atividades práticas	
2. O aluno demonstra cooperação com a equipe do serviço e com os demais colegas, assumindo postura solidária no tratamento com seus pares	
3. O aluno demonstra empatia, ética compromisso e solidariedade junto aos pacientes e familiares	
4. O aluno demonstra compromisso com horários e assiduidade ao campo de estágio	
5. O aluno é receptivo às normas e rotinas da instituição, e é receptivo às críticas	
6. O aluno assume postura humanizada no tratamento ao paciente e profissionais da equipe de saúde	



### 3. SABER-FAZER (cada item vale de 0,0 a 0,5 pontos)

ITEM AVALIADO	PONTUAÇÃO
1. O aluno demonstra habilidade motora na execução dos procedimentos práticos	
2. O aluno demonstra raciocínio crítico e clínico estruturado ao preencher instrumentos da assistência de enfermagem	
3. O aluno reconhece as tecnologias utilizadas no tratamento do paciente e sabe operá-las	
4. O aluno realiza a comunicação efetiva durante o atendimento de enfermagem	
5. O aluno apresenta evolução no fazer durante o estágio	
6. O aluno demonstra iniciativa e pro-atividade quanto ao fazer junto aos membros da equipe de saúde e colegas de estágio	
<b>TOTAL</b>	

### 4. SABER-APRENDER (cada item vale de 0,0 a 0,5 pontos)

ITEM AVALIADO	PONTUAÇÃO
1. O aluno se apresenta curioso e questionador quanto aos procedimentos, técnicas, casos clínicos e tratamentos vistos em práticas	
2. O aluno se apresenta motivado para aprender e reaprender acerca dos assuntos estudados	
3. O aluno expressa criatividade na execução das práticas assistenciais desenvolvidas	
4. O aluno apresenta demandas para além daquelas apresentadas pelo docente	
<b>TOTAL</b>	

AVALIAÇÃO FINAL: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Docente responsável pelo preenchimento do instrumento

## APÊNDICE E - ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DO ESTUDO DE CASO DO ESTÁGIO CURRICULAR

- CAPA
- FOLHA DE ROSTO
- SUMÁRIO
- INTRODUÇÃO
- OBJETIVO: Geral e específicos
- METODOLOGIA
- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (patologia principal que causou a internação do paciente).
  - Descrição da patologia
    - Conceito
    - Etiologia e incidência
    - Fisiopatologia
    - Classificação – Tipos
    - Sintomatologia
    - Diagnóstico
    - Tratamento
    - Complicações
  - Descrição do estudo de caso
    - Assistência de enfermagem (Histórico de enfermagem (anamnese e exame físico, evolução completa do paciente, problemas de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, resultados esperados e intervenções de enfermagem);
    - Estudo dos exames (os mais importantes);
    - Terapêutica medicamentosa, cirúrgica;
    - Impressões do profissional quanto à evolução do indivíduo.
- CONCLUSÃO: Importância de sistematizar a assistência de enfermagem e as contribuições do trabalho.

- REFERÊNCIAS
- **OBSERVAÇÕES:**
  - Trabalho individual;
  - Escolha aleatória do paciente;
  - Realização de pesquisa para a elaboração do estudo;
  - Opção por uma teoria de enfermagem;
  - Cada aluno apresentará o trabalho ao grupo, por escrito e oralmente, utilizando as normas didáticas;
  - Após cada apresentação, o professor e os demais alunos irão preencher eventuais lacunas no conteúdo apresentado.

**APÊNDICE E - ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE PROVA PRÁTICA – ESTÁGIO CURRICULAR I**

Nome do aluno: _____ Procedimento realizado: _____ Local da prova: _____ Professor orientador: _____
---

<b>ITEM AVALIADO</b>	<b>PONTUAÇÃO TOTAL</b>	<b>PONTUAÇÃO ALCANÇADA</b>
<p><b>CONHECIMENTO TEÓRICO</b> – descreve o procedimento com base na literatura científica de referência e responde questionamento sobre o mesmo.</p>	3,0	
<p><b>TÉCNICA</b> – executa a técnica conforme a descrição na literatura de referência, com segurança, destreza e habilidade. Faz registro do procedimento realizado no prontuário do paciente e solicita ao professor que assine e carimbe o registro.</p>	3,0	
<p><b>MATERIAL</b> – Relaciona e separa o material necessário para realização do procedimento e na ausência de algum item no serviço, refere a impossibilidade de realizar a técnica exatamente conforme o ideal descrito na literatura e busca fazer adequações conforme a disponibilidade dos produtos existente no serviço de saúde.</p>	2,0	
<p><b>EPI</b> – Refere a necessidade do uso de equipamento de proteção individual descrevendo, quando for necessário, a troca do EPI em virtude de técnicas assépticas e/ou antissépticas.</p>	1,0	
<p><b>HUMANIZAÇÃO DO CUIDADO</b> – Apresenta-se, identifica-se, explica qual o procedimento a ser realizado, bem como sua finalidade, busca o conforto e preservação do paciente do início ao fim do procedimento.</p>	1,0	
<b>TOTAL:</b>	<b>10,0</b>	

---

Docente responsável pelo preenchimento do instrumento



## APÊNDICE G - DECLARAÇÃO DE REPOSIÇÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR

Declaramos para os devidos fins que, \_\_\_\_\_, matriculado (a) no \_\_\_\_\_ semestre do Curso de Enfermagem do CSHNB/UFPI, requereu junto a Coordenação de Enfermagem, solicitação de reposição de Estágio Curricular, a ser realizado no (a) \_\_\_\_\_, do dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_, no período das \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_h/relógio), sendo que este período será repostado no dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20\_\_, das \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_, sob supervisão do (a) Enf. \_\_\_\_\_, Cientes do deferimento aprovado dataram e assinaram.

\_\_\_\_\_  
Acadêmico(a) requerente

Picos-PI, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Coord. do Curso de Enfermagem

\_\_\_\_\_  
Coord. Estágio do curso

\_\_\_\_\_  
Orientador(a) de Estágio

\_\_\_\_\_  
Supervisor(a) de Campo

APÊNDICE H - INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DE PROJETO TERAPÊUTICO  
SINGULAR (PTS) DESENVOLVIDO NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

PTS (Individual ou coletivo):

---



---



---

Discentes:

---



---



---

UBS:

---



---

DESCRIÇÃO	VALOR MÁXIMO	PONTUAÇÃO OBJETIVA
Relevância do PTS	2	
Pertinência do PTS à necessidade do público alvo	2	
Participação do público alvo e profissionais da Atenção Básica	2,5	
Qualidade do material exposto	1	
Postura, desenvoltura e clareza na apresentação	1	
Tempo de apresentação coerente	0,5	
Domínio e segurança do conteúdo	1	
TOTAL	10,0	

Picos (PI), \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor orientador

## APÊNDICE I – ORIENTAÇÕES PARA CONSTRUÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR (PTS)

### FUNDAMENTAÇÃO DO PROJETO TERAPÊUTICO SINGULAR

O PTS é um dispositivo de cuidado da clínica ampliada, de cogestão e compartilhamento dialógico, na medida em que possibilita a definição de objetivos comuns e o estabelecimento de tarefas correlacionadas e pactuadas em equipe. Deve ser incorporado na rotina dos serviços de saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), por parte dos gestores, profissionais de saúde, bem como pesquisadores, a partir de uma reflexão teórica e prática dessa ferramenta de processo de trabalho.

A fim de garantir a elaboração e operacionalização de um PTS, Boccardo et al., (2011) propõem a adoção de alguns eixos norteadores: a centralidade na pessoa, a parceria entre equipe e usuário, a articulação dos recursos do território nas ações executadas, a ênfase no contexto da pessoa, a construção compartilhada e a definição de metas com duração previamente acordada.

Brasil (2010) expõe e descreve cada momento de construção do PTS:

#### **I MOMENTO**

##### **DIAGNÓSTICO**

Avaliação e problematização de aspectos orgânicos, psicológicos e sociais que possibilita identificar riscos, vulnerabilidades e potencialidades para a produção de cuidado. Nesta etapa, a equipe procura compreender como o sujeito singular, individual ou coletivo, é coproduzido diante de distintas forças, como a doença, os desejos, o trabalho, a cultura e a rede social, e sintetizar um consenso operativo sobre quais os problemas relevantes do ponto de vista dos profissionais de saúde e do(s) usuário(s) em questão. É entendido como uma avaliação orgânica, psicológica e social que possibilita uma conclusão a respeito dos riscos e da vulnerabilidade do usuário. “Deve tentar captar como o sujeito singular se produz diante de forças como as doenças, os desejos e os interesses, assim como também o trabalho, a cultura, a família e a rede social. Ou seja, tentar entender o que o sujeito faz de tudo que fizeram dele” (BRASIL, 2010).

#### **II MOMENTO**

##### **DEFINIÇÃO DE METAS**

Propostas construídas para curto, médio e longo prazo que serão negociadas com o sujeito doente pelo membro da equipe com 96 Lacerda, Moretti-Pires Processo de Trabalho na Atenção Básica quem tiver um vínculo melhor. Devem ser negociadas com o sujeito singular em questão, preferencialmente pelo profissional com quem possuir melhor vínculo.

#### **III MOMENTO**

##### **DIVISÃO DE RESPONSABILIDADE (CORRESPONSABILIDADE)**

As tarefas de cada envolvido, inclusive do sujeito singular em questão, devem ser bem definidas. Além disso, deve-se identificar um profissional de referência na Equipe de Saúde da Família e/ou na Equipe de Atenção Básica, independentemente da formação, para exercer esse papel, favorecendo a continuidade do andamento das ações acordadas no PTS. Esse será o profissional que o sujeito procurará, caso seja necessário, ou que acionará o NASF sempre que preciso.

#### **IV MOMENTO**

##### **AVALIAÇÃO/REAValiação**

Momento para discussão da evolução e acordo de correções, se necessário.



## CONCEITO

Na perspectiva do desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento de ações na Atenção Básica, o Projeto Terapêutico Singular (PTS) se configura em uma proposta de ação feita pelos acadêmicos, juntamente com a equipe de profissionais a que estão vinculados, sob orientação do docente orientador de estágio curricular (Curso Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal do Piauí), para a resolução de uma situação complexa observada em seu território de atuação.

O PTS é um conjunto de propostas de condutas terapêuticas articuladas, para um sujeito individual ou coletivo (comunidade, grupos e famílias), resultado da discussão coletiva de uma equipe interdisciplinar, com apoio matricial, se necessário. Geralmente, é dedicado a situações mais complexas. Em verdade, é uma variação da discussão de “caso clínico” (BRASIL, 2007).

Nessa perspectiva, para MERHY (1999), o projeto terapêutico deve ser uma ferramenta que responda às demandas objetivas e subjetivas dos sujeitos e tem como objetivo a produção de sua autonomia e apropriação de seu processo de cuidado.

## OBJETIVOS

- Aprender a aprender;
- Aprender a aprender, fazendo;
- Estimular o pensamento crítico e estratégias para solução de situações complexas;

## CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

O cronograma de realização da proposta do PTS e sua aplicação poderá passar por adaptações de acordo com a necessidade de cada unidade básica de saúde, no entanto, o prazo para conclusão e apresentação dos resultados deverá ser seguido. O projeto deverá ser apresentado em sessão pública em formato de Powerpoint, onde será avaliado. Também deve ser entregue uma via impressa ao professor orientador em data determinada pela coordenação de estágio. O PTS é parte integrante da avaliação e requisito necessário para a conclusão do Estágio Curricular I.

### ESTRUTURA DO RELATÓRIO FINAL

**CAPA:** Nome dos alunos (as), do docente orientador do estágio, curso, disciplina, título do trabalho, ano e instituição de ensino;

**CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O PTS NA ATENÇÃO BÁSICA:** Breve contexto conceitual do PTS, apresentação do seu trabalho, informando a motivação para o desenvolvimento da situação complexa escolhida.

**SITUAÇÃO COMPLEXA (PROBLEMATIZAÇÃO):** A situação complexa ou problema é a questão que se buscará resolver por meio do PTS, deixar claro o posicionamento do grupo frente à observação da realidade, de maneira objetiva. O problema deve estar explícito no texto e deve ser: a) claro e preciso - todos os conceitos e termos usados em sua enunciação não podem causar ambiguidades ou dúvidas; b) empírico - ou seja, observável na realidade social do seu contexto de atuação, através de técnicas e métodos apropriados; c) delimitado; d) passível de solução - é necessário que haja maneira de produzir uma solução para o problema dentro de critérios metodológicos e de cientificidade (GIL, 2010).

**JUSTIFICATIVA:** A justificativa é composta pelos fatores que determinaram a escolha do problema a ser resolvido no projeto de intervenção.

**OBJETIVOS:** Indicação daquilo que se pretende alcançar com o PTS. Constitui a ação que conduzirá a solução do problema.

**MOMENTOS DO PTS:** Conjunto de propostas, abordagens, técnicas e processos utilizados para resolver o problema indicado no PTS. Deve levar em consideração os objetivos a serem alcançados e a equipe interdisciplinar. Descrição e discussão crítica sobre os 04 Momentos do PTS. Podem ser usados quadros e imagens (fotos) para ilustrar.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Apresentação e discussão das soluções do problema e dos pontos que foram modificados e/ou resultados esperados na realidade observada. A discussão dos resultados está relacionada diretamente aos objetivos indicados no PTS. Podem ser usados quadros e imagens (fotos) para ilustrar.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Impressões sobre a intervenção, sugestões, críticas.

**REFERÊNCIAS:** Devem ser listados nesta seção todos os documentos utilizados como base para a elaboração do PTS ou citados ao longo do documento. Todo o trabalho deverá seguir a normatização da ABNT.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diretrizes do NASF: Núcleo de Apoio à Saúde da Família. Caderno de Atenção Básica, n. 27. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

BOCCARDO ACS, ZANE FC, RODRIGUES S, MÂNGIA EF. O projeto terapêutico singular como estratégia de organização do cuidado nos serviços de saúde mental. *Rev Ter. Ocup. Univ. São Paulo*. 2011; 22(1): 85-92.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Elaborado pelos docentes que compõe o Estágio Curricular I – 2019.2

Prof <sup>ª</sup> . Dra. Lany Leide de Castro Rocha Campelo	SIAPE: 2307481
Prof. Dr. Fernando Sérgio Pereira de Sousa	SIAPE: 1889162
Prof <sup>ª</sup> . Me. Maria Sauanna Sany de Moura	SIAPE: 3029161
Prof <sup>ª</sup> . Me. Mayla Rosa Guimarães	SIAPE: 3038184















APÊNDICE B - REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICO-ACADÊMICO-CULTURAIS DO**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM – UFPI/CSHNB**

**PICOS – PIAUÍ**  
**2019**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CIENTÍFICO-ACADÊMICO-CULTURAIS DO  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM – UFPI/CSHNB**

**PICOS – PIAUÍ  
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ****REITOR**

José Arimatéia Dantas Lopes

**VICE-REITORA**

Nadir do Nascimento Nogueira

**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO**

André Macedo Santana

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Lucas Lopes de Araújo

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

João Xavier da Cruz Neto

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Regina Lúcia Ferreira Gomes

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Cleânia de Sales Silva

**PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS**

Adriana de Azevedo Paiva

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

**Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira**  
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

**Maráisa Lopes**  
Coordenadora Geral de Graduação

**Maria Rosália Ribeiro Brandim**  
Coordenadora Geral de Estágio

**Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha**  
Coordenadora de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular

**Lucyana Oliveira Barbosa**  
Diretora de Administração Acadêmica

**Rosa Lina Gomes do N. Pereira da Silva**  
Coordenadora de Administração Acadêmica Complementar

**Adrianna de Alencar Setubal**  
Coordenadora de Seleção e Programas Especiais

**Ana Caroline Moura Teixeira**  
Assistente do Pró-Reitor

**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**DIRETOR**

Francisco Gleison da Costa Monteiro

**VICE-DIRETORA**

Maria do Socorro Meireles de Deus

**COORDENADORA DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira

**COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)  
Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)  
Nádyá dos Santos Moura (DOCENTE)  
Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)  
Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)  
Erielton Gomes da Silva (DISCENTE)  
Joao Matheus Ferreira do Nascimento (DISCENTE)

**COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO**

Ana Larissa Gomes Machado (DOCENTE)  
Ana Roberta Vilarouca da Silva (DOCENTE)  
Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)  
Lany Leide de Castro Rocha Campelo (DOCENTE)  
Luisa Helena de Oliveira Lima (DOCENTE)  
Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)  
Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)  
Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO**

Edina Araujo Rodrigues Oliveira  
Givaneide Oliveira de Andrade Luz  
Jackelya Araujo da Silva  
Maria Rosilene Cândido Moreira  
Mailson Fontes de Carvalho

## REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 1º As Atividades Complementares integram a parte flexível do currículo do Curso de Enfermagem/CSHNB, sendo o seu integral cumprimento exigência indispensável para a obtenção do diploma de graduação.

Art. 2º. As atividades complementares serão implementadas e acompanhadas pela Coordenação do Curso e avaliadas pelo Colegiado do mesmo, em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem, com o Projeto Pedagógico do Curso e com a Resolução CEPEX no. 177/12, obedecendo as normas deste Regulamento e observando o disposto no calendário universitário.

Art. 3º. Para o deferimento das atividades complementares realizadas pelo aluno, deverão ser observados os seguintes critérios:

I – as atividades devem ser realizadas a partir do primeiro bloco do curso, após a confirmação da matrícula curricular;

II – devem ser compatíveis com o Projeto Pedagógico do Curso;

III – devem ser compatíveis com o período cursado pelo aluno ou nível de conhecimento compatível com a aprendizagem;

IV – devem ser realizadas durante o transcorrer do curso e/ou no período letivo, desde que em horário diferenciado das aulas, bem como no período de matrícula institucional;

V – devem ser integralizadas até o período anterior de conclusão do curso.

Parágrafo único. As atividades realizadas no último bloco do curso não serão consideradas para efeito de integralização.

Art. 4º. Para a solicitação de integralização das atividades complementares junto à Coordenação do Curso, o aluno deverá apresentar:

I – Requerimento devidamente preenchido e assinado pelo requerente (o próprio aluno ou o representante designado por procuração);

II – Cópia do Histórico Escolar atualizado;

III – Cópia da documentação comprobatória, acompanhada do original, caso esta não esteja autenticada.

Art. 5º. Compõem Atividades Complementares as seguintes atividades, com a respectiva carga horária e documentação exigida:

**I**  
**ATIVIDADES DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA E A PESQUISA**  
**Até 60 H/A (cada atividade)**

<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Projetos de pesquisa ou iniciação científica (IC, ICV), cadastrados na PRPPG	60 h/a	Certificado/declaração e/ ou relatório do professor orientador
2	Monitoria no Curso de Enfermagem	60 h/a	Certificado/declaração/ portaria
3	Bolsista de agências de fomento	40 h/a	Certificado/declaração/ portaria
4	Participação em projetos institucionais (elaboração/ reformulação do PPC do curso, PDI, estatutos e regimentos)	20 h/a	Declaração/portaria
5	Participação em grupos de estudo/ pesquisa em Enfermagem e áreas afins cadastrados na PRPPG	40 h/a	Declaração emitida pelo responsável legal pelo grupo, contendo o número de cadastro do grupo na PRPPG

<b>II</b> <b>ATIVIDADES DE APRESENTAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS GERAIS</b> <b>Até 60 H/A (Soma do conjunto de atividades)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Organização de eventos científicos cadastrados na PREX, realizados: - com carga horária mínima de 40 horas/aula ou duração mínima de 03 dias (15 h/a) - com carga horária inferior a 40 horas/aula ou duração inferior a 03 dias (10 h/a)	Máximo de 30 h/a	Certificado de organização do evento ou declaração emitida pelo coordenador do evento, contendo o número de cadastro do evento na PREX
2	Participação em eventos científicos: - com carga horária mínima de 40 horas/aula ou duração mínima de 03 dias (10 h/a) - com carga horária inferior a 40 horas/aula ou duração inferior a 03 dias (05 h/a)	Máximo de 20 h/a	Certificado de participação emitido pela entidade organizadora do evento
3	Realização de oficinas e/ou palestras relacionadas à área de saúde, exceto as desenvolvidas como parte das atividades previstas nos planos de ensino das disciplinas curriculares - 02 h/a por oficina/palestra realizada	Máximo de 12 h/a	Declaração emitida pela coordenação do curso de Enfermagem; Declaração emitida pelo docente responsável pela organização do seminário



4	Ouvinte em apresentações de seminários extracurriculares, conferências, simpósios, palestras, monografias ou dissertações de mestrado nos cursos de Enfermagem da UFPI - 02 h/a por apresentação assistida	Máximo de 10 h/a	Declaração emitida pela coordenação do curso de Enfermagem; Declaração emitida pelo docente responsável pela organização do seminário
---	---	------------------	---

**III**  
**EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES**  
**Até 120 H/A (Soma do conjunto de atividades)**

ITEM	ATIVIDADES	CARGA HORÁRIA	DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA
1	Realização de estágios não obrigatórios cadastrados na PREX	60 h/a	Termo de compromisso emitido pela PREX e declaração de frequência emitida pelo docente supervisor
2	Participação em atividades extracurriculares de assistência ou assessoria a populações, diretamente ou por intermédio de programas de voluntariado promovidas por associações, sindicatos, organizações governamentais e não governamentais - 20 h/a por cada participação	Máximo de 40 h/a	Atestado contendo timbre, CNPJ, carimbo e assinatura do responsável legal pela entidade, que comprove a participação do aluno na atividade

3	Participação em programas de bolsas da UFPI - 02 bolsas de atividades distintas – 20 h/a - 02 bolsas da mesma atividade – 10 h/a - 01 bolsa – 05 h/a	Máximo de 20 h/a	Declaração emitida pelo docente ou pelo órgão responsável
---	---	------------------	---

**IV**  
**TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS INDEXADAS, JORNAIS E ANAIS, BEM COMO APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS E APROVAÇÃO OU PREMIAÇÃO EM CONCURSOS**  
**Até 90 H/A (Soma do conjunto de atividades)**

<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Trabalho publicado em periódico científico indexado	30 h/a	Artigo publicado ou carta de aceite da publicação no periódico
2	Resumo publicado em periódico científico ou anais de evento com ISBN - 05 h/a por resumo publicado	Máximo de 15 h/a	Resumo do trabalho publicado e número ISBN
3	Apresentação de trabalhos em eventos científicos – autoria - 05 h/a por trabalho apresentado	Máximo de 15 h/a	Certificado de apresentação do trabalho ou Resumo do trabalho apresentado e carta de aceite do evento

4	Apresentação de trabalhos em eventos científicos – relator - 10 h/a por trabalho relatado	Máximo de 30 h/a	Certificado de relator do trabalho ou Declaração emitida pela comissão científica do evento
5	Aprovação e/ou premiação em concurso da área de saúde/afins (concurso público ou evento da área)	10 h/a	Publicação do resultado em Diário Oficial; Certificado de premiação

**V**  
**ATIVIDADES DE EXTENSÃO**  
**Até 90 H/A (Soma do conjunto de atividades)**

<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Participação em projetos de extensão em Enfermagem ou áreas afins cadastrados na PREX	40 h/a	Declaração/atestado de participação emitido pela PREX ou pelo docente responsável pelo projeto
2	Participação em cursos de extensão em Enfermagem ou áreas afins cadastrados na PREX com duração mínima de 40 horas/ aula	30 h/a	Declaração/atestado de participação emitido pela PREX ou pelo docente responsável pelo curso

3	<p>Participação em cursos de curta duração em Enfermagem ou (presenciais ou à distância)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- com carga horária mínima de 08 horas (05 h/a)</li> <li>- com carga horária mínima de 20 horas (10 h/a) áreas afins</li> </ul>	Máximo de 20 h/a	<p>Declaração/atestado de participação emitido pela PREX ou pelo docente responsável pelo curso; Certificado/declaração contendo timbre, carimbo e assinatura do responsável legal pelo curso, que comprove a participação do aluno</p>
---	---	------------------	---

**VI**  
**VIVÊNCIAS DE GESTÃO**  
**Até 40 H/A (Soma do conjunto de atividades)**

<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Participação em órgãos colegiados superiores da UFPI (CEPEX, CONSUN, CAD), em comitês (CEP/UFPI) ou comissões de trabalho na UFPI (comissão eleitoral, CPA)	10 h/a	Ato da reitoria e Atas da primeira e última reuniões ocorridas durante o mandato; Portaria de nomeação da comissão
2	Participação em órgãos deliberativos do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros: Conselho do Campus, Colegiado do Curso	15 h/a	Portaria de nomeação e Atas da primeira e última reuniões ocorridas durante o mandato
3	Representação estudantil da UFPI como membro de diretoria (DCE, Centro Acadêmico)	15 h/a	Declaração emitida pelo presidente/diretor da entidade

<b>VII</b> <b>ATIVIDADES ARTÍSTICO-CULTURAIS E ESPORTIVAS E PRODUÇÕES</b> <b>TÉCNICO-CIENTÍFICAS Até 90 H/A (Soma do conjunto de atividades)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Participação em grupos de arte na UFPI (teatro, dança, coral, poesia, música)	20 h/a	Declaração emitida pelo coordenador do grupo ou pelo responsável legal
2	Participação em grupos de esporte na UFPI	20 h/a	Declaração emitida pelo presidente/diretor do Diretório Central dos Estudantes/Centro Acadêmico do Curso ou responsável legal pelo grupo de esporte
3	Produção ou elaboração de vídeos educativos em saúde ou <i>softwares</i>	25 h/a	Vídeo educativo; <i>software</i>

<b>VIII</b> <b>OUTRAS ATIVIDADES</b> <b>Até 120 H/A (Soma do conjunto de atividades)</b>			
<b>ITEM</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>CARGA HORÁRI A</b>	<b>DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA EXIGIDA</b>
1	Disciplinas optativas ofertadas pelo curso de Enfermagem da UFPI além do quantitativo exigido no PPC do curso - 30 h/a por disciplina optativa	Máximo de 90 h/a	Histórico escolar atualizado

2	Cursos na área da computação e da informática	10 h/a	Certificado/declaração contendo timbre, carimbo e assinatura do responsável legal pelo curso, que comprove a conclusão do curso
3	Cursos de idiomas	10 h/a	Certificado/declaração contendo timbre, carimbo e assinatura do responsável legal pelo curso, que comprove a conclusão do curso
4	Visitas técnicas, exceto as desenvolvidas como atividades previstas no plano de ensino das disciplinas curriculares - 10 h/a por visita	Máximo de 20 h/a	Declaração emitida pelo docente responsável pela visita

Art. 6o. Os casos não especificados neste regulamento serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Enfermagem/CSHNB.

Art. 7o. O presente regulamento entrará em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX/UFPI.

Picos, 05 de dezembro de 2019.

**APÊNDICE C - Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM/CSHNB**

**PICOS – PIAUÍ  
2019**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO  
DO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM/CSHNB**

**PICOS – PIAUÍ  
2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ****REITOR**

José Arimatéia Dantas Lopes

**VICE-REITORA**

Nadir do Nascimento Nogueira

**PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO**

André Macedo Santana

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Lucas Lopes de Araújo

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA E INOVAÇÃO**

João Xavier da Cruz Neto

**PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Regina Lúcia Ferreira Gomes

**PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Cleânia de Sales Silva

**PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS**

Adriana de Azevedo Paiva

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO**

**Romina Julieta Sanchez Paradizo de Oliveira**  
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

**Maráisa Lopes**  
Coordenadora Geral de Graduação

**Maria Rosália Ribeiro Brandim**  
Coordenadora Geral de Estágio

**Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha**  
Coordenadora de Desenvolvimento e Acompanhamento Curricular

**Lucyana Oliveira Barbosa**  
Diretora de Administração Acadêmica

**Rosa Lina Gomes do N. Pereira da Silva**  
Coordenadora de Administração Acadêmica Complementar

**Adrianna de Alencar Setubal**  
Coordenadora de Seleção e Programas Especiais

**Ana Caroline Moura Teixeira**  
Assistente do Pró-Reitor

**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**DIRETOR**

Francisco Gleison da Costa Monteiro

**VICE-DIRETORA**

Maria do Socorro Meireles de Deus

**COORDENADORA DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira

**COMPOSIÇÃO DO COLEGIADO DO CURSO**

Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)  
Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)  
Nádyá dos Santos Moura (DOCENTE)  
Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)  
Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)  
Erielton Gomes da Silva (DISCENTE)  
Joao Matheus Ferreira do Nascimento (DISCENTE)

**COMPOSIÇÃO DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO**

Ana Larissa Gomes Machado (DOCENTE)  
Ana Roberta Vilarouca da Silva (DOCENTE)  
Andressa Suelly Saturnino de Oliveira (PRESIDENTE - DOCENTE)  
Lany Leide de Castro Rocha Campelo (DOCENTE)  
Luisa Helena de Oliveira Lima (DOCENTE)  
Ana Karla Sousa de Oliveira (DOCENTE)  
Jodonai Barbosa da Silva (DOCENTE)  
Francisco Gilberto Fernandes Pereira (DOCENTE)

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO REGULAMENTO**

Edina Araujo Rodrigues Oliveira  
Givaneide Oliveira de Andrade Luz  
Jackelya Araujo da Silva  
Maria Rosilene Cândido Moreira  
Mailson Fontes de Carvalho  
Jonathan Veloso Costa

## **REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB**

Art. 1 ° O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade obrigatória do currículo do Curso de Enfermagem/CSHNB, sendo a sua elaboração exigência indispensável para a obtenção do diploma de graduação.

Art. 2º. O TCC consiste de um trabalho de pesquisa, abordando temas pertinentes, a ser elaborado pelo aluno sob a orientação de um docente e aprovado por Banca Examinadora, podendo ser um trabalho de revisão bibliográfica, pesquisa de campo, trabalho experimental ou relato de caso clínico, desde que com efetiva participação do aluno e atenda as normas constantes neste regulamento.

Parágrafo único – O TCC se inicia com um projeto de pesquisa, que deverá ser submetido pelo professor orientador ao Colegiado do Curso de Enfermagem para apreciação antes de sua execução.

### **CAPÍTULO I – DA COORDENAÇÃO DO TCC**

Art. 3º. A coordenação do TCC do Curso de Enfermagem/CSHNB compete a docente eleito entre os orientadores.

Art. 4º. À coordenação do TCC compete:

- I - divulgar as normas do TCC para todos os alunos a partir do Bloco II do curso e aos professores no início do planejamento para inscrição de TCC;
- II - divulgar os nomes dos professores orientadores do TCC com suas respectivas disponibilidades de vagas para orientação e áreas de conhecimento;
- III - divulgar, caso seja pertinente, outras normas que passarão a compor o TCC;
- IV - formalizar a escolha dos orientadores e seus respectivos orientados;
- V - elaborar o calendário de inscrição do TCC e da apresentação do trabalho final, compatível com o calendário acadêmico;
- VI – divulgar a inscrição dos projetos apreciados pelo Colegiado do Curso;
- VII - cuidar para que o calendário seja rigorosamente cumprido;

- VIII - convocar, quando necessário, reunião com os professores orientadores e/ou orientandos;
- IX - mediar se necessário, as relações entre professor orientador e orientando(s);
- X - avaliar possíveis desistências de professores orientadores;
- XI - analisar a indicação e pertinência da composição da Banca Examinadora e encaminhar o Requerimento para Apresentação do TCC (APÊNDICE F) para apreciação pelo Colegiado do Curso;
- XII - receber as avaliações dos orientandos e os resultados da Banca Examinadora, pelo orientador;
- XIII – disponibilizar material com orientações para o TCC;
- XIV – em colaboração com o STI, disponibilizar, na página do Curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB, um repositório com os TCCs aprovados.

## **CAPÍTULO II – DA ORIENTAÇÃO DO TCC**

Art. 5º. Deverão ser orientadores de TCC os professores efetivos do curso de Enfermagem do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros e demais docentes do referido Campus com experiência na temática a ser desenvolvida.

Art. 6º. A designação do orientador será feita com base na solicitação do aluno encaminhada a Coordenação do Curso por meio da ficha de inscrição (APÊNDICE A).

Art. 7º. Cada professor poderá orientar quantos discentes sejam necessários para contemplar todos os alunos aptos a realizarem o TCC.

Art. 8º. Após a designação do orientador – discentes, estes deverão assinar o Termo de Compromisso do TCC (APÊNDICES B e C).

Art. 9º. A desistência por parte do orientador deverá ser por ele formalizada, mediante documento dirigido à Chefia do Curso de Enfermagem, encaminhado à Coordenação do TCC, especificando as razões da desistência.

Parágrafo único – o pedido de desistência do orientador será apreciado pelo Colegiado do Curso de Enfermagem, conforme os seguintes requisitos:

- I - mérito da questão;
- II - aceitação da orientação do TCC por outro orientador da mesma área de conhecimento.

Art. 10. É responsabilidade do orientador e orientando a sugestão das datas para apresentação do TCC, observando o Calendário elaborado pela Coordenação do TCC.

Art. 11. As sessões de orientação ocorrerão a critério do orientador, de forma a cumprir os prazos determinados, tendo seu registro efetuado através da Folha de Registro de Orientação (APÊNDICE D).

Art. 12. São atribuições do orientador do TCC:

- I - participar das reuniões convocadas pela Coordenação do TCC;
- II - atender seu orientando em horários previamente fixados;
- III - elaborar plano de trabalho para o desenvolvimento do TCC;
- IV - participar das apresentações e defesas para as quais estiver designado;
- V - preencher e assinar juntamente com os demais membros da Banca Examinadora, a Ata de apresentação do TCC (APÊNDICE J) e entregá-la à Coordenação do TCC ao final da sessão de apresentação;
- VI – encaminhar cópia do TCC e Ficha para Avaliação do TCC – apresentação escrita (APÊNDICE G) aos membros da Banca Examinadora, com pelo menos 15 dias de antecedência da data da sua apresentação;
- VII – certificar-se da entrega da versão final impressa do TCC à biblioteca do CSHNB, pelo aluno, antes do término do período letivo no qual houve a sua apresentação;
- VIII - cumprir e fazer cumprir este regulamento.

### **CAPÍTULO III - DO ORIENTANDO**

Art. 13. O aluno em fase de desenvolvimento de TCC terá as seguintes atribuições específicas:

- I – preencher e assinar a ficha de inscrição do TCC na data prevista no Calendário de Inscrição do TCC (APÊNDICE A);
- II - comparecer às reuniões convocadas pela Coordenação do TCC;
- III - comparecer às sessões de orientação nos dias e horários estabelecidos no plano de trabalho elaborado pelo orientador e assinar a Folha de Registro de Orientação (APÊNDICE D);
- IV - cumprir o calendário divulgado pela Coordenação do TCC para a entrega do mesmo e demais apêndices que o compõem;
- V - comparecer em dia, hora e local determinados para apresentar seu TCC;
- VI – encaminhar a versão final impressa do TCC à biblioteca do CSHNB e em CD-room à Coordenação do Curso de Enfermagem antes do término do período letivo no qual houve a sua apresentação;
- VII - cumprir e fazer cumprir este regulamento.

#### **CAPÍTULO IV – DO TCC E DE SUA APROVAÇÃO**

Art. 14. O TCC deverá ser desenvolvido individualmente, sendo sua inscrição efetuada em formulário próprio (APÊNDICE A) e entregue à Coordenação do Curso de Enfermagem/CSHNB para posterior apreciação pelo Colegiado do Curso.

Parágrafo único – os alunos deverão se inscrever para o TCC, observando o disposto no Calendário de Inscrições elaborado pela Coordenação do TCC.

Art. 15. O TCC compõe-se de:

- I – Folha de aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Colegiado do Curso (APÊNDICE E);
- II – Trabalho final redigido na forma de monografia, de acordo com as normas deste regulamento e de seus apêndices;
- III – Folha de aprovação pela Banca Examinadora (APÊNDICE K).

Parágrafo único – nas pesquisas que envolvam seres humanos, deverá ser anexado ao TCC cópia da carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, além da menção de sua aprovação na Metodologia/

Percurso Metodológico do trabalho (número do protocolo), bem como do atendimento ao disposto na legislação específica que trata da matéria.

Art. 16. Após a inscrição do TCC, a mudança do tema somente ocorrerá com aprovação do orientador, mediante elaboração de uma nova inscrição.

Art. 17. O TCC deverá ser elaborado de acordo com as normas adotadas por este regulamento, devendo ser entregue em 4 vias em espiral para a Banca Examinadora, no prazo de pelo menos 15 dias antes da data de sua apresentação, juntamente com a Ficha para Avaliação do TCC – apresentação escrita (APÊNDICE G).

Art. 18. - A apresentação oral e pública do TCC seguirá o calendário definido pela Coordenação do TCC.

Art. 19. O processo de apresentação oral obedecerá as seguintes normas:

- I - vinte minutos ininterruptos para apresentação oral do TCC pelo orientando;
- II - dez minutos para cada componente da Banca Examinadora para arguições e respostas do orientando.

Art. 20. No caso de impedimento da apresentação do TCC, devidamente justificado, o presidente da Banca Examinadora fixará nova data de apresentação, observando o prazo constante no Calendário do TCC e conforme o Art. 10.

Art. 21. Estará aprovado na disciplina Seminário de Pesquisa II o aluno que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete), conforme o Artigo 13 da Resolução CEPEX no. 043/95.

## **CAPÍTULO V - DA BANCA EXAMINADORA**

Art. 22. A banca examinadora será designada pela Chefia do Curso de Enfermagem, após aprovação pelo Colegiado do Curso, sendo composta pelo orientador, dois componentes titulares e um suplente.



§ 1º. – ao orientador, na qualidade de presidente da Banca Examinadora, caberá o convite formal aos examinadores designados, mediante entrega do Convite emitido pela Coordenação do TCC, assinado pela Chefia do Curso de Enfermagem.

§ 2º. – após a apresentação do TCC, a Chefia do Curso de Enfermagem emitirá declaração de participação para a Banca Examinadora.

Art. 23. Somente um dos componentes da Banca Examinadora poderá ser externo à UFPI, desde que preencha os seguintes requisitos:

- I – possuir experiência em docência e/ou assistência na área de conhecimento do tema;
- II - apresentar *curriculum lattes* ou *vitae* resumido;
- III – ser aprovado pelo Colegiado do Curso.

Art. 24. O orientador presidirá a Banca Examinadora na sessão de apresentação do TCC, após a qual consolidará as avaliações emitidas pela Banca Examinadora através da Ficha de Avaliação do TCC – Conceito Final (APÊNDICE I).

Art. 25. Compete à Banca Examinadora ao final da apresentação do TCC e após reunião entre seus componentes emitir o parecer: aprovado ou reprovado.

Art. 26. A Banca Examinadora comprovará a sua avaliação do TCC pela apresentação das Fichas de Avaliação do TCC (apresentação impressa – APÊNDICE G e apresentação oral – APÊNDICE H) devidamente preenchidas, bem como da assinatura da Ficha de Avaliação do TCC – Conceito Final (APÊNDICE I).

## **CAPÍTULO VI - DA AVALIAÇÃO DO TCC**

Art. 27. O processo de avaliação do TCC será feito pela análise da versão impressa e apresentação oral.

§ 1º. – Para a versão impressa serão atribuídos valores de 0 a 50 pontos, conforme os critérios a seguir:

- I - qualidade da apresentação gráfica, redação, correção;

- II - resumo com todas as informações necessárias e adequadas ao trabalho, contendo também as palavras-chave;
- III - delimitação do tema, formulação do problema, hipótese e/ou suposição e objetivos claramente definidos;
- IV - fundamentação teórica adequada ao trabalho;
- V - idéias arroladas com a devida autoria e citações coerentes, obedecendo a formato adequado e corretamente referenciadas;
- VI - metodologia adequada e coerente com os objetivos propostos;
- VII - discussão fundamentada em teoria e coerente com os objetivos propostos;
- VIII - conclusão ou considerações finais estabelecidas de forma clara e coerente com a proposição, resultados obtidos e discussão;
- IX - referências em formato adequado e coerente.

§ 2º. – Para a apresentação oral serão atribuídos valores de 0 a 50 pontos, conforme os critérios a seguir:

- I – domínio do conteúdo;
- II - qualidade do material didático apresentado e seu uso adequado;
- III – postura adotada na apresentação;
- IV - capacidade de síntese;
- V - apresentação de forma clara e consistente;
- VI - utilização adequada do tempo de apresentação;
- VII – coerência nas respostas das arguições.

§ 3º - Os componentes da Banca Examinadora utilizarão formulários próprios para registrar a pontuação emitida para o TCC (APÊNDICES G, H e I).

Art. 28. A nota do TCC, emitida por cada membro da Banca Examinadora, será obtida pelo somatório da pontuação da versão impressa e da apresentação oral, convertida em nota de 0 a 10, conforme o Artigo 27.

Art. 29. A nota final do TCC será o registro da média aritmética obtida pelas notas dos membros da Banca Examinadora, conforme o disposto no Artigo 26.

Art. 30. A conclusão do TCC será efetuada após o cumprimento ao inciso VIII do artigo 12 e inciso VI do artigo 13.

Art. 31. Contra o resultado da avaliação final da Banca Examinadora caberá recurso ao Colegiado do Curso de Enfermagem.

## **CAPÍTULO VII – DA FORMATAÇÃO DO TCC**

Art. 32. A versão definitiva da monografia a ser entregue na biblioteca do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros deverá ser encadernada em capa dura, na cor verde, com letras em dourado, contendo nome da instituição, campus, curso, título e sub-título, se houver, aluno, local e data (APÊNDICE L).

Art. 33. A estrutura formal do TCC deve obedecer o que prevê a Associação Brasileira de Normas Técnicas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos, sendo composta de:

- I – Capa
- II – Folha de rosto e ficha catalográfica
- III – Folha de aprovação
- IV – Dedicatória (opcional)
- V – Agradecimentos (opcional)
- VI – Lista de gráficos, tabelas, siglas (opcional)
- VII – Epígrafe (opcional)
- VIII – Resumo em português
- IX – Resumo em língua estrangeira (inglês)
- X – Sumário
- XI – Introdução e objetivos (objeto, justificativa, problematização)
- XII – Metodologia (ou percurso metodológico)
- XIII – Resultados e discussão (análise e interpretação dos resultados)
- XIV – Conclusão (ou considerações finais)
- XV – Referências
- XVI – Apêndices e anexos (especialmente, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI).

Art. 34. O trabalho deverá ser digitado em papel branco, tamanho A4, com letra do tipo Times New Roman ou Arial, tamanho 12 para o texto, exceto citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e das tabelas que devem ser digitadas em tamanho menor e uniforme. As margens deverão ser de 3 cm (esquerda e superior) e 2 cm (direita e inferior).

Art. 35. Todo o texto deve ser digitado com espaço 1,5, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, ficha catalográfica, natureza do trabalho, objetivo, nome da instituição a que é submetido, que devem ser digitados em espaço simples. As referências, ao final do trabalho, devem ser separadas entre si por dois espaços simples.

Art. 36. Na folha de rosto e na folha de aprovação, a natureza do trabalho, o objetivo e o nome da instituição a que é submetido devem ser alinhados do meio da mancha para a margem direita.

Art. 37. Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas seqüencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada, a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior.

## **CAPÍTULO VIII – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS**

Art. 38. O TCC deverá ser desenvolvido em conformidade com o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem/CSHNB e com este regulamento, além de observar as Normalizações Brasileiras sobre trabalhos acadêmicos vigentes (Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT).

Art. 39. Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso de Enfermagem.

Art. 40. O presente regulamento entrará em vigor na data de sua aprovação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPEX/UFPI.

Picos, 30 de junho de 2010.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 14724**. Informação e Documentação – Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520**. Informação e documentação: citação em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**. Informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº.3**, de 7 de novembro de 2001 - Diretrizes curriculares nacionais do Curso de Graduação em enfermagem, 2001.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução no. 196**, de 10 de outubro de 1996 (dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos). Brasília, 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI). **Resolução CEPEX no. 043**, de 17 de setembro de 1995. Regulamenta a Verificação do Rendimento Escolar nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Piauí. UFPI, 1995.

\_\_\_\_\_. **Resolução CEPEX no. 130**, de 28 de julho de 2006. Aprova o Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem – Bacharelado, para o Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos/PI. Picos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Regulamento do Trabalho de Conclusão do Curso de Odontologia**. Teresina, 2006.

\_\_\_\_\_. **Resolução CEPEX no. 160**, de 25 de junho de 2007. Aprova alterações no Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem – Bacharelado/UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – Picos/PI. Picos, 2007.

APÊNDICE A – FICHA DE INSCRIÇÃO DO TCC



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

Código de inscrição: \_\_\_\_\_  
(NÃO PREENCHER)

FICHA DE INSCRIÇÃO DO TCC DO CURSO DE ENFERMAGEM – CSHNB

Nome do(a) aluno(a): \_\_\_\_\_ Mat.: \_\_\_\_\_

Possui projeto de pesquisa?

Sim ( ) Título: \_\_\_\_\_

Não ( ) Que temática gostaria de desenvolver no TCC? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Picos, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) aluno(a)

-----  
Código de inscrição: \_\_\_\_\_  
(NÃO PREENCHER)

Preencha o quadro abaixo (somente se você já possuir projeto de pesquisa):

SÍNTESE DO PROJETO
Título do projeto:
Tema:
Objetivos: _____ _____
Metodologia (pesquisa bibliográfica, pesquisa descritiva, relato de caso, outros) _____ _____ _____

Escreva o nome de dois professores com quem gostaria de desenvolver o seu TCC. Orientador 1: _____ Orientador 2: _____
--

Picos, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**APÊNDICE B – TERMO DE COMPROMISSO ORIENTADOR**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**TERMO DE COMPROMISSO  
DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB  
- TERMO DO(A) ORIENTADOR(A) -**

Eu, professor(a) \_\_\_\_\_, comprometo-me a cumprir as exigências constantes no Regulamento do Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem/CSHNB, bem como o disposto no Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem/CSHNB, na orientação do(a) discente(a) \_\_\_\_\_.

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) orientador(a)

**APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO DISCENTE****UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM****TERMO DE COMPROMISSO  
DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB  
- TERMO DO(A) DISCENTE -**

Eu, discente \_\_\_\_\_, comprometo-me a cumprir as exigências constantes no Regulamento do Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem/CSHNB, bem como o disposto no Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem/CSHNB, sob orientação do(a) professor(a) \_\_\_\_\_.

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) orientando(a)





## APÊNDICE F – REQUERIMENTO PARA APRESENTAÇÃO



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

#### REQUERIMENTO PARA APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB

Eu, professor(a) \_\_\_\_\_, orientador(a) do Trabalho de Conclusão intitulado

\_\_\_\_\_, tendo como orientando(a) o(a) aluno(a) \_\_\_\_\_, atendendo ao disposto no artigo 24 do Capítulo VIII do Regulamento do Trabalho de Conclusão do Curso de Enfermagem/CSHNB, venho requerer à Chefia do Curso de Enfermagem do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros aprovação da data para apresentação do referido trabalho, bem como da composição da Banca Examinadora:

Proposta de data para apresentação do TCC:

Data preferencial: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Data alternativa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

Sugestão de nomes para compor a Banca Examinadora:

1º. Titular:

Nome completo: \_\_\_\_\_

Instituição de origem: \_\_\_\_\_

E-mail para contato: \_\_\_\_\_ Telefone para contato: \_\_\_\_\_

2º. Titular:

Nome completo: \_\_\_\_\_

Instituição de origem: \_\_\_\_\_

E-mail para contato: \_\_\_\_\_ Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Suplente:

Nome completo: \_\_\_\_\_

Instituição de origem: \_\_\_\_\_

E-mail para contato: \_\_\_\_\_ Telefone para contato: \_\_\_\_\_

Atenciosamente,

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)

## APÊNDICE G – FICHA PARA AVALIAÇÃO – APRESENTAÇÃO ESCRITA



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

#### FICHA PARA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB - APRESENTAÇÃO ESCRITA -

Título do Trabalho: \_\_\_\_\_

Orientando(a): \_\_\_\_\_

Examinador(a): \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO	VALOR	PONTUAÇÃO
16.Título (tamanho, adequação ao objeto de estudo)	0 a 1	
17.Resumo (tamanho, estrutura, uso de descritores/palavras-chave)	0 a 2	
18.Introdução (objeto, justificativa, problematização)	0 a 10	
19.Objetivos (geral e/ou específicos)	0 a 5	
20.Revisão de literatura/Marco teórico/Referencial teórico (citações textuais e contextuais conforme normalização ABNT, uso de literatura atualizada, exceto os clássicos)	0 a 5	
21.Material e métodos/Metodologia/Percurso metodológico (tipo de estudo, local, população e amostra/participantes, período de coleta, instrumentos e procedimentos de coleta, apresentação e análise dos resultados, aspectos éticos e legais da pesquisa/CEP)	0 a 5	
22.Resultados e discussão/Apresentação, análise e interpretação dos resultados (apresentação gráfica, identificação dos sujeitos do estudo, menção da literatura revisada)	0 a 15	
23.Conclusão/Considerações finais (achados mais relevantes do estudo, alcance dos objetivos propostos, sugestões)	0 a 5	
24.Referências (formato conforme normalização ABNT, uso de literatura atualizada, exceto os clássicos)	0 a 1	
25.Formatção geral (folha de rosto, sumário, paginação)	0 a 1	
<b>TOTAL</b>	<b>0 a 50</b>	

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) examinador(a)

## APÊNDICE H – FICHA PARA AVALIAÇÃO – APRESENTAÇÃO ORAL



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

#### FICHA PARA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB - APRESENTAÇÃO ORAL -

Título do Trabalho: \_\_\_\_\_

Orientando(a): \_\_\_\_\_

Examinador(a): \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO	VALOR	PONTUAÇÃO
26.Domínio do conteúdo (expressão verbal e não verbal)	0 a 20	
27.Uso dos recursos audiovisuais (qualidade do material exposto, postura)	0 a 10	
28.Tempo de apresentação (uso adequado do tempo)	0 a 5	
29.Apresentação dos pontos relevantes do estudo (capacidade de síntese)	0 a 10	
30.Arguição (coerência nas respostas)	0 a 5	
<b>TOTAL</b>	<b>0 a 50</b>	

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do(a) examinador(a)

## APÊNDICE I – FICHA PARA AVALIAÇÃO – CONCEITO FINAL



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

#### FICHA PARA AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM/CSHNB – CONCEITO FINAL -

Título do Trabalho: \_\_\_\_\_

Orientando(a): \_\_\_\_\_

Orientador(a): \_\_\_\_\_

CATEGORIA	EXAMINADOR 1	EXAMINADOR 2	EXAMINADOR 3	SOMA- TÓRIO
APRESENTAÇÃO ESCRITA				
APRESENTAÇÃO ORAL				
TOTAL				
			MÉDIA	

Conceito final: ( ) aprovado(a)                      ( ) reprovado(a)

Picos, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) 1º. examinador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) 2º. examinador(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) orientador(a)

## APÊNDICE J – ATA DE APRESENTAÇÃO DO TCC



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI  
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
*Rua Cícero Eduardo s/n – Bairro Junco. 64.600-000 – Picos-PI*  
*Chefia do Curso de Graduação em Enfermagem – Fone 89 3422-1021*

### ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM DO CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS/UFPI

Aos \_\_\_\_\_ dias do mês de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, às \_\_\_\_\_ horas, em sessão pública na sala \_\_\_\_\_ do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, reuniu-se a Banca Examinadora, formalmente convidada para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) discente \_\_\_\_\_, que apresentou o trabalho intitulado \_\_\_\_\_, sob a orientação do(a) professor(a) \_\_\_\_\_.

A referida Banca esteve constituída pelos seguintes examinadores:  
 \_\_\_\_\_ e  
 \_\_\_\_\_.

O(A) presidente da Banca Examinadora, professor(a) \_\_\_\_\_, iniciou a sessão, passando a palavra para o(a) discente, que expôs seu trabalho em vinte minutos. A seguir, passou a palavra para os examinadores, para comentários e arguições. Cada examinador dispôs de dez minutos, para a arguição e para as respostas do(a) discente. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram seus pareceres, que foram consolidados e apresentados através da nota final. Em face dos referidos pareceres, o(a) discente foi considerado(a) \_\_\_\_\_ no Trabalho de Conclusão de Curso e eu, na qualidade de presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos examinadores e pelo(a) orientando(a). Picos, Piauí, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinaturas:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**APÊNDICE L – MODELO DE CAPA DO TCC**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**NOME DO ALUNO**

**TÍTULO**

**PICOS  
ANO**

## APÊNDICE D - Relatório do NDE referendando as referências bibliográficas

### RELATÓRIO SOBRE ACERVO BIBLIOGRÁFICO BIBLIOGRAFIA BÁSICA E COMPLEMENTAR CURSO: BACHARELADO EM ENFERMAGEM DO CSHNB

- 1) O acervo bibliográfico físico foi tombado e encontra-se disponível na Biblioteca Setorial do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.
- 2) O acervo virtual possui contrato disponível na Biblioteca Setorial do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros e na Biblioteca Central da UFPI, através do Portal de Periódicos da CAPES. Estão disponíveis ao usuário por meio do site [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br) (acessado em 04/12/2019);
- 3) O acervo bibliográfico básico e complementar (físico/virtual) é adequado e atualizado aos componentes curriculares descritos no PPC;
- 4) O acervo bibliográfico físico e complementar é adequado em relação ao número de vagas (autorizadas/reconhecidas) por quantidade de exemplares para o curso de Bacharelado em Enfermagem do CSHNB e de outros cursos que utilizam os títulos;
- 5) A instituição garante acesso ao acervo bibliográfico básico/complementar virtual tanto no ambiente interno com instalações e recursos tecnológicos que atende à demanda, sendo ofertado de forma ininterrupta via internet.
- 6) Há garantia, em relação ao acervo virtual, da quantidade de acesso no espaço físico da Instituição e no âmbito externo.

O acervo possui exemplares, com assinatura de acesso virtual ou domínio público, especializado que contemplam as unidades curriculares do curso. É atualizado, de forma a garantir a quantidade de acesso demandada, com plano de contingência de modo a garantir o acesso e o serviço.

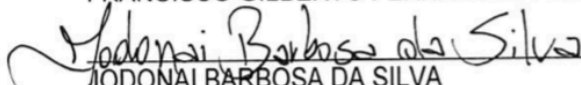
Picos/PI, 05 de dezembro de 2019.

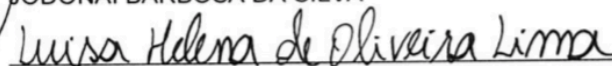
NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

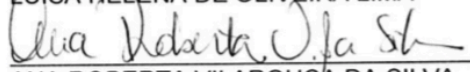
  
ANA KARLA SOUSA DE OLIVEIRA

  
ANDRESSA SUELLY SATURNINO DE OLIVEIRA

  
FRANCISCO GILBERTO FERNANDES PEREIRA

  
JODONAI BARBOSA DA SILVA

  
LUIZA HELENA DE OLIVEIRA LIMA

  
ANA ROBERTA VILAROUÇA DA SILVA

  
ANA LARISSA GOMES MACHADO